

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

ALLAN DAYVIDSON DE AZEVEDO MENEZES

CORPOS AO SOL:

Reflexões sobre identidades e políticas de reconhecimento.

Niterói

2018

ALLAN DAYVIDSON DE AZEVEDO MENEZES

CORPOS AO SOL:

Reflexões sobre identidades e políticas de reconhecimento.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia de Universidade Federal Fluminense como requisito para a futura obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Estudos da Subjetividade
Linha de Pesquisa: Subjetividade, Política e Exclusão Social

Orientador: Marcelo Santana Ferreira

Niterói

2018

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG

M541c Menezes, Allan Dayvidson de Azevedo
Corpos ao Sol: reflexões sobre identidades e políticas de reconhecimento / Allan Dayvidson de Azevedo Menezes ; Marcelo Santana Ferreira, orientador. Niterói, 2018.
93 f.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGP.2018.m.12434271758>

1. Identidade. 2. Sexualidade. 3. Gênero. 4. Políticas de reconhecimento. 5. Produção intelectual. I. Título II. Ferreira, Marcelo Santana, orientador. III. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Psicologia.

CDD -

ALLAN DAYVIDSON DE AZEVEDO MENEZES

CORPOS AO SOL:

Reflexões sobre identidades e políticas de reconhecimento.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia de Universidade Federal Fluminense como requisito para a futura obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA:

Dr. Marcelo Santana Ferreira – Orientador
Universidade Federal Fluminense – UFF

Dr.^a Márcia Oliveira Moraes
Universidade Federal Fluminense – UFF

Dr. Alexsandro Rodrigues
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a meus amigos e companheiros de pesquisa, Carol, Iuri, Luan, Lucas, Mariana, Marina, Vivian, Viviane e, especialmente, a meu orientador querido Marcelo Ferreira. Vocês são minhas parcerias-vagalumes e tem sido lindo cintilar com vocês pela escuridão. Agradeço também à Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo imprescindível investimento em meu percurso de mestrado com a concessão da bolsa por meio do programa de fomento.

Agradecimentos especiais a meus familiares e, principalmente, minha mãe e avó, mulheres incríveis que me dão suporte como podem. Aos minhas queridas e queridos amigos que tornam a minha vida mais divertida e sempre se importam em saber como estou, o que tenho feito da vida. Agradecimentos especiais à Anapê, essa amiga maravilhosa que admiro tanto e que sempre me incentiva. Obrigado a todos por tornarem minha vida mais vivível.

MENEZES, Allan Dayvidson de Azevedo. **Corpos ao sol: Reflexões sobre identidades e políticas de reconhecimento.** Texto de Dissertação. Mestrado em Psicologia. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

RESUMO

Quem é Hélio? Uma pergunta persistente. Essa interrogação visa não só rastrear as identidades que o marcam, mas sua possível origem enquanto lugar enunciativo. Não se pretende solucionar ou abandonar a questão, mas fazê-la prosseguir de modo a trazer mais espessura para o problema. Entre acontecimentos e discussões conceituais, as narrativas aqui tecidas seguem colocando em questão quais são as relações possíveis entre as identidades e as políticas de reconhecimento e tenta contribuir tanto para abertura de categorias quanto para o estabelecimento de alianças que possibilite mais vidas tornarem-se vivíveis.

Palavras-Chave: sexualidade; gênero; identidade; reconhecimento; política

ABSTRACT

Who is Hélio? Such a persistent question. This query does not aim only tracking back identities that marks him, but also your supposed enunciative origin. We do not intend to solve or abandon the question. We mean to make it going forward, making the problem become denser. Throughout events and conceptual discussions, the woven narratives will inquire what relations between identities and acknowledgement politics are possible. We intend to contribute to open categories and to establish possible alliances that make lives more livable.

Keywords: sexuality; gender; identity; acknowledgement; politics

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS08
2. ME CHAME HÉLIO12
2.1. Eu Sol17
2.2. A Questão20
3. CONEXÕES24
3.1. Telas Trincadas28
3.2. Nós31
3.3. Nova Mensagem32
3.4. Estáticas e Estéticas34
3.5. Perfil37
3.6. Máquinas Masturbatórias40
3.7. Carta Não-enviada44
3.8. Políticas de Reconhecimento49
4. VIA(DA)GEM56
4.1. O Viajante Embicha57
4.2. Desfazendo as Malas62
4.3. Entre-Pernas65
5. VIZINHANÇA66
5.1. Querido Hélio71
6. QUEM SOMOS NÓS81
6.1. Vagalumes84
REFERÊNCIAS88

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Talvez você não saiba que o Sol gira em torno de si mesmo cerca de 7.189 km/h. Provavelmente não saiba também que no exato segundo em que ele está prestes a completar mais um ciclo no vigésimo quinto dia de rotação, o sorridente Hélio, aos seus 4 anos de idade e se movendo a 5 km/h, está prestes a completar mais um giro usando um poncho amarelo com listras finas corais, com o colarinho esgarçado e puxado até a cintura como se fosse uma saia rodando. A fração de segundo é a mesma, as proporções enormemente diferentes. Um acontecimento aparentemente ignora o outro e você ignora ambos. Assim como o Sol se move exposto ao olhar de todos sem requisitar permissões, Hélio brinca no quintal da casa onde vive, à mostra e despreocupado. Diferentemente do Sol, ele não completará seu movimento.

Uma mão grande e áspera segura seu braço e o puxa abruptamente. Outra mão puxa o poncho e o rasga até que saia de seu corpo. O tom da voz irritada logo é reconhecido, seu pai que havia chegado do trabalho. Hélio não havia notado. Você também não. Ele é levado a palmadas para dentro de casa. Seu pai fica repetindo coisas do tipo: “não tenho filho gay!”, “não admito filho viadinho!”, “se ficar igual mulherzinha de novo, vai levar uma surra!”. Dentro de casa, mais especificamente na cozinha, inicia-se uma discussão entre seus pais. Seu pai reclama com sua mãe por ela não ter “prestado atenção no filho” que estava no quintal “fazendo besteiras” na frente de todos. “E depois os vizinhos vão ficar aí comentando!”, ele berra. Ela, evidentemente cansada, se põe a discutir sobre a responsabilidade de ambos nesse assunto. Seu irmão mais velho permanece jogando videogame na sala, o cômodo ao lado, ignorando o falatório. Hélio está no canto do cômodo chorando. Ele se expôs, expôs a família, você viu? Por um tempo também não vi.

Eu e Hélio fomos apresentados durante a confecção de minha monografia de graduação em Psicologia e sua história me permitiu visitar e revisitar outras histórias não muito distantes de mim e também vislumbrar uma abertura para outras possibilidades de vida. É possível que, durante a leitura você se pergunte como pode ter se dado tal encontro. Sempre que comento com alguém sobre Hélio e seu papel em minha produção acadêmica, inevitavelmente me questionam de onde ele veio, quais minhas implicações em relação a ele e minhas fontes a respeito desse rapaz. Será Hélio alguém que compartilha comigo alguns espaços de minha rotina? Um vizinho? Um amigo? Talvez alguém que circula pelos espaços acadêmicos? Um autor? Um ex-colega de classe? Ou talvez ele seja um alter ego meu, uma “versão de mim” através da qual me coloco a falar? Só se pode afirmar que ele é ao mesmo tempo um conhecido e um estranho e isso viabiliza que esse sujeito não seja um meio para

falar por mim ou de mim, mas um meio de pensar e falar para além de mim ao me possibilitar momentos entre distanciamento e aproximação daquilo que me proponho a pesquisar: a produção de sujeitos generificados e sexualizados.

A respeito da relação distância-proximidade, algumas considerações podem ser feitas. Hélio e eu com frequência nos encontramos em categorias, compartilhamos cenas, resíduos mnêmicos, traços, falas. Muitas vezes, não fica claro, inclusive para mim, se algo dito parte de mim ou parte dele. Entretanto suas histórias não me devem essas correlações, não se comprometem a contar minhas histórias, nem mesmo de modo adaptado ou criptografado como se os elementos nas cenas e narrativas montassem hieróglifos ou desenhos rupestres do que poderia se dizer da minha vida. Se nos encontramos tão próximos em muitos momentos é justo por efeito do próprio encontro, de coabitarmos um mundo e de sobrevivermos juntos. Por vezes, é ele que me convida a pensar e falar junto. As distâncias e proximidades em que perambulamos dizem respeito ao compartilhamento de experiências e de nossa impossibilidade de compreendermos radicalmente um ao outro. Deparo-me com essa impossibilidade, com os constantes desafios que coloca a minha compreensão, surpreendo-me com Hélio, pois ele me olha nos olhos ao mesmo tempo como um espelho e uma diferenciação que ao invés de simplesmente me localizar num ponto distinto e a certa distância dele, me desloca a ponto de me ver de relance pelos olhos dele, de me ver diferentemente.

Por tudo exposto até aqui, coloco-me a escrever relatos de experiências de Hélio. Chamo por “experiência”, a partir de Scott (1998), um trabalho discursivo sobre os acontecimentos. Sendo assim, a experiência não é algo em si, mas o modo como nos colocamos e elaboramos com e diante de acontecimentos. A autora remonta as condições de retomada da experiência como modo de conhecer em oposição ao empirismo científico clássico, mas ressalva questões importantes nessa virada epistemológica ao compreender que ela (a experiência) não está dada de modo absoluto e tampouco é translúcida. Trata-se de “uma forma como a diferença é estabelecida, como ela opera, e como e de que maneira constitui sujeitos que veem e atuam no mundo” (SCOTT, 1998, p.302). Scott defende ainda que a experiência é modelada pelo e a cada relato e atravessada por condições sociais, históricas e culturais. Outro ponto destacado por ela, e por Butler (2013), é de que o relato presume um “eu” que na verdade é forjado nessa presunção. Esta última autora afirma que o “eu” jamais remontará as condições de sua origem, na medida em que é opaco tal como a “experiência” defendida por Scott; as condições de relato do “eu” estão cindidas desde o princípio. O relato de si é um trabalho sobre a impossibilidade de relatar em absoluto essas

condições. Butler vai ainda além ao afirmar que relatar também presume um “tu”, um interlocutor pretendido, imposto, imaginado ou efetivamente presente que também modula as condições de relato e que é condição primeira para que o “eu” se coloque neste trabalho.

Ali reside um aspecto que considero interessante em minha relação com Hélio agora que releio o que escrevi até aqui (cerca de cinquenta páginas deste trabalho). Eu, por vezes, habito entre esse “eu” e “tu”. Hélio fala e com ele falo, penso e escrevo junto, a ponto desse suposto “eu” parecer como se fôssemos indistinguíveis. Noutras vezes, sinto-me o “tu” a quem ele direciona seus relatos. Não raro, o “eu” que relata e o “tu” que interpela se apresentam não apenas como condicionados um pelo outro, mas se levantam misturados, sem clareza de onde um começaria e outro terminaria, do que supostamente pertenceria a um e não ao outro. Contudo, não há posição que me abrigue em definitivo nessa relação. Sendo assim, me fornece (seja no momento da escrita, nas inúmeras vezes em que releio, seja compartilhando com meus colegas de pesquisa) certa radicalidade da composição dos lugares enunciativos, desse “eu” que relata como composto, coletivo e indissociável.

Diante dessas considerações, confesso que se revela um desafio sustentar objetivos mais específicos neste percurso de dissertação, não por desconhecer totalmente o que me mobiliza a escrevê-la, mas por apostar numa abertura (quem sabe até grande demais) aos acasos da escrita, às surpresas do percurso e de minhas próprias opacidades como pesquisador e sujeito. É como se saísse de viagem e, ao invés de levar comigo mapas e itinerários, levasse apenas uma vontade de passeios sem destinos muito marcados, que seguem, se desorientam ou desviam ou interrompem de acordo com as mudanças de horizonte que se forem apresentando. A alusão à viagem que aqui faço se aproxima da percepção de viagem a que Louro (2004) recorre ao falar sobre os “viajantes da pós-modernidade” na medida em que compreendo viagem como “desenraizamento, deslocamento, trânsito” (p.13) e, assim, portadora de um potencial de transformação.

Deste modo, minha escrita parte politicamente de certo despreparo para escrever, ou melhor, ela oscila entre preparo e despreparo, entre o que sei e o que não sei. Escrever se torna, assim, um exercício que não só maneja e articula um repertório prévio de vocabulário, mas um exercício de deslocamento e reposicionamento. Acredito que escrever também se trata, intensa e amplamente, de manejos e articulações de encontros e desencontros com as palavras, com os colegas de pesquisa, com outras pessoas, com condições ambientais (previsíveis ou não, persistentes ou ocasionais) no momento da escrita, com o imanente, com aquilo que aparece e me afeta exigindo rearranjo com o mundo. Cada nova palavra ou frase (escrita, digitada, proferida, ouvida, lembrada, compartilhada) coloca novos desafios ao

pensamento, à escrita e aos referenciais disponíveis, exigindo ativa disponibilidade à criação. Por sua vez, cada nova criação insinua direções, ramifica os (des)caminhos, agita disputas e negociações, coloca em risco inclusive aquilo que já parecia se consolidar como texto. Não à toa, aludo à viagem para falar sobre escrever e pesquisar, porque escrever não é meramente representação do pensar/falar, tampouco da vida, mas antes de tudo é deslocar-me e reinventar meus modos de pensar, falar e viver.

Por essa razão, qualquer delimitação objetiva que fizer estará sempre em jogo, os horizontes se transformam à medida que prossigo. O que mais me instiga a escrever é justamente aquilo que ainda não vi, não pensei, não toquei. Tal como a política de escrita de Foucault que Aquino e Ó (2014) retomam, escrevo movido pelo desejo de “mudar a mim mesmo” e pensar diferentemente do que pensava antes de escrever. É nesse sentido que a especificidade de objetivos nesta pesquisa é desafiante, visto que necessito lançar-me, experimentar a escrita a ponto de, quem sabe, me deparar com os descaminhos do próprio exercício de escrever.

De horizonte epistemológico, a princípio, tento operar a partir da percepção de Butler (2013) acerca da crítica em Foucault. Para Butler, a crítica é um exercício que requer a suspensão do juízo, que não se contenta com a condenação. Para Arendt (2004), tal suspensão se dá na possibilidade de certo distanciamento em relação ao mundo, distanciamento para se haver com aquilo que nos cerca, com as condições de nossa existência e as condições de avaliação desta. Mas Butler alerta que o juízo e a moral não são abdicáveis devido a sua participação inalienável em nossa constituição. O exercício crítico é assim, o esforço de “ultrapassagem” das normas, valores e práticas que nos tornaram possíveis, objetivando, em sua reverberação, rever e reorganizar nossos parâmetros éticos e estéticos em relação às normas e valores. A distância estratégica e a reaproximação crítica que se precisa estabelecer em relação ao mundo é justo o esforço de produzir uma crítica não ingênua nem estrangeira ao mundo, mas uma crítica capaz de estranhar esse mundo de dentro.

A política de “saberes localizados” que Haraway (2013) defende encontra correspondência no esforço crítico de Butler ao postular que a compreensão das circunstâncias da crítica, nos termos de Haraway, a “objetividade” da crítica requer reconhecimento da localização e parcialidade que se precisa assumir. As condições do trabalho crítico, as parcerias que são possíveis de se estabelecer, as ferramentas disponíveis, as disputas em jogo, os imprevistos, etc. tudo isso conta como composição e parcialidade da produção do conhecimento. Para este trabalho recorro especialmente a Haraway, ao compreender que precisamos de “teorias críticas modernas sobre como os significados e

corpos são construídos, não para negar significados e corpos, mas para viver em significados e corpos que tenham possibilidade de um futuro” (ibid, p.16). A crítica não encontra sentido somente num diagnóstico de mundo, mas justo nos rearranjos que se pode fazer a partir do exercício crítico. Eis as apostas éticas e políticas que compõem meu esforço epistemológico na confecção desse trabalho, no curso dessa viagem.

No entanto, reconheço que, assim como nos *Road Movies* evocados por Louro (2004) quase todas as viagens se iniciam rumo a uma promessa de destino. Ainda que, não raramente, esse destino mude ou seja esquecido no percurso, se faz necessária ao menos uma questão como ponto de partida. Partirei, então, da deixa que finalizou meu texto monográfico e que se tornou uma questão efetivamente para minhas reflexões: a **identidade**. Início colocando-a assim numa única palavra e sem interrogação de propósito, pois desejo pensá-la desde sua aparência mais conclusiva. Então, de malas prontas, à beira da estrada, faço sinal para o automóvel vindo no horizonte. Você para o carro, abaixa o vidro e me pergunta aonde vou. Aponto para alguma direção. Entro no carro e, antes de você colocá-lo em movimento novamente, pergunta meu nome. Por ora...

2. ME CHAME HÉLIO

Se tento dar um relato de mim mesma, e se tento me fazer reconhecível e compreensível, devo começar com um relato narrativo de minha vida. Mas essa narrativa será desorientada pelo que não é meu, ou não é só meu. E, até certo ponto, terei de me fazer substituível para me fazer reconhecível. A autoridade narrativa do 'eu' deve dar lugar à perspectiva e à temporalidade de um conjunto de normas que contesta a singularidade de minha história. (Butler, 2015, p.52)

“...Gay?”

Eu disse... Eu disse isso! E foi sobre mim. Mas foi diferente. A primeira vez que me referi a mim mesmo desse jeito sem achar tão estranho, alheio, ou ainda vergonhoso e ameaçador. Selecionei essa palavra! Não ao acaso, pois já a ouvi muitas vezes, geralmente em tom de ofensa ou no meio de perguntas supostamente cuidadosas direcionadas a mim. Lembro também dos sábados à noite na sala lá de casa. Minha família ria, muitas piadas envolvendo essa palavra. Eu também ria.

Lembrei-me do Elias... Na época da oitava série, horário do recreio, banheiro, eu dentro de uma das cabines onde ficam as privadas. De lá ouvi passos apressados e, então, a voz de Elias pedindo que parassem de aborrecê-lo e, logo, ouvi as vozes de três outros garotos, sorridentes, confiantes. Eles usaram muito essa palavra e outras parecidas misturadas a vários xingamentos em meio a gargalhadas para se referir ao Elias. Meu coração acelerado,

minha mente buscando planos de fuga de lá. Abri a porta! Saí a passos largos do banheiro¹. De relance pude notar que um deles tentava acertá-lo com o esguicho de urina enquanto os demais lhe seguravam, mas Elias se debatia, esquivava, lutava. E eu fugia...

Fiquei com medo... Medo de ser alvo das agressões deles um dia. Medo de ser perseguido, constrangido, maltratado. Medo de ser o Elias. Até qualquer semelhança entre nossos nomes me incomodava, acredita? Na quinta série, tive um colega de classe também chamado Hélio. Era estranho, eu era provavelmente o único até então em toda escola (que era relativamente pequena) quando o outro “Hélio” entrou em cena e ainda compartilhava da mesma turma. Volta e meia alguém fazia alguma comparação entre nós, fosse para apontar semelhanças, ou diferenças. Numa aula de Artes fizemos desenhos mais ou menos parecidos e a professora, ao notar, expôs para a turma a coincidência. Instantaneamente, senti como se eu tivesse deixado de ser autor daquele desenho. Certa vez, durante uma das poucas aulas de Educação Física em que o professor deixou minha amiga Laura jogar futebol com os meninos, no meio da quadra ela disse “Todo 'Hélio' que conheço é ruim no futebol!” quando o outro Hélio errou o gol.

Parece que todo mundo está sempre procurando uma forma de comparar coisas e pessoas, encontrar um comum a partir do qual possam, de modo urgente, reconhecer e classificar. Não queria nada em comum com o Elias. Por quê? Uma sexualidade infame e um corpo agredido? Esse corpo que constantemente traía o projeto de masculinidade que foi destinado a ele. Era como se o corpo dele servisse de evidência para os crimes do meu corpo. Aqueles garotos também não queriam nada em comum com aquele corpo. Será que o maltratavam para garantir que não tivessem nada em comum com ele? Se sim, isso quer dizer que tenho algo em comum com eles então? Não! Também não queria nada em comum com eles! O que eu queria? O que quero?

Sempre tirei proveito da invisibilidade que adquiri por onde passei. Antes do grupo da oficina de arte, nunca me sentia efetivamente parte de nada. Em casa, quando meus pais ainda eram casados, o principal tema que se referia a mim eram meus comportamentos considerados

¹“A divisão entre banheiros masculinos e femininos reitera essa produção política do sistema sexo-gênero. A democracia ocidental moderna, estabelecendo-se pelo discurso de igualdade do gênero humano, construiu-se segregando e hierarquizando, a partir do padrão de humano – macho, branco, heterossexual, cristão, reprodutor – , mulheres, negros, homossexuais, dissidentes religiosos. Diante dessa situação em que nos encontramos, é possível perceber a precariedade da vida no uso que fazemos dos banheiros públicos? Em que consiste a precariedade das vidas que questionam as normas estabelecidas de sexo-gênero regulando os corpos? Essas vidas precárias e problematizantes do cotidiano educacional desejam espaços nos quais caibam todos os corpos e gêneros dissidentes e desviantes da política da vigilância sexista?” (RODRIGUES, ZAMBONI & ROCON, 2016, p.71)

diferentes do esperado e, depois que meu pai saiu de cena e não mais soubemos dele, esse assunto ficou, de certa forma, apaziguado, nunca discutido. Não partilhava muito dos meus pensamentos e sentimentos com minha família e eles não me questionavam desde que eu me mantivesse comportado. No colégio, sempre fui de poucos amigos, pouca participação nas aulas, notas medianas, não incomodava ninguém. Eu quis ser comum e anônimo, era menos complicado, prestava menos contas. Aí aconteceram muitas coisas e... Bom, não deu mais para ser menos complicado.

Não sei se começou com a oficina de pintura promovida pela minha professora Carmem, mas foi naquele espaço que aconteceu. Era para ser uma atividade sem fins curriculares formais, fora do horário habitual do colégio. Era um lugar legal. A professora, que na verdade lecionava filosofia, convidou alunos do Ensino Médio para esse trabalho. Quase ninguém topou. Eu topei. Olhando agora, acho que só quis uma distração na época. As coisas andavam especialmente difíceis em casa, na lanchonete em que trabalhava e na minha cabeça de modo geral. Não era igual à chatice da aula, nem um dia de expediente, era algo para fazer só por fazer. Descobri que sou péssimo em pintura! Os encontros eram duas vezes na semana e levei muito tempo até conseguir pintar um quadro todo. Era um lugar legal!

Não demorou e recebemos um convite de incentivo da diretora Tânia. A feira de literatura que ocorreria no início de julho seria decorada com uma pequena exposição de quadros confeccionados por nós, integrantes da oficina. Depois de uma breve reunião, decidimos aceitar o convite e expor uma obra de cada um do grupo. Então, uma vez selecionados os quadros, a diretora passou para dar uma olhada. Meu quadro, o único quadro que consegui concluir em mais de um mês. A professora Carmem nos alertou certa vez que a cena excede o quadro². Qual o valor de uma pintura para quem a pintou? Duas formas meio humanoides que parecem se aproximar sob um efeito de luz na fresta entre seus lábios. Para mim, valia bastante. Para a diretora Tânia, não valia muito. Segundo ela, meu quadro fazia referência a uma relação homoafetiva e em tempos da tal “ideologia de gênero”, não seria aconselhável trazer essa temática à feira. A primeira vez que ouvi essa expressão. A diretora dizia que “ideologia de gênero é a negação de que existem homem e mulher”. A professora Carmem diz que “é um monte de informação distorcida para causar terror e minar discussões

² Para Butler (2016b) o reconhecimento se dá a partir de um quadro normativo que orienta nosso olhar. Só conseguimos ver enquadrando a cena em certas normas de reconhecibilidade, nossa visão não só é intermediada, mas também seletiva. Olhar já é selecionar parcialmente o que passará ou não por nossa percepção. Ainda, essas normas não determinam em definitivo o que será visto, mesmo que privilegie uma perspectiva em detrimento de outras, porque o enquadramento não é tudo que vemos. Conseguimos, inclusive, ver em diversas ocasiões e condições distintas aquilo que as molduras disponíveis deixaram de fora. A cena excede ao quadro.

importantes sobre gênero e sexualidade”³. Não sei bem o que é isso de ideologia de gênero, mas meu quadro certamente não surgiu de uma conspiração contra a suposta natureza dos gêneros. Ele apenas aconteceu. Parece-me que é justo por exceder ao quadro que minha obra diz e provoca mais do que imaginei.

A professora Carmem e o grupo insistiram que meu quadro deveria estar exposto junto aos demais. A diretora Tânia, então, discursou sobre a dificuldade de manter a exposição, a possibilidade de queixas dos pais e responsáveis dos alunos e qualquer outro alvoroço no evento escolar caso isso não fosse revisado e se retirou da sala logo em seguida, prometendo voltar ainda naquela mesma semana para confirmar a exposição. O rosto da professora ficou tão vermelho quanto seu cabelo. Iniciou-se um pequeno falatório na sala. Laura se aproximou de mim e iniciou suas tentativas de avaliação prudente da situação. Todos ali pareciam, àquela altura, compreender como seria estranho um dos membros da oficina não ter seu quadro exposto. A professora perguntou o que eu achava, visto que fui o único a não opinar a respeito até então. Fiquei em silêncio. Fugindo de novo! Por que me lembrei do Elias nesse momento?

Laura se pronuncia como que na tentativa de romper meu silêncio. Então, divide sua preocupação sobre expor meu quadro nesse cenário de tensão, pois, ao mostrar esse quadro abertamente, assinado por mim e comigo lá, todos deduziriam que eu sou... “Gay?”, completei sua fala. É notável o silêncio que se manteve na sala depois de o dizer. O contraste com o falatório anterior me passava a impressão de que fiz algo inesperado não só para mim mesmo, mas para todos ali. Normalmente mal falava, quanto mais pronunciar uma identidade. Ricardo, outro membro da oficina, diz imediatamente que minha sexualidade não é problema para ninguém ali no grupo, mas que “a galera do colégio poderia zoar” meu quadro.

Curioso que a primeira pessoa que ouvi se pronunciar publicamente como gay dentro do colégio foi Elias no horário de saída, em meados do ano passado, aos berros contra um garoto que fazia chacota dele. Elias disse: “Sou gay mesmo! Viado! Bicha! Qual o problema?”. A inspetora apareceu e levou os dois à diretoria. Na época interpretei aquilo como uma atitude desesperada dele. Agora já não sei. Lá na oitava série ele teria evitado

³A expressão “ideologia de gênero” é uma interpretação dos Estudos de Gênero que “surge no interior da Igreja Católica e do Movimento Internacional e Nacional Pró-vida e Pró-Família” conforme afirma Furlani (2016b) em vídeo no Youtube intitulado “Ideologia de Gênero – Parte 1/6 – Quem criou, por que e para que?” e em seu documento/análise (FURLANI, 2016a) da cartilha “Você já ouviu falar em “ideologia de gênero”?”. Essa narrativa considera estudos que compreendem gênero como construção social uma ameaça para a “família tradicional” aqui considerada como natural e normativa da organização familiar. Trata-se no momento de um campo de disputas em que alguns discursos conservadores buscam formalizar uma oposição frontal a reflexões sobre gênero e sexualidade. Na prática, os opositores (que se utilizam amplamente da expressão “ideologia de gênero”) têm operado por meio de discursos incendiários recorrendo, de modo sensacionalista, ao medo coletivo vinculando tais estudos a temas de forte apelo moral popular como pedofilia e sexualização infantil.

confronto, teria resistido apenas para não ser agredido, mas ali, um ano e meio depois, não. Ele aumentou o tom de voz e disse com energia e postura de ataque. Será que, como ele, eu usei a palavra “gay” com a mesma disposição para um confronto? Ou como possibilidade de dar conta da enorme frustração que aquela exigência da diretora me causava? Mas fui eu realmente que me disse “gay”?

Pelo que percebo, completo a frase de Laura, mas ao dizer essa palavra nesse contexto, coloco-me como endereço possível para a identidade/sexualidade gay. Em seguida, a fala de Ricardo me certifica como destinatário ao afirmar prontamente a posição do grupo frente minha sexualidade. E tudo isso acontece aqui, num “entre” mim, Laura, Ricardo, diretora Tânia, professora Carmem... Talvez nesse “entre” caibam muito mais pessoas: meus familiares, amigos, os humoristas do programa de TV, os atores de propagandas e filmes, Elias, quem sabe a sociedade inteira. Talvez até objetos, prédios, ruas, calçadas, quadros, roupas, relógios, etc. ou mesmo o ar, a pressão atmosférica, meus afetos e pensamentos. Esse “entre” que media aquilo que consigo dizer e pensar sobre mim (e que me compele a falar ou não de mim) parece infinito e apenas parcialmente apreensível a ponto de eu não ser capaz de afirmar com precisão um alguém único que seja integralmente o autor da ação de ter me dito “gay”.⁴ Entretanto, tal ação me coloca em cena e terei de me responsabilizar (por imposição ou vontade) pelos encaminhamentos que darei em minha relação com essa palavra. Se não estou equivocado em pensar isso, creio que dizer-me “gay” foi mais um apelo a esse “entre”, do que o reconhecimento de quem supostamente sou, de quais desejos e afetos me compõem e a qual identidade sexual pertença.

Por outro lado, até aquele momento, minha sexualidade não era um assunto explícito no grupo, nem na maior parte dos grupos pelos quais eu circulava. Tenho a impressão meio paranoica de que grande parte das pessoas com quem convivia parecia tratar esse tema como algo que eu supostamente escondia embora elas soubessem bem o que era. Por alguma razão, também comprei a ideia de que escondia algo, mas, ao contrário do que se pode pensar, não era claro no início como seria exatamente esse algo. Dele, só havia nomes que mal cabiam, que me eram incômodos, me sinalizavam perigo, um perigo de ser. E vivíamos um jogo de

⁴Quando Foucault (1999) rastreia os aspectos históricos que tornaram o sexo o lugar da verdade secreta do ser, ele nos oferece uma visada sobre identidade e história que nos permite compreender que a figura da identidade “homossexual” é contingente ao paradigma dessa busca de verdade de si. Contudo, as variações das contingências foram viabilizando a produção de mais camadas aos marcadores identitários ao longo da história, uma vez que a incorporação da identidade não se dá necessariamente na forma de ordem expressa, de determinação exclusiva de um sobre o outro. Se uma identidade ganha corpo é porque há relações que a sustentem e reiterem visando garantir sua manutenção. Isso também não se dá ao sem que haja rasuras, atualizações e refigurações dos próprios parâmetros identitários.

mau gosto: eu sabia que eles sabiam que eu sabia. Pensando agora, nem sei bem se tinha algo a se saber. Mas agora tem. Eu me propus gay. É muito estranho eu não achar isso simples?

2.1 Eu Sol

Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos por parte de pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas de demandas de sigilo ou exposição. (Sedgwick, 2007, p.22)

Dias depois. Não mudou muita coisa na minha rotina, a não ser falas esporádicas de dois de meus colegas da oficina de pintura que por acaso também são meus colegas de classe, a Karina e o Ricardo, “Quando foi que você descobriu sua sexualidade?”; “Eu sempre reparei, mas não tinha certeza de que você fosse homossexual”; “Você já se interessou por alguém lá da turma?”; “Sua família sabe?” entre outras. A Karina, sobretudo, parecia animadíssima com o fato de eu ser o que ela chamava de “melhor amigo gay” como naquelas comédias românticas americanas que passam à tarde na TV. Parece que, para ela, quando falei sobre minha sexualidade, inaugurei um novo ser, um novo tipo de amigo e ao mesmo tempo um show de curiosidades. Às vezes, até gosto de corresponder ao que esperam de mim, mas tem sempre algo faltando nesse jogo, algo que me deixa inquieto.

Não notei, a princípio, nenhuma agressividade ou rejeição explícita por parte deles quanto a minha sexualidade que é a reação padrão nos meus pesadelos sempre que penso que alguém possa cogitar sobre minha sexualidade, mas me incomoda um pouco o excesso desse tipo de curiosidade sobre mim também. O tom da voz deles... Meus amigos sempre diminuem o tom de voz, quase sussurram quando tocam nesse assunto. Até isso me era um pouco incômodo não sei por que. Aqueles que compunham a oficina se tornaram de repente (e sem qualquer acordo prévio comigo) meus 'confidentes', como cúmplices de um crime, meu crime. As mesmas vozes que sussurram para manter um certo sigilo, me questionam, inferem, buscam desvendar detalhes de minha infame sexualidade⁵.

Por outro lado, admito que, no fundo, até gostaria de ter respostas para todas as perguntas que me fazem e saber como reagir aos comentários, até inventei algumas respostas.

⁵Meu esforço analítico nesta cena foi de pensar como se opera o jogo segredo-revelação trabalhado por Foucault (1999) em sua “História da Sexualidade” e por Sedgwick (2007) em sua “Epistemologia do Armário”. O primeiro, preocupado em remontar as condições históricas que incitaram o sexo a falar constantemente e, a partir disso, produziram discursos diversos na busca da verdade no/do sexo, enquanto segredo confessado e lugar da verdade subterrânea do indivíduo (FOUCAULT, 1999). Sedgwick (2007) por sua vez, reflete sobre como a díade segredo/revelação opera na constituição do armário e da identidade homossexual em que há sempre uma convocatória a confessar de sua sexualidade/identidade como modo de regulação dos corpos sob essa identidade.

Disse que tinha me interessado por um garoto bonito que nem estuda mais lá no colégio há uns dois anos só para atrair um pouco de atenção para mim. Karina e Laura adoraram saber da história, ficaram até um pouco eufóricas. Ai! Sou uma farsa! Pior que respondi categoricamente cada uma das perguntas que me fizeram, mesmo que aos gaguejos quando ficava constrangido. Infelizmente isso de ser gay não era algo tão autoevidente na prática quanto achei que seria. Até passei a madrugada reassistindo alguns daqueles filmes favoritos de Karina, para ver como eram esses tais melhores amigos gays. Foi diferente essa experiência. Se antes, aquele amigo gay engraçado, meio descolado, meio infame e um tanto sarcástico passava por minha retina como personagem “acessório” na trama, estando ali sempre referido à protagonista, agora observo e me pergunto o porquê de ele mal ter uma vida própria, tramas próprias, dúvidas próprias.

Decidi, então, assistir filmes protagonizados por personagens homossexuais como contraponto, mas não conseguiria fazer isso em casa, uma vez que não tenho quarto, meu computador fica na sala de estar e nunca estou sozinho lá. No dia seguinte, comentei com Laura da minha vontade e ela me convidou para assistir em sua casa depois da aula. Já na casa dela, sentamos sobre o tapete da sala e com o notebook em mãos iniciamos a busca online. Localizamos alguns títulos e acabamos escolhendo “O despertar de uma adolescência”⁶. Minha ideia era prestar atenção no personagem gay na história desse filme, ver que tipos de vida outra pessoa homossexual vive ou pode viver. A esperança é de entender por que parece que estou fazendo isso errado.

Certamente, o retrato da sexualidade das personagens parece bem diferente em relação aos filmes que assisti na madrugada anterior. Conta a história protagonizada por um adolescente que vive em uma cidade rural estadunidense. O Duncan é tímido, meio isolado, parece que sua mãe mediava significativamente a relação dele com o mundo e agora, sem ela, ele precisa dar conta de relações que antes não dava diretamente: com seu pai, com outros adolescentes, com o Barry que é o vizinho por quem ele é apaixonado. Barry... Minha atenção não estava conseguindo se engajar totalmente em estabelecer parâmetros de reconhecimento de um retrato homossexual das personagens. Claro que pode ter sido pelos frequentes comentários de Laura que, inclusive, passei a ignorar na metade do filme. Mas olhando para a relação entre Duncan e Barry se construindo, os detalhes nela, as sutilezas do contato, só consegui me lembrar do meu tempo com o Matias e todos os caminhos que convergiram para

⁶Filme *Mudge boy*, 2005.

meu quadro na oficina de pintura um mês atrás. E voltamos ao quadro do meu dilema: devo ou não insistir em expor? Por que tô pensando nisso agora? Estou perdendo o foco do filme!

Porém, e se, me perdendo nessas lembranças, eu estiver justamente no foco do filme? Quero dizer, o filme me remete a coisas que de fato se deram na minha vida. Diferente do que ocorreu em meu contato com a figura do “amigo gay”, me conectei diretamente com a experiência de Duncan e Barry. Até certo ponto me vejo no Duncan e só me dou conta disso porque há um Barry. Como seria o Duncan sem o Barry? O Barry sem o Duncan? Ainda me identificaria com ele? Como seria o Hélio sem o Matias? E sem o Elias? Como excluir os outros de quem somos? Identificar-me como gay só foi possível porque estive em contato, fui exposto, estimulado, confrontado, invadido, pressionado pela presença de outras pessoas, outros corpos, outras vozes dizendo piadas num programa de TV no horário nobre, ofensas num banheiro do colégio, gritando disputas de sentido num pátio, sussurrando convites à confidência.

Uma semana depois, ainda mexido por tudo isso, a professora Carmem nos disse que no próximo semestre as atividades da oficina de pintura não ocorreriam devido a alterações na agenda dela, mas com possibilidade de retorno no ano seguinte. Fiquei meio perdido com aquele anúncio. Olhei ao redor e meus colegas pareciam também estar recebendo com certa intensidade aquela notícia. Falamos um pouco sobre o tempo que aproveitamos ali. Julho já se aproximava, agora ainda mais rápido. Diante disso, pensei que insistir em expor meu quadro seria colocar em risco a chance de que meus colegas pudessem vivenciar a exposição dos quadros deles ao menos uma vez, um *gran finale* para nossos tempos naquela oficina. Foram apenas quatro meses juntos, mas parece uma vida inteira.

“Decidi que não vou expor meu quadro”, eu disse de repente, mas com um tom tranquilo. Meus colegas ainda tentaram me persuadir a reconsiderar, mas estava decidido. A professora Carmem claramente não gostou nada da minha decisão, ficou emburrada durante o resto de nosso encontro. Nunca havia visto a professora Carmem emburrada antes. Ela sempre foi do tipo que fala abertamente sobre o que não gosta. Então, esperei todos meus colegas de oficina saírem para ir até ela. Queria falar sobre a exposição, me explicar melhor.

Confesso que a figura dessa mulher sempre me intimidou, mas também a tenho num lugar de referência, a considero uma pessoa incrível. Aproximei-me tímido e disse que me dispunha a participar de qualquer outro projeto que ela viesse a propor no colégio ou fora dele. Ela agradeceu, elogiou minha trajetória na oficina e falou por alto sobre sua insatisfação por eu retirar meu quadro da exposição. Entretanto, disse que entendia a importância de que a escolha fosse minha naquela situação.

Então, fiz o impensável: em vez de tentar explicar minha decisão, me pus a falar de modo desorganizado sobre as questões que vinham ocupando meus pensamentos em relação à minha sexualidade, de minhas dúvidas sobre o que de fato representa ser gay e de todas as imagens e dizeres que me assaltavam, que me interpelavam... “Interpelação”⁷, conheci essa palavra com a própria Carmem um dia na oficina, mas não entendi bem a explicação dela a respeito na época. No entanto, ali a usei com tal propriedade que o sentido me veio tão espontaneamente quanto meu ímpeto de compartilhar com a professora Carmem o que me inquietava. Concluí perguntando: “O que se faz com questões que persistem, não importa como e quantas vezes eu faça escolhas e me posicione?”.

Ela escutou em silêncio e, já com a expressão mais serena, disse: “Não sei se tenho uma boa saída para isso, Hélio. Apenas mantenha a questão enquanto ela fizer sentido e for importante para você. Uma questão aparece, produz muitas perguntas, mas será que sempre se trata de achar respostas? Estou inclinada a acreditar que, muitas vezes, uma questão persiste justamente para impedir que sejamos devorados pelas respostas”.

2.2 A questão

As semanas se seguiram e não estive mais exaustivamente às voltas com minhas incertezas. Mesmo não entendendo exatamente o que a professora Carmem quis dizer, falar com ela me ajudou, eu acho. Era como se, assumindo minhas dúvidas para ela, estivesse partilhando um pouco do peso de sustentá-las. Estava me sentindo mais leve como se estivesse dando um descanso para minha mente sobre essa coisa de ser gay. Não, eu ainda estava pensando nisso, mas de um jeito um pouco diferente que não sei colocar bem em palavras. Às vezes, até me pegava distraído vagando por pensamentos diversos sem muita forma, mas que, de certa maneira, me remetiam à questão. Era quase um sonho desperto.

Naquela semana, após reclamações de meu chefe a respeito de minhas distrações frequentes, decidi voltar minha atenção aos afazeres, mas logo tive outra questão com que lidar. Laura planejava um encontro entre mim e um conhecido dela chamado Raul que era gay. Ela lhe pediu que me convidasse para algum passeio no “mundo LGBT”. No mesmo dia, eu e ele já nos comunicávamos por mensagens. Ele flertava comigo e eu tentei como pude demonstrar meu interesse por ele também, embora reconheça que sou meio atrapalhado em flertar. Uns dias depois, Raul me convidou para uma festa na casa de uns amigos. Fiquei

⁷Butler, 2015.

ansioso pela experiência e cheio de receios também. Tantas dúvidas que iam desde o que devo vestir ou como cumprimentar até o que fazer caso ele me beijasse ou propusesse sexo.

Raul me encontrou no ponto de ônibus próximo ao endereço e me cumprimentou com um beijo no rosto. A primeira vez que um homem me beija o rosto em público. Mesmo o contato físico com outros homens me era estranho. Meu corpo enrijeceu um pouco e acho que ele notou, pois sorriu meio sem jeito. Já na festa, Raul me levou pela mão (já suada) através dos cômodos da casa me apresentando a seus amigos, outros rapazes (a maior parte aparentemente gays, eu diria) e algumas moças até que, na varanda, estacionamos numa pequena roda de conversa.

Eles falavam, às gargalhadas, de suas experiências pela noite, boates e bebidas favoritas, de pessoas das quais duvidavam da heterossexualidade. Senti não ter muito a partilhar ali. Até comentei um pouco sobre minhas experiências na oficina quando uma amiga do Raul (Helena) tentou me incluir na conversa sobre preconceito, que se iniciara após os relatos de alguns a respeito de perseguições e ameaças de agressão que sofreram em suas andanças pela noite. Achei curioso eles rirem enquanto contavam essas histórias assustadoras, como se contassem cenas de um filme de comédia. Contudo, a temática da conversa logo foi interrompida por outro rapaz se queixando de que “é só as viadas se reunirem pra ficarem falando em homofobia o tempo todo”. e que isso não seria apropriado para o clima da festa.

As agressões, perseguições e ameaças direcionadas a pessoas não-heterossexuais parecem marcar essas existências de modo que, em circunstâncias de aliançamento (de estar entre e junto a outros que vivenciam violências semelhantes e até piores contra suas condições transgressoras à norma heterossexual) provoque essa necessidade de falar a respeito disso, falar para dar conta disso. Mas eles sorriem, gargalham ao contar sobre suas desventuras... Será que sorriem por que sentem alívio em compartilhar e serem compreendidos? Será que gargalham por se sentirem mais acolhidos e seguros ali a ponto de recontarem essas histórias para si e para os outros como se não fossem paralisantes e amedrontadoras?⁸ E por que meu

⁸O armário é constituinte da experiência da homossexualidade de nosso tempo, segundo Sedgwick (2007). Este armário a que aqui se refere pode não ser um lugar de onde se “sai” efetiva e definitivamente, do dentro para o fora, do segredo para a revelação. Há uma tensão constante na díade segredo-revelação da homossexualidade de modo que cada novo ambiente reapresenta o armário ao indivíduo, reapresenta o trabalho de torná-lo mais suportável. Sair do armário é, nesse sentido, ampliar as possibilidades de se haver, de modo menos ingênuo, não com um “lado de fora”, mas com a própria tensão dentro-fora. Haver-se com essa díade é aumentar as possibilidades de circulação nesse armário. Porque, do contrário, ficam no armário não só uma sexualidade infame, mas as possibilidades de significar as violências direcionadas aos corpos inconformes com a heteronormatividade, as possibilidades de suportá-las. Cornejo (2012) diz que não analisa a cena em que contou para sua mãe sobre seu interesse por homens como sua saída do armário, para ele nenhum “armário foi destruído, nem os monstros que o habitavam foram domados ou aniquilados” (p.77). Ele não contou a sua mãe para se confessar, mas como uma tentativa de tornar o armário mais suportável; de que sua mãe o ajudasse a

corpo não se sentiu tão tonificado quanto os corpos dessas pessoas pareciam se sentir ali? Por que esse compartilhamento de histórias me amedronta e paralisa? Por que não me nutro nesse coletivo?

Pensando nisso, desapareci naquela festa. Vez ou outra o Raul tentava me incluir nos assuntos, mas ou eu não sabia o que dizer a respeito ou o que dizia parecia não fazer muito sentido para meus interlocutores. Meu ‘acompanhante’, por sua vez, passou a tentar me instruir a como me portar naquela festa, disse para eu falar de amenidades, não incluir assuntos chatos como colégio e trabalho e tratou de manter meu copo de cerveja (que, a propósito, acho uma bebida amarga demais para meu gosto) sempre cheio. Isso tudo só intensificou meu silêncio e meu desconforto aquela noite.

Não demorou muito para decidir ir para casa. Despedi-me do Raul e de alguns de seus amigos. A volta de ônibus foi especialmente solitária. Por mais estranho que seja meu relacionamento com a identidade homossexual, no fundo sempre nutri uma certa esperança fantasiosa de que um dia encontraria definições que cairiam como uma luva sobre como me sinto e penso e não me sentiria tão desprendido de tudo. Talvez esteja pensando demais mesmo no que é ou não ser gay, fazendo disso tudo uma questão...

Questão... Pergunta... Talvez a questão persista, mas as perguntas possam mudar. O que estou falando? *Peraí*, deixe-me pensar melhor... E se substituísse a pergunta ‘o que é ser gay?’ por ‘como posso ser gay?’⁹. Em outras palavras, não posso negar que a identidade gay esteve presente na minha vida, fosse em anedotas dos programas de TV, nos filmes favoritos da Karina, nas agressões do meu pai, nas preocupações da minha mãe, no assédio que faziam ao Elias, na resistência da diretora Tânia, nos relatos dos amigos do Raul na festa. Tudo isso me afeta por corresponder a algo dos meus sentimentos, pensamentos e desejos, me afeta, sobretudo, não por atingir em cheio algo que me defina, mas por sempre pegar inevitavelmente de raspão e me deixar marcado o bastante para me haver com essas interpelações, com o que elas fazem de mim e com o que posso fazer com elas.

torná-lo mais suportável; ele não saiu do armário, sua mãe que entrou. Ali, na festa em que Hélio estava, aqueles corpos faziam circular suas experiências, circulavam pelos armários uns dos outros, resignificavam as violências e medos que sentiram e sentiam para que juntos tornassem suas vidas mais vivíveis (BUTLER, 2016).

⁹Silveira Filho (2010), Zago (2010) e Arantes (2010) discutem, cada um a seu modo e campos de análise específicos, as produções de identidades masculinas homossexuais apontando manifestações múltiplas em torno de identidades forjadas nas articulações entre de gênero e sexualidade. Para Guattari & Rolnik (2000) as identidades são arranjos cuja montagem não se deu alheia ao mundo, elas se constituíram (e ainda se constituem) justo a partir de estratos de manifestações humanas singulares que são reunidos num arranjo que, por condições históricas e sociais, são tomados como marcadores identitários, tornando-se assim quadros referenciais que incorporamos e reproduzimos.

Comentei com Laura sobre a experiência da festa e o que andava pensando enquanto nos dirigíamos à entrada do colégio. Ela insistiu que eu precisava sair mais com outros gays, circular por mais espaços voltados para esse público para aprender a como ser. É estranho que se deva aprender a ser algo que pensam que se é desde sempre. Começava, assim, a compreender que dizer-se gay era bem mais que o reconhecimento de uma sexualidade fixa e natural, mas engajar-se no que estava em torno dessa identidade e num certo projeto de si. Assim como minha pintura, eu excedo aos quadros através dos quais sou frequentemente convocado a aparecer. E todas essas representações múltiplas do que poderia ser gay, do que estaria neste projeto de si, são como holofotes multicoloridos perambulando pelo palco da vida, disputando as regras de aparecimento e reconhecimento. Mas a cada nova pessoa que sai dos bastidores e sobe ao palco, se coloca um novo desafio às regras de luminosidade e de reconhecimento¹⁰.

De qualquer forma, gostei da ideia de sair com outras pessoas gays. Tirando o Elias, não convivia com outros homossexuais, se é que posso dizer que convivia com ele já que nunca trocamos uma palavra em anos de colégio. Mas, como quem lê pensamentos, naquele exato momento Elias apareceu à porta da sala de aula logo após eu entrar. Ele perguntou por Rafaela, uma amiga dele que é da minha classe. Eu o informei que ela não se encontrava. “Obrigado, Hélio!” e saiu. Pronto, já trocamos alguma palavra. Era um começo.

Foi estranho falar com o Elias. Por muito tempo ele foi um mito trágico que repeti para mim mesmo como lembrete de meu destino fatal. Mas não, ele era alguém que existia, que falava, perguntava, agradecia, que sobrevivia e que eu mal conhecia. Como sou idiota! Se voltasse agora ao meu desespero inicial em não querer “ser Elias”, percebo quanta energia desperdiçada. Isso parece tão obvio agora! Não só fugi do banheiro aquele dia em que Elias foi agredido lá. Eu vinha negando e fugindo de qualquer empatia por ele desde sempre.

Por outro lado, foi tão curiosa essa coincidência do Elias aparecer lá e falar comigo. Quase como se ouvindo meu chamado, um chamado que não começou ali naquele momento.

¹⁰Se, conforme Butler (2016b), o quadro é um recorte de cena e requer reprodutibilidade para persistir existindo e produzindo subjetividades, a reprodução não se dá ao largo do risco de transformação dos próprios referenciais que a sustentam ou mesmo seu desmantelamento. Para a autora a reiteração demandada é ao mesmo tempo um dos meios mais efetivos de estabelecimento de um enquadramento e seu maior risco de se descaracterizar e até de desmontar no processo. As identidades são ainda assimiladas também de formas múltiplas e singulares. Ao se identificar como homossexual, a pessoa não está reconhecendo uma essência a ser nomeada por uma identidade, mas se incluindo num certo projeto de gênero e sexualidade a partir de pontos de identificação com alguns estratos que compõem o quadro referencial a partir do qual o projeto se monta. As adesões, isenções e investimentos no projeto não são homogêneas, tampouco garantidas ou definitivas, mas plurais, repletas de atravessamentos que dizem respeito às singularidades das vidas que ali se configuram (ZAGO, 2010). Cada novo sujeito que adere a uma identidade, também a rasura.

Talvez tenha começado na oficina, quando falei “Gay” completando a fala de Laura. Talvez tenha começado ainda antes disso, na sala da minha casa assistindo aquele programa de comédia com minha família, ou em mim girando na varanda com aquele poncho até a cintura e depois sendo agredido por meu pai... Quando eu disse “gay” acho que tentei emitir um sinal para o universo, não para dizer algo a respeito da minha verdade, mas na esperança de não estar só, de ser lembrando que no meu “eu” há um “nós”¹¹, que me possibilitasse estabelecer alianças para continuar a existir.

Identificar-me como gay me impõe conexões com aqueles que se identificam do mesmo modo e com tudo aquilo ao redor dessa identidade. Posso decidir sustentar uma rejeição a esses encontros, visto o tratamento que é dirigido a pessoas gays ou ainda ser devorado por ela (a identidade) enquanto resposta final sobre quem sou, continuar a fugir do banheiro. Contudo, estranhamente e ao mesmo tempo, parece que rejeitar esse lugar nesse momento, é rejeitar algo que já me envolve, que faz parte da forma como me vejo, que desafia minha liberdade, a do Elias e a de todos que se veem sob a sombra dessa mesma identidade, a liberdade mínima de sermos quem conseguirmos ser, de nos portarmos como nos for possível, de desejarmos como desejamos, de nos apaixonarmos por quem nos apaixonamos. Preciso olhar mais de perto essas conexões.

3. CONEXÕES

Os olhos têm sido usados para significar uma habilidade perversa – esmerilhada à perfeição na história da ciência vinculada ao militarismo, ao capitalismo, ao colonialismo e à supremacia masculina – de distanciar o sujeito cognoscente de todos e de tudo no interesse do poder desmesurado. (Haraway, 1995, p. 19)

Sabe quando você tem um ‘estalo’ que começa a desencadear uma série de novas percepções do que acontece em seu entorno? Quantas coisas um olho consegue ver?¹² E quantas ele ignora? Não é bem como se estivesse vendo as coisas mais claramente, mas como se me desse conta de quão minha visão sempre será um pouco turva. Certa vez, em uma aula

¹¹Assim como Cornejo (2012) pontua, ter se identificado gay não foi uma revelação, a saída do armário, mas antes um esforço de sobreviver, de tornar sua “vida mais vivível” (BUTLER, 2016), acredito que a identidade gay se torna muitas vezes a possibilidade de “ficar de pé” (p.29), de pé junto com outras vidas que se encontram trafegando dentro e aos redores dela. A identidade nesse contexto se mostra também como ponto de encontros.

¹²Mais um de muitos questionamentos que partiram de meus primeiros contatos com textos da Haraway(1995) e deixaram zumbindo em meus ouvidos que, por sua vez, ganharam ainda mais decibéis em minha aproximação de Butler (2015; 2016): esses olhos, essa visão cheia de mediações, ruídos e opacidades que ao mesmo tempo turvam o que se pode ver e são constituintes da própria capacidade de enxergar. Haraway (1995) nos atenta para o poder perceptual da visão e nos lembra que devemos fazer uso dessa ferramenta. A visão, apesar de marcada historicamente por “sistemas visuais” hegemônicos, nos é disponível e, por isso, disputável.

de Biologia, a professora explicou que nossa visão não depende só dos olhos, mas de uma área do cérebro responsável pela organização e reconhecimento das imagens que nosso globo ocular capta, além de também recorrer a áreas cerebrais da memória. Sendo assim, ver não se trata só de captura de luz, mas de processar e imprimir imagens a partir das relações a que tivemos acesso, nosso histórico sensorial e perceptual. Só conseguimos enxergar relacionando o que vemos com o que já vimos e percebemos; o histórico de nossa visão (e até de todos os nossos sentidos e percepções) interfere e importa para que sejamos capazes de ver. Ao buscar filmes, textos, propagandas, lugares e retratos sobre a homossexualidade estou incluindo novas cenas e quadros em meu histórico e isso pode alterar minhas possibilidades de observação daqui por diante.

Por outro lado, o fato de me dar conta de detalhes ou perspectivas que já me foram imperceptíveis mais que me possibilitar ver o que não via, me deixa sentindo ainda menor, percebo que se trata de um trabalho impossível atingir uma visão nítida e definitiva e que o que meus olhos alcançam são sempre tons e formas mais ou menos daquilo que eles buscam ao olhar. Dou-me conta que o exercício de enxergar também é compreender os limites e as mediações presentes em minha visão. Não é possível ver sem enquadrar, disse-me a professora Carmem¹³ certa vez, mas e aquilo que excede ao quadro? Como trabalhar sobre esses limites, sobre os arredores das molduras de que disponho, no que está em jogo na orientação do meu olhar¹⁴.

Encaro a foto do meu quadro no celular e parece ser outro. Tento lembrar de como foi pintá-lo. Uma madrugada quente e úmida de verão, lembro-me de sensações, da textura da tinta acrílica ressecando em minhas mãos e braços. Minhas roupas sujas. A memória vem em fragmentos e me esforço para conectá-los, as lembranças do processo de pintura parecem se embaralhar com as percepções de agora e até com outras lembranças de que mal me recordava. Dentre estas últimas, lembro-me da primeira vez que mostrei o quadro para minha mãe. Ela parecia pouco atenta, pois preparava sua marmita para o dia seguinte de trabalho,

¹³Butler, 2016b.

¹⁴Dizer que o enquadramento é constitutivo da capacidade de reconhecer não é mesmo que dizer que tudo que se vê e reconhece é o que está enquadrado. Butler (2016b) nos aponta que é possível ver e reconhecer inclusive aquilo que ficou fora do quadro de reconhecimento. Pensando ainda sobre suas considerações a respeito da crítica (BUTLER, 2015), podemos afirmar que olhar criticamente o quadro não se encerra no conteúdo material e imagético dentro da moldura, mas também sobre aquilo que foi ocluído no processo de emolduramento da cena, aquilo que habita as fronteiras do que foi privilegiado no recorte perceptual da obra, em outras palavras, as condições que possibilitaram certa política de enquadramento ao invés de outras. Enxergar já é selecionar. A importância dessa discussão me parece residir tanto na problematização das políticas de enquadramento quanto na materialização da noção de que outros recortes são possíveis, e que reconhecer, seja uma vida digna de ser vivida ou um acontecimento, é uma tarefa conclusa.

mas isso não a impediu de tecer o comentário mais diferente de todos os outros que ouvi posteriormente a respeito da minha obra: “Hum! Esse é você olhando para um espelho?”... Posso atribuir essa percepção diferencial à desatenção dela, ou pressupor alguma tentativa de negar que seu filho aparentemente representou dois homens prestes a se beijar, ou ainda a minha própria limitação artística em representar tal cena. Seja como for, não posso dizer que a percepção que ela verbalizou era totalmente absurda. Ao contrário, era uma dimensão daquela imagem que excedia meus esforços de enquadramento, que dizia respeito às condições de feitura do quadro. Um espelho... Impreciso como qualquer outro.

As condições de feitura do quadro... Olho ao redor. Começo a perceber, igualmente incomodado, situações que antes eram “comuns” no meu cotidiano sem conseguir necessariamente nomear os incômodos que me vêm, como quando olho para as expressões acompanhadas por comentários sarcásticos que o professor de Educação Física direciona à Laura enquanto ela praticamente implora para participar do futebol com os meninos. Hoje, dei-me conta pela primeira vez que o banheiro feminino da escola sempre ficava com a porta fechada e o masculino não. Inclusive, a inspetora vigiava para garantir que permanecessem assim. Dei-me conta também da presença de grades por toda parte no meu colégio, dos espaços em que não me sinto autorizado a circular, mesmo sem que fosse preciso me dizer isso¹⁵. Estranhei a cena de humor do filme de comédia que passou na TV ontem em que um personagem homossexual se insinuava de maneira desconcertante para outro personagem (supostamente heterossexual) que fazia pouco caso de suas investidas. Minha família ria, eu não. Tampouco ri quando, durante o recreio, um garoto colocou um chiclete na camisa do Elias sem o mesmo notar. Fingi que ia em direção ao banheiro e, ao passar por Elias, informei-lhe sobre o chiclete, sem entrar em detalhes a respeito de como chegou a sua camisa.

Não sei se consigo me fazer entender aqui, mas não é o despertar para uma consciência superior ou algo assim. É simplesmente olhar de outra perspectiva, sob outras luminosidades, sob outras condições atmosféricas e isso me permite perceber que há outros quadros possíveis ali. A professora Carmem nos provocou a tentar aplicar sombreamento e luminosidade de objetos na pintura em um dos encontros da oficina.

Ela iniciou dizendo que nossos olhos desenharam o mundo o tempo todo. A visão é, em certa medida, um jogo de presunção e desenhar é brincar com as presunções. Quando olhamos

¹⁵Louro (1997) nos alerta que a “escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos ela afirma o que cada um pode ou não fazer, ela separa e institui [...] O prédio escolar informa a todos/as sua razão de existir. Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos ‘fazem sentido’, instituem múltiplos sentidos, constituem distintos sujeitos” (p.58).

para o desenho de um objeto tridimensional, não precisamos efetivamente ver todos os lados para presumir que há três dimensões ali; seja um objeto simples como uma esfera ou um cone, até mais complexos com texturas de toda sorte. Quais seriam, então, as condições mínimas para se reconhecer as formas num desenho? E eu incluiria me perguntando, quais são as condições mínimas para se reconhecer as formas de meus desenhos de mundo?

A professora prossegue afirmando que a primeira e mais básica é a **linha** que é um limite arbitrário sobre o que definimos como objeto. É tão arbitrário e ao mesmo tempo tão coletivo que quase qualquer pessoa consegue representar uma árvore ou uma casa com apenas algumas linhas e facilmente se reconhece que aquilo visa representar uma árvore ou uma casa. A segunda, talvez uma das mais poderosas (e perigosas), é a **luminosidade**. Isso se deve a ela ser um dos principais apelos normativos a um realismo, a uma verdade para aquela imagem. Um jogo de luz e sombra pode fazer um triângulo ser um cone e alterando a luminosidade, se torna uma pirâmide ou até mesmo deixa de existir. Luz e sombra dão volume, espessura e textura de modo muito convincente à cena. A terceira é a **perspectiva** e diz respeito a manejos da orientação do olhar, nos induzindo a perceber as cenas (e os atores nelas) a partir de um posicionamento em relação à profundidade e a distância. Esse é um terreno mais movediço do que os das linhas e luminosidades; a cada nova perspectiva, a cena pode mudar completamente as proporções, as proximidades e intensidades. Cada lugar numa sala de teatro, cada cadeira na sala de aula, no banco do ônibus, cada centímetro na galeria de arte, cada posição nas camadas sociais, nas comunidades, etc. e as perspectivas colocam as cenas (e com elas as histórias contadas) em risco, os limites arbitrários das linhas e os regimes de verdades das luzes, tudo fica em risco.

Peguem o celular de vocês, ela disse de repente. Permanecemos imóveis sem entender o pedido repentino. Então, a professora insiste: é sério, peguem o celular e tirem uma *selfie*; tentem colocar a câmera do celular numa posição que achem que jamais tirariam para uma foto que pretendessem postar no famigerado *Instagram*: de cabeça para baixo, ou inclinado para alguma direção estranha, bem de perto ou de longe, como quiserem, improvisem... Pronto? Agora olhem para as fotos. Imagino que não figurem dentre as ‘melhores’ que já tiraram. Talvez seja até desconfortável olhar para elas... Não é? Talvez, digam que elas não fazem jus a vocês, as percepções que tem de si mesmos. Talvez achem graça como vejo pelos risos de alguns. Talvez ainda relembrem inseguranças, formas, cores e texturas suas com as quais negociam, ou simplesmente rejeitam.

Eu senti um pouco de cada um desses “talvez” que a professora listou. Na verdade, não sei se senti exatamente naquele dia, mas sinto agora que relembro. E compreendo melhor

quando ela concluiu dizendo que as mudanças de perspectiva têm disso, podem contestar a autoevidência de uma cena dada. A perspectiva esteve em jogo na montagem da cena e entra em jogo novamente cada vez que novos olhos as reencenam, redesenham de perspectivas outras, tanto espaciais (a posição espacial de onde se olha), quanto demais contingências (história, repertório pessoal, conexões disponíveis). Os três aspectos (linha, luminosidade e perspectiva) são constituintes das cenas e podem variá-las em forma e conteúdo. Compõem assim o que chamamos de enquadramento da cena. Entretanto, dentre eles a perspectiva, a meu ver, tende a ser um dos aspectos mais desestabilizadores por ser capaz de deslocar as linhas e colocar em xeque aquilo que as excedeu; por, a cada movimento perspectivo, colocar um novo desafio às estratégias de iluminação utilizadas até ali a ponto de muitas vezes acessar de modo diferencial o que esteve iluminado, o que esteve obscurecido e as implicações desse arranjo de luz e sombra; por, inclusive, nos mostrar os limites das perspectivas que estiveram em jogo no desenho da cena até então. Por isso, pergunto a vocês: que mundo seus olhos têm desenhado?

Agora, daqui do banco do ônibus voltando para casa, olhando através da janela quase como um viajante observando cenas pouco conhecidas, pensando nas possibilidades e desafios que esses lugares insinuam, impressionado com paisagens por desenhar. Ao mesmo tempo me encantam novas perspectivas que se esboçam, e assusta me deslocar tanto a ponto de perder de vista minhas possibilidades de compartilhar com mais alguém as dimensões e mundos que se desenham nesse processo. Como transmitir essas estranhas paisagens que pareciam tão comuns? Será que precisarei inventar novos modos de contá-las? A solidão dessa experiência faz com que eu não resista também ao desejo de que meus olhos cruzassem com alguma companhia para essa viagem, olhos que enxergassem meus olhos estrangeiros como estão.

3.1 Telas trincadas

Chego tarde em casa, pois estudo à noite para conciliar com o trabalho na lanchonete. Minha mãe já deve estar dormindo. Sorte que amanhã é sábado e só tenho que ir trabalhar pela manhã e depois terei a tarde livre para descansar. Tiro os sapatos e piso no chão frio enquanto coloco a comida para aquecer sobre fogão. Sento na cadeira próxima à mesa enquanto o fogo faz seu trabalho. Pego meu celular, conecto ao acesso *Wi-Fi*. Abro a página do Google. Digito “gay”. Acho curioso que a função do Google de previsão de texto (que apresenta sugestões de combinações de palavras-chaves enquanto se digita), não mostra mais nenhuma sugestão depois que se digita o “y” da palavra “gay”. Nada! Nem um clichê do tipo

“gay tradução”! Parece que o *Google* se abstém nessa hora, não quer se meter nesses assuntos, o que fizer a partir do “y” é de inteira responsabilidade sua, você está sozinho aqui para frente. Será? Quantas pessoas devem usar essa palavra em suas pesquisas no site? Talvez o fato dela ser tão conhecida e não constar nas sugestões de palavras no banco de dados do *Google* seja porque talvez haja mais pessoas pesquisando ela do que o sistema gostaria. Mas o que levaria tantas mãos e olhos a digitarem “gay”? Os mesmos motivos que os meus agora? Para fins de entretenimento? Pornografia? Quais relações minhas mãos e olhos podem estabelecer com essas mãos e olhos anônimos?

Clico no ícone em formato de lupa. Deslizo o dedo sobre a superfície da tela (já trincada) do aparelho percorrendo os resultados da ferramenta de pesquisa Google. Escolho o primeiro link, Wikipédia. Aqui diz que a palavra “gay” tem origem no inglês e em português pode ser traduzida por “alegre, jovial”, mas comumente também é usada para designar um homem ou uma mulher homossexual. Curioso, sempre achei que gay fosse apenas para designar homens homossexuais. Ah! Aqui mais adiante está escrito que mulheres homossexuais, pessoas bissexuais, transexuais e travestis, têm rejeitado o uso da palavra por ela invisibilizar sexualidades diferentes da homossexualidade masculina. Tenso, né?

Volto à tela da pesquisa, vejo um link de anúncios de 'bares gays' (será que são só para homens?). A prévia da descrição diz: 'Bares **gays** em São Paulo. Veja quais são os locais preferidos pelo público **LGBT**'. Acesso o anúncio, uma página cheia de spams, propagandas de toda sorte para o público “gay”. Antes, preciso saber o que significa exatamente a sigla LGBT. Abro uma segunda “janela” para pesquisar paralelamente. Deixa-me ver: lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Justamente o L,B e T (duplo) que andam rejeitando serem tratados por G. Hum! O bar é tido por gay, mas o público é LGBT? Confuso. Acho que é o lance da invisibilidade.

Bom, volto à pesquisa original e logo abaixo vejo o link para um vídeo no *Youtube* com o título “Como descobrir se teu amigo é gay” para dar aquela pitada de paranoia. Em seguida, um *site* com a chamada “*Superpride* - O maior site gay do Brasil” e a prévia tem fragmentos de frases: “De acordo com **pesquisas**, jovens gays preferem ser mais... **Curiosidades**... Ivete Sangalo terá 'ilha gay' em festival... **Turismo**...”. Gostaria de saber como se realizam essas pesquisas. Acesso a página para saber mais e há vários outros títulos de pesquisa: “Solteiros tem média de seis parceiros sexuais”; ‘Homens passam média de 1h ao dia em aplicativos de azaração’; “Pesquisadores descobrem o tamanho e a largura do pênis ideal” (!)... Será que é verdade? Terei que ver melhor noutro momento porque toda hora aparecem uns anúncios atrapalhando a navegação pelo site. Neles vejo ofertas desde pacotes

de viagens para o público gay a produtos que prometem aumentar drasticamente o tamanho do pênis. De volta à página de resultados.

Prosseguindo, mais abaixo há um link para “As 20 fotos mais gays de Cristiano Ronaldo” em uma página chamada “Não salvo”. Entro no link, no corpo da postagem várias fotos tiradas em que o jogador aparece em poses pouco ou nada viris. Ele não parece que estava posando e nem ciente de que estava sendo fotografado em nenhuma delas. No topo da página possui uma imagem cartunizada representando Jesus Cristo com uma expressão um tanto cínica. O que dizer?

Saio da página e volto à Wikipédia. Pelo visto, existem também aspectos históricos. A palavra “gay” surgiu como identidade da militância homossexual estadunidense dos anos 1970 e ao longo do tempo se expandiu por vários cantos do mundo ressoando em outras militâncias homossexuais. Pensando bem agora, da sigla LGBT acho que só o G se refere a uma palavra preservada em seu idioma original¹⁶.

Olha tudo isso, todas essas mensagens espalhadas pela *internet* (e por minha vida). Formas corporais valorizadas; uma exposição obsessiva da homossexualidade como segredo; a centralidade da homossexualidade masculina em relação a outras sexualidades marginais; certo legado da militância homossexual estadunidense; a identidade *gay* tanto como objeto de pesquisas quanto como alvo de campanhas publicitárias. São tantos aspectos entrecruzados nesse lugar de homem homossexual, tantas interpelações¹⁷ e, até pouco tempo atrás, eu olharia sem me dar conta deles mesmo estando tão presentes em meu cotidiano e ao clique do botão de qualquer celular obsoleto. Seja o que for, não dá para voltar a agir como se minhas retinas estivessem intactas. Mas o que faço com o que vejo agora?

O som de notificação de meu celular interrompe meus pensamentos. Parece ser do *Facebook*: ‘Elias Barreto te enviou uma solicitação de amizade’.

¹⁶Embora exista um legado significativo da militância homossexual estaduniense e observarmos marcas dessa importação cultural e política, Trevisan (2010) nos assinala diferenças importantes entre a constituição dos movimentos homossexuais brasileiro e o estaduniense. O início da militância homossexual brasileira se deu a reboque da esquerda nacional e organizou-se a espelho desta marcada pela centralidade e rigidez hierárquica no fluxo de poder de ação e pouca visibilidade das reivindicações das vozes plurais da comunidade gay (Facchini, 2005/ Trevisan, 2010). Os encaminhamentos históricos que esse início ainda insinua exige-nos, segundo os autores, pensar/constituir as especificidades da comunidade gay brasileira, suas articulações com as outras letras do LGBT, com as identidades que ainda não encontraram reconhecimento nesta sigla, com as esquerdas contemporâneas e outras identidades minoritárias em nosso tempo.

¹⁷Butler, 2015.

3.2. Nós

E quem é esse “nós” que é anunciado em minha própria retórica? Quais são as identidades que fundamentam esse mito político tão potente chamado “nós” e o que pode motivar o nosso envolvimento nessa comunidade? (Haraway, 2009, p.47)

Elias: *Oie!*

Hélio: Oi! Tudo bem?

Elias: Tudo sim! E vc?

Hélio: Bem também.

Elias: Então, soube do *babado* lá com o seu quadro no colégio. Que sacanagem!

Diretora **homofóbica** do caralho!

Hélio: Pois é. Mas como ficou sabendo?

Elias: Não sei bem a fonte. O pessoal da turma estava comentando hoje cedo. Pena que não poderei ver seu quadro!

Hélio: Hum... *Peraí* que te mando uma foto.

[Hélio envia a foto do quadro no corpo da conversa por *chat*]

Elias: *Lacrou*, viado!

Hélio: Hã?!

Elias: Está lindo!

Hélio: Obrigado!

Elias: A Dona Tânia não devia ter vetado seu quadro na exposição! Comentei a respeito num grupo LGBT que faço parte aqui no Facebook e a galera ficou indignada. Comentei por alto já que não conheço bem a história toda. Seria incrível ver seu quadro lá! Alguma **representatividade** naquele colégio velho é o que **nós**¹⁸ precisávamos, *né?* Mas ela tinha que boicotar!

¹⁸O ‘nós’ em questão me parece partir das identidades, uma vez que identificar-se pela diferença-semelhança simula um campo discursivo em que se é possível falar em/por um ‘nós’: se eu sou gay me atrevo a falar em/por nós gays. Contudo, provocado por Haraway (2009), penso que tal movimento pode ser ao mesmo tempo muito potente para as minorias como meio de coletivização de suas reivindicações, e arriscado dada a complexidade de se sustentar a inconclusão desse “nós” e manter insistentemente em xeque quais subjetividades compõem ou são invisibilizadas no ‘nós’ a que se recorre ao se sustentar uma posição política. Não há um “nós” em que caibam todos por inteiro, o “nós” se traça em intercessões, conexões parciais e localizadas (Haraway, 1995)... Como sustentar uma estratégia política em um corpo coletivo que se reconhece inconcluso e circunstancial? Eis um desafio. Reagon (2000) nos dá uma pista com a discussão sobre coalizão. Nos termos da coalizão o “nós” é mais estratégico e circunstancial do que essencialista e é pautado na semelhança definitiva entre seus membros, a aliança é parcial e orientada para o prosseguimento de uma vida como mais vivível.

Hélio: Na verdade eu que retirei o quadro do acervo para não prejudicar meus colegas de oficina. Ela deu a entender que a exposição estava sob a ameaça de ser cancelada se insistíssemos em manter meu quadro junto aos outros.

Elias: Ai, sério? Mesmo assim, a ameaça partiu dela e acho que ela tem autoridade para decidir isso. É a diretora afinal de contas! Se eu estivesse ciente antes teria atazanado a paciência dela com esse assunto! Já perturbei ela por bem menos *rs*.

Hélio: Eu não fiz para expor na verdade.

Elias: *Ué?* Para quê mais se faz um quadro se não for para que outros possam ver a obra?

Hélio: Não sei. Não pensei direito sobre isso... Talvez seja mesmo para expor de alguma forma. Eu fiz porque quis muito fazer algo a respeito do que andava sentindo e parte desse disso deve ter a ver também com a possibilidade de que alguém mais presenciasse algo dessa experiência, que ela fosse algo mais compartilhável.

Elias: Entendi. Profundo *rs*.

Hélio: Não foi intencional *kkk*. Relendo agora pareceu profundo mesmo, mas nem é...

Elias: Pois é... Bom, vou nessa. Até mais!

Hélio: Até.

Elias: Ah! Só mais uma coisa...

[Elias reenvia a imagem do quadro no corpo da conversa]

Elias: Não deixe essa imagem morrer.

3.3. Nova mensagem

De: Carmem

Para: Hélio

Assunto: Re: Relatório da Oficina.

Olá, Hélio!

Acabei de ler o texto que confeccionou conforme combinamos para encerramento da oficina. Fiquei muito contente ao entrar em contato com suas impressões desse tempo que passamos lá de modo que não resisti a enviar para você esse retorno por e-mail. Não se esqueça, no entanto, que ainda teremos uma discussão coletiva com todos os membros do grupo sobre as impressões que tivemos desse período juntos.

Primeiramente, elogio sua dedicação ao processo e o notável desenvolvimento de sua expressividade. Sempre esteve tão calado durante as aulas, mas na oficina vi rapidamente você parecer mais à vontade para falar e compartilhar com o grupo. Continue assim!

Por outro lado, ainda lamento seu quadro não ter estado devidamente na exposição! Mesmo assim você estava lá sorridente junto a todos nós da oficina e nem sei colocar em palavras o que foi estar lá com vocês, nosso pequeno e belo grupo! Incluindo a parte em que nos unimos para substituir o quadro da Laura pelo seu enquanto a Tânia estava ocupada com os eventos que ocorriam noutra sala. Foram os melhores dez minutos da exposição e de alguma forma nos divertimos apesar de considerar que está muito longe da situação ideal essa exposição às escondidas de um quadro tão bonito e genuíno como o seu. Além disso, vários pais e alunos passaram e viram o quadro nesse tempo e não houve nenhum escândalo a respeito, provando o exagero nas supostas preocupações da Tânia.

Voltando ao seu texto, outro ponto que quero destacar é a qualidade de sua escrita. Você articula bem ideias complexas. Engraçado pensar que não havia notado esse aspecto quando lecionava Filosofia para você no ano passado o que me faz pensar seriamente o rumo que tenho dado a aulas curriculares que leciono (reflexões de professora *rs*). Esse ponto tem relação também com uma ideia que tive para o próximo semestre visto que não teremos mais a oficina, mas esse convite farei pessoalmente a vocês.

Por fim, quero falar a respeito de questões que compartilhou comigo um tempo atrás e que apareceram em seu texto também. Pelo que percebo, você tem construído um rumo para suas reflexões o que é ótimo! Como mulher heterossexual, talvez eu não seja a mais indicada para ousar avaliar processos pelos quais você esteja passando em relação à identidade *gay*. Só sei dizer que compreendo que em nossa sociedade, sexualidade e gênero modelam nossos corpos cotidianamente, somos medidos e categorizados de modo incessante desde nossos átomos até nossos pensamentos e sentimentos mais particulares.

Quando o assunto é sexualidade, a história contada tende a ser de modo hegemônico nos termos da heterossexualidade¹⁹ e nos é contada em tantos níveis e tão reiterativamente que com o tempo nos tornamos, em alguma medida, o que contam sobre nós. Ao sermos contados e incluídos nessa história repetitiva, podemos ser levados a tentar repeti-la e reafirmar sua trama, mas também podemos, mesmo que a partir dela, inventar outras possibilidades de existir. Um pensador francês disse certa vez que:

¹⁹Preciado, 2014; Silveira Filho, 2010; Zago, 2010.

“Se devemos nos posicionar em relação à questão da identidade, temos que partir do fato de que somos seres únicos. Mas as relações que devemos estabelecer conosco mesmos não são relações de identidade, elas devem ser antes relações de diferenciação, de criação, de inovação [...]” (Foucault, 2004a, p.266)

O que quero dizer é que o destino de uma identidade não está sobredeterminado! Quando nos identificamos com aspectos atribuídos a uma identidade, entramos num certo trabalho sobre nós mesmos. Via de regra, somos convocados a não apenas nos reconhecermos a partir de uma identidade, mas também a produzir corpos coerentes com seu modelo identitário²⁰. A identidade é, assim, um esforço de coerência e permanência justamente porque somos incoerentes e impermanentes²¹. Mas essa é apenas uma possibilidade de se relacionar com a identidade. Essa adesão não é (e nem precisa ser) total e definitiva.

Por tudo isso escolhi pensar a identidade como uma paleta de tintas. Algumas das cores presentes nela me são mais reconhecíveis que outras, posso ainda misturar algumas para conseguir novas cores. No fim das contas não se trata somente das cores que me foram disponibilizadas, mas quais quadros poderei confeccionar com elas. Consola-me pensar que não importa o que eu pinte, mesmo que represente o mesmo objeto que outro pintor, sob mesma condição atmosférica, luminosidade e material, meu quadro será diferente e irrepetível. Posso escolher pintar, o que e quando pintar; posso aprender técnicas que lapidem meu trabalho, mas há algo que está para além do meu domínio nesse processo, o próprio fazer de pintura é cheio de alinhos e desalinhos de minhas pinceladas. Alguns chamam isso de estilo.

Sei que virão muitos belos quadros seus por aí (nas telas e na vida). Espero não tê-lo confundido com essas divagações. Sempre que precisar conversar, estou às ordens.

Beijos e até segunda!

Prof^ª Carmem.

3.4 Estáticas e Estéticas

A questão do reconhecimento é importante, pois se nós dizemos que acreditamos que todos sujeitos humanos merecem reconhecimento igual, presumimos que todos sujeitos humanos são igualmente reconhecíveis. Porém, e se o campo da aparência

²⁰Ferrari, 2010.

²¹Butler (2015) me ajuda aqui a pensar, a partir do que ela pontua como “opacidade” constitutiva, que a identidade muitas vezes acolhe (num primeiro momento) a angústia de não darmos contas de nós mesmos, da impossibilidade de acessar a totalidade das condições que nos tornaram possíveis. A identidade tende a ‘recontar’ nossa história de modo a homogeneizá-la, torná-la coerente, sem furos. Essa me parece uma das vias de acesso da identidade enquanto caminho ‘natural’. Contudo a própria autora reconhece como “violência ética” qualquer exigência de sustentação de coerência. O processo de incorporação de uma identidade é, nesses termos e em certa medida, também violento.

não admite todas as pessoas? E se esse campo é regulado de tal maneira que somente certos tipos de seres aparecem como sujeitos reconhecíveis e outros não? [...] Que pessoas humanas são elegíveis ao reconhecimento dentro da esfera da aparência e quais não são? (Butler, 2016, p.35)

Laura: Então, esse é o aplicativo²² que te falei. Eu mesma uso ele há um tempo e conheci o João por aqui.

Hélio: Aquele cara com quem você saiu semana passada?

Laura: O próprio! Esse aplicativo facilita muito porque ele cruza perfis compatíveis. Acho uma pena que não tenha rolado nada entre você e o Raul. Ser *gay* não é o único critério de compatibilidade pelo visto.

Hélio: Certamente.

Laura: Nesse sentido, o aplicativo vai te ajudar a encontrar alguém mais afinado a seu estilo.

Hélio: E qual seria meu estilo?

Laura: Boa pergunta! Que tal vermos as fotos que você tem e selecionarmos algumas para seu perfil nesse aplicativo e daí compreendermos seu estilo?

Hélio: A ideia até parece boa.

Laura: Como assim “até”?... Bom, vejamos aqui. De antemão, pelas suas fotos eu diria que você é um rapaz *gay*, meio nerd viciado em camisas polo e que não é de sair muito²³.

Hélio: Falando assim não sou lá tão interessante.

Laura: Haha! Sem ofensas. Com certeza, acharemos alguém que compartilhe dos mesmos gostos que você. Fotos selecionadas, agora a fase 2 é dar um trato nelas nesse aplicativo de edição de imagens maravilhoso.

Hélio: Esse *Cymera*, certo?

Laura: Sim. A aba chamada “Beleza” tem umas opções ótimas para melhorar a imagem. Essa aqui serve para deixar a pessoa mais magra na foto; essas outras modelam

²²É importante situar aqui que cada aplicativo/*site* de relacionamento pode ter uma dinâmica própria, ser de fato um lugar específico com um tipo de público mais comum e certas expectativas próprias de encontro. Ainda assim, todavia, é possível encontrar recorrências de discurso e conteúdo semelhantes em aplicativos/*sites* de relacionamento diferentes.

²³Esse jogo de imagens que Laura faz trata-se aqui de uma parodização da montagem de uma identidade estabelecendo conexões entre aspectos (e até outras identidades) que não possuem qualquer conexão prévia dada ou esperada.

partes do rosto como boca, olhos, bochechas. Ah! A opção branquear é incrível para dar um tom melhor para nossa pele que tem essa cor meio ‘marrom indefinido’²⁴.

Hélio: É sério que tem uma opção que branqueia a pele?

Laura: Sim, olha só! Mexendo nessa barra aqui dá para conseguir tons de pele que vão de branco bronzeado a albino. Acho que branco bronzeado ficou melhor nessa foto, ficou bem natural. Tem outra opção aqui para retocar marcas de pele.

Hélio: Haha! Realmente, eu pareço mais bonito assim! Porém, quando for encontrar a pessoa, ela não vai ver minha pele, minhas marcas?

Laura: Falando assim parece até que estou falando para você mentir descaradamente no seu perfil. Hélio, são retoques discretos só para melhorar seu ‘marketing’. Todo mundo nesse aplicativo usa no mínimo um filtro para deixar a foto mais bonita, se você bobear ninguém vai curtir seu perfil.

Hélio: Haha! Sem pressão, né?

Laura: Fotógrafos profissionais vivem de produzir fotos mais atrativas usando recursos assim. No fim das contas são só fotografias, registros estáticos e estéticos de momentos nossos. Não leve a sério demais, só aproveite a tecnologia. Pense na maquiagem, quantas possibilidades de aparência elas abrem? Já viu os vídeos tutoriais de maquiagem no *Youtube*? As pessoas literalmente se transformam! Então, é como se fosse uma ‘maquiagem digital’.

Hélio: Entendo. Mas o fato de que tenhamos que nos remodelar, ser mais magros, mais brancos, mais lisos para sermos mais atraentes me faz me deparar com a distância que meu corpo está desses parâmetros e fico me sentindo meio mal com isso, meio merda mesmo. Você não?

Laura: Pronto! Conseguiu me deixar deprimida agora!

²⁴Os padrões de beleza parecem articular de forma exemplar os principais marcadores de inteligibilidade de nosso tempo, de vidas mais vivíveis no sentido que Butler (2016) nos apresenta. A inteligibilidade é, para essa autora, a possibilidade de reconhecimento de que uma vida deve ser vivível e vivida. Contudo, pode ser especialmente perigoso aproximar categorias como corpos desejáveis e corpos ‘belos’ visto que alguns corpos tidos como menos inteligíveis são frequentemente objetificados e fetichizados (como é o caso dos corpos de mulheres, em especial, negras e trans, e travestis por exemplo). Por essa razão, proponho uma aproximação cautelosa que busque separar da melhor forma possível corpos sexualmente objetificados do que chamei de corpos ‘belos’. Por corpos belos, refiro-me àqueles que possuem uma constituição estética (que inclui anatomia, vestuário, comportamentos, além de lugar social, cultural e até geográfico) mais correspondente aos padrões estéticos dominantes em nossa sociedade. Os corpos sexualmente objetificados seriam aqueles em que um ou mais aspectos (podendo, dentre eles, incluir aspectos estranhos aos padrões) são, por questões históricas e sociais, exaltados como formas sexualmente desejadas e são reduzidos à função de objeto sexual. Esses corpos recebem um “reconhecimento indevido” uma vez que não são reconhecidos enquanto vidas vivíveis, pelo contrário, sua condição abjeta os “expõem a formas diferenciais de violência social” (p. 35). O próprio processo de objetificação e sexualização é uma forma de violência, destituindo qualquer empatia em relação a esses corpos.

Hélio: Desculpe, não foi minha intenção.

Laura: Não, tudo bem... O João não fala comigo desde nosso encontro semana passada, sabe? Quer dizer, ele me mandou mensagem no dia seguinte e ainda responde quando mando alguma mensagem para ele, mas sempre de modo monossilábico e nunca mais puxou assunto. É quase como se não estivesse falando mesmo.

Hélio: Mas o encontro foi legal, não foi?

Laura: Sim, foi. Nem to apaixonada nem nada, mas... fiquei pensando se ele me achou muito chata ou diferente demais das fotos... Feia. É um saco isso! Qualquer coisinha, um olhar diferente, uma mudança de entusiasmo e nossa suposta autoestima se esfarela.

Hélio: Pois é...

3.5 Perfil

As masculinidades, sendo construções temporais, históricas e culturais, dependem das relações entre os vários modos de ser homem para se constituírem os próprios sujeitos que nelas se inscrevem. Também dependem das relações com as feminilidades [...]. A ideia de múltiplas masculinidades sugere que suas produções demandam um esforço ao mesmo tempo individual e coletivo, reiterado ao longo do tempo. As masculinidades são um projeto que interpela os indivíduos, projeto no qual eles se inserem, para o qual são recrutados, e que constrói posições de sujeito dentro de uma cultura. (Zago, 2010, p. 382-383)

Fotos, *ok*. Duas delas retocadas com a “maquiagem digital” de Laura e uma sem retoques. As estatísticas do aplicativo corroboram com as falas dela, de fato as retocadas estão recebendo bem mais *curtidas* do que a foto cujo único retoque são os *pixels* modestos da câmera do meu celular que olhando de perto quase faz a foto parecer um quadro pintado com a técnica impressionista. Talvez isso seja mais fiel do que imaginamos quando se trata de quem somos, borrões que à distância se esforçam para parecerem mais lisos e sólidos²⁵.

Nome, *ok*. Idade, *ok*. Altura e Peso, *ok*. Cor da pele, dos cabelos e dos olhos, *ok*. Fosse noutro momento, me questionaria sobre o motivo desses campos a preencher, pois tais informações estariam evidentes nas fotos. Mas considerando o poder de transformação das imagens que Laura me apresentou naqueles aplicativos, esses campos vêm como certificadores de quais formas corporais estamos dispostos a tentar sustentar nesse aplicativo e na possibilidade de um encontro cara a cara. Por falar nisso, não sei o que preencher no campo “Forma Física”. As opções são: magro, em forma, alguns quilinhos a mais(?), gordinho(?), musculoso... O eufemismo para formas corporais mais gordas soa muito

²⁵Butler, 2015.

forçado. Também não sei bem o que colocar nos campos “Sobre mim” e “Procuo por”. Quanta pressão! O que geralmente os outros usuários escrevem nesses campos?

Sou discreto e procuro por pessoas discretas Tb. Não curto afeminados, só MACHOS e ATIVOS.

[Procuo por]: NÃO CURTO AFEMINADOS!!! TO FORA!!!²⁶

Afeminado?... Será que sou afeminado? Ou afeminado seria mais como o Elias? Quais os critérios que definem quem é afeminado e quem está fora dessa categoria? E por que isso é tão repulsivo para esse usuário a ponto de ter tanta ênfase no perfil dele contra uma forma mais feminina de se portar? Ele é lindo definitivamente. Parece um modelo profissional nessas fotos, corpo musculoso (ele certamente não teve dúvidas na hora de preencher essa parte do perfil), barba por fazer, expressão séria, viril. Certamente ficaria com ele! Seria ele o oposto do afeminado? Pensando agora, eu ficaria com alguém afeminado? Com alguém como o Elias por exemplo? Por que fico excitado com a beleza e virilidade desse homem e nem consigo me imaginar desejando o Elias?

Não estou dizendo que deveria sentir-me atraído por ele, mas me perguntando sobre quais as condições que tornam corpos afeminados como o do Elias menos atraentes, menos favoritos em comparação a esse usuário que, a propósito, figura entre os perfis mais favoritados do *app*. Estrutura física? Comportamento sexual? Virilidade/feminilidade? Cor de pele? Sob esses aspectos, meu corpo é atraente? Sinto-me intimidado por esses requisitos de atratividade. Quase me arrependo de não ter feito uso mais extensivo do aplicativo de edição de fotos que a Laura me apresentou. Talvez devesse buscar outros perfis antes de ceder a insegurança.

Vejo alguns perfis que retomam afirmativas semelhantes às daquele primeiro usuário, marcando a importância da virilidade e discrição²⁷. Noutros, formas anatômicas específicas

²⁶Extraído da pesquisa de Zago (2010, p. 385)

²⁷Assim como para Zago (2010), o homem gay “viril” aqui enunciado corresponde àquele cujos comportamentos são marcadamente másculos e que rejeita qualquer traço de feminilidade. Já o homem gay “discreto” aparece como uma forma “cúmplice” do projeto heteronormativo ao não se reconhecer totalmente másculo, mas manter possíveis comportamentos considerados mais femininos sob discrição. Ambas as categorias aparecem frequentemente como “não-afeminados” em *sites* de relacionamento. Mas o que fundamenta essa repulsão em relação aos afeminados? Por que há certas identidades se sustentam na negação explícita de qualquer traço de feminilidade? Cornejo pontua que o gay afeminado ameaça uma certa permeabilidade da sociedade em relação aos homens gays e que isso “talvez se deva a um terror à indeterminação de gênero” pois “dissociar a homossexualidade da (menos respeitável) transgêneridade tem sido uma das formas pela qual a homossexualidade tem aparecido como menos ameaçadora” (CORNEJO, 2012 p.74)

são privilegiadas no campo “procuro por” como: em forma, jovens, pênis grande. As fotos de perfis também tem aspectos semelhantes, posições repetem-se de usuário a usuário, fotos sem camisa, ou bem coloridas com filtros de toda sorte, em festas ou lugares ao ar livre; alguns perfis não possuem fotos mostrando o rosto, enquadrando somente do pescoço para baixo e em posições que valorizem formas corporais como o tórax ou o bíceps.

Navegando mais um pouco, vejo também perfis configurados de modo distinto num ou noutro aspecto, rapazes em busca de relacionamentos “sérios” como dizem. Muitos deles criticando pessoas que buscam sexo casual no *site*. Estes usuários tendem a apresentar mais fotos em casa, ou entre amigos em passeios diurnos. Alguns deles reiteram o pedido de discrição e de virilidade de seus pretendentes a “namorado”.

Por outro lado, há também perfis pontuais como o de um homem mais velho com foto única no perfil e que afirmava sua preferência por homens gordos. Outro que afirmava em letras garrafais que era “AFEMINADA INDISCRETA” e que preferia “AFEMINADAS INDISCRETAS”. Neste último, ele expressava profundo incômodo em relação às exigências de **virilidade** e **discrição** que muitos usuários no *site* faziam. Lembrei-me do Elias gritando sua sexualidade no pátio enfrentando o garoto que tentara constrangê-lo. Mas voltando a esse perfil, curioso o jogo que ele (ou ela) fazia do gênero feminino e masculino para referir-se a si mesmo. Suas fotos eram diferentes também, trajando roupas ditas masculinas, mas com poses e os cabelos compridos numa *performance* bem mais feminina.

De repente, recebo mensagem de alguém do *site*: “oi!”. O nome do usuário é Otto. Acesso a página dele. Fotos dele fazendo careta ou sorrindo. Parece divertido. Ele tem o sorriso grande daqueles que a gente não consegue tirar os olhos quando vê. Otto não é bonito como outros usuários e parece tentar compensar isso com humor. Não consigo enquadrá-lo pelas informações do seu perfil. Tento mentalmente aproximações com outros perfis, mas logo percebo a violência desse exercício. Vejamos então:

Nome: Otto, 19 anos.

Sobre mim: Sou estranho, mas isso você já deve ter notado pelas fotos! Pessoalmente sou pior! Rs... Mas sou legal, minha mãe pode confirmar isso! Hahaha!

Procuro por: Sei lá.

Conversamos por um tempo. De fato, ele parece divertido, desprezioso, estranho. Ele mora no centro da cidade, cursa Jornalismo, gosta de jogos de videogames, nada muito incomum, mas ele é incomum de alguma forma.

Passamos a nos falar com frequência durante a semana. Agora sei que seu nome é João Otávio e que ele detesta essa combinação; sei que ele adora assistir *Youtube* sentado na

privada do banheiro; conhecemos um pouco do corpo nu um do outro por foto. Nos masturbamos numa chamada de vídeo rápida. Os assuntos fluem ainda mais quando comento que a professora Carmem me convidou para o projeto de jornal do colégio para o próximo semestre. Gosto do modo como Otto fala. Ele é bem articulado e inteligente. O que ele teria a dizer sobre o *site* em que nos conhecemos?

Curioso por uma opinião, pergunto o que pensa sobre o *site*. Ele introduz seu comentário contando que teve um acidente na adolescência e por isso mancava um pouco da perna esquerda e usava uma muleta desde então, as vezes cadeiras de rodas quando está com alguma dor e precisa deixar a perna descansar. Fiquei surpreso com a introdução aparentemente alheia à minha pergunta. Logo, Otto explica que, no início, não contava isso para as pessoas com que já entrou em contato no *site*, porque tinha medo de que ninguém se interessasse por ele. Contou do rapaz que o ofendeu por “mentir” para ele quando se encontraram e de outro que ao descer do ônibus e vê-lo, atravessou a rua e pegou outro ônibus de volta sem falar nada. Fiquei sem saber o que responder.

“Você se incomodaria de sair com alguém que manca e usa muleta, cadeira de rodas ou algo assim?”

Sair com alguém cujo corpo não corresponde a um ideal de corpo, um que sequer se sente aceitável num *site* de relacionamento?

“Não sei. Nunca pensei sobre isso antes... Eu sairia com você. E você, sairia comigo?”

“Isso é um convite para sair?”

“Acho que sim.”

3.6. Máquinas Masturbatórias

O ciborgue está determinadamente comprometido com a parcialidade, a ironia e a perversidade. Ele é oposicionista, utópico e nada inocente. [...] Com o ciborgue, a natureza e a cultura são reestruturadas: uma não pode mais ser objeto de apropriação ou incorporação da outra. [...] os ciborgues não são reverentes; eles não conservam qualquer memória do cosmo; por isso não pensam em recompô-lo. Eles desconfiam de qualquer holismo, mas anseiam por conexão – eles parecem ter uma inclinação natural por uma política de frente unida, mas sem o partido de vanguarda. O principal problema com os ciborgues é, obviamente, que eles são filhos do militarismo e do capitalismo patriarcal, isso para não mencionar o socialismo de estado. Mas os filhos ilegítimos são, com frequência, extremamente infiéis às suas origens. Seus pais são, afinal, dispensáveis. (Haraway, 2009, p. 39-40)

O dia foi ótimo. Fui ao cinema com o Otto e nos beijamos durante quase todo o filme. Foi divertido e me deixou superexcitado. Embora não tenha sido tão estranho sair com alguém que usa muletas, no caminho de volta para casa vim pensando em como seria transar com ele. Será que tem alguma cicatriz? Será que teria que tomar algum cuidado especial?... Só sei que

algumas fantasias me passam pela mente. Então, deitado em minha cama (dois colchonetes sobre o chão da sala) acesso a página *xvideos* pelo celular. Preciso dar um destino a essa excitação toda ou não conseguirei dormir. A escolha do vídeo é sempre um processo. Assisto (não sei quantas) prévias de vídeo até decidir qual será o escolhido da noite. As premissas não costumam ser muito variadas na maior parte deles: geralmente homens másculos se masturbando, ou transando a dois, ou em grupo. Beijos, sexo oral, sexo anal (em *close* por bastante tempo) e orgasmo. Às vezes, assisto dois ou três vídeos curtos inteiros até gozar. Meus olhos vidrados, nem sei dizer se pisco durante essa busca. Tamanho o envolvimento e a concentração no processo, nem sei dizer a diferença entre meus globos oculares ou a própria tela do celular; a colcha de retalhos, os dois colchonetes, minhas mãos, braços, pernas, pênis,... Não sei até onde é tato e até onde é visão, meus sentidos se misturam (inclusive com os dos corpos que se insinuam no vídeo), meu corpo se estende e recompõe nessa cena.

Por vezes, a frequente repetição de ‘roteiro’ também tem sua exaustão²⁸, e me vejo perdido e um tanto entediado entre esses vídeos repletos de músculos másculos e jovens. Entretanto, nem tudo segue o mesmo roteiro por completo e nesse vaguear pelo *site*, às vezes, me deparo com vídeos menos “favoritos”, vídeos que não figuram entre aqueles que decoram a *homepage* e que só são encontráveis por ‘acidente’ ou por buscas mais criteriosas na página. Tem também muitos vídeos amadores, em sua maioria pessoas usando suas câmeras de celular gravando sua masturbação ou trechos de sexo com alguém (penetração também em *close* por muito tempo ou até mesmo durante o vídeo inteiro). Nessa brecha, corpos muito distintos daqueles favoritos aparecem.

No *site* de vídeos pornô (tal como o *site* de relacionamento em que conheci o Otto) tem corpos menos visíveis, efetivamente menos acessíveis pelos meus sentidos. Contudo, às vezes, as imagens se exaurem com o excesso de estímulos másculos, musculosos e jovens, a

²⁸Acredito que a exaustão das imagens diz respeito ao caráter paródico e repetitivo do sexo de que Preciado (2014) trata. O corpo possui, segundo essa perspectiva, uma “arquitetura política” composta prosteticamente de acordo com a normativa do regime heterocentrado que limita e reduz as zonas sexuais a partes do corpo. Essas delimitações são “o resultado das definições disciplinares médicas e psicosexuais dos supostos órgãos sexuais, assim como da identificação do pênis e do suposto ponto G como centros orgásticos” (p.37). Isso se efetiva na materialidade do corpo, há uma plasticidade carnal que “desestabiliza a distinção entre o imitado e o imitador, entre a verdade e a representação da verdade, entre a natureza e o artifício, entre os órgãos sexuais e as práticas do sexo.”(p.29). Todavia, embora os corpos sejam demarcados, penso, com a ajuda de Butler (2016), que a totalidade do corpo não é perfeitamente acessível pela constatação de seu arranjo protético, nem pela desconstrução de sua performatividade, apesar de certamente estar sempre em jogo diante de ambos. O próprio esforço insistente de manter o corpo alinhado e responsável a certas normas e práticas de gênero e sexo se depara constantemente com a opacidade desse corpo e, ao se deparar, deixa mais evidentes os excessos de suas repetições.

busca por algo que os reativem fica sem muitos referenciais e as possibilidades oscilam, o cursor vagueia pela tela, tudo parece muito plástico, sintético.

Em momentos assim, já assisti, inclusive, uns vídeos bem estranhos e me senti estranhamente culpado por me masturbar os assistindo. Certo dia, quando estava perto do orgasmo assistindo a cena de dois homens transando, um deles urinou sobre outro e de alguma forma aquela cena inesperada me causou um aumento súbito do prazer. Outra vez com a cena de um cara com um dildo (consolo) no ânus, ele urrava e tinha espasmos como se fosse uma máquina tendo uma espécie de pane do sistema. Em dado momento, parei de me masturbar para me certificar se aquela *performance* era mesmo de prazer ou se ele estava passando mal ou algo assim, mas logo depois voltei a esfregar meu pênis ao concluir (ainda que com certa desconfiança) que era expressão de prazer mesmo. Fiquei me perguntando se o ânus pode mesmo ser fonte de um prazer tão intenso quanto aparentou naquela cena.

Às vezes, nos períodos de tédio e em busca de ‘variedades’ assisto a vídeos considerados heterossexuais de acordo com a classificação do próprio *site* e em especial aqueles em que a mulher estimula o ânus do homem de alguma forma. Isso me causa uma experiência de prazer ligeiramente diferente. A desestruturação dos papéis daqueles parceiros no sexo me parece interessante aos sentidos tendo o cu²⁹ como catalisador dessa instabilidade.

Ah! Teve aquela vez em que comecei a me masturbar assistindo um cara lindo de corpo atlético, pelos em regiões do corpo quase estratégicas como se tivessem sido distribuídos à mão, barba por fazer, uma postura máscula se masturbando e depois de um minuto de vídeo percebo que, aquele corpo codificado de modo masculino não possuía um pênis, mas uma vagina... Desacelerei os movimentos da minha mão envolvendo meu pênis, mas logo retomei o ritmo acompanhando aquele vídeo. Após gozar, fiquei pensando seriamente no que significava aquele acontecimento. Seria uma dimensão desconhecida da minha sexualidade? Será que todas essas experiências significam que minha sexualidade é cheia de mistérios inclusive para mim?

Não, nenhuma dessas cenas foram esperadas, buscadas ou fantasiadas previamente por mim. Acho que nem saberia como acessá-las enquanto possibilidades anteriormente. Elas apenas aconteceram e mais: meu corpo e meu prazer aconteceram com elas, traíram naqueles

²⁹“Pelo ânus, o sistema tradicional de representação sexo/gênero vai à merda” (Preciado, 2014, p. 32).

instantes qualquer projeto que uma sexualidade/identidade tivesse para mim e se inventaram com elas (as cenas). Não havia verdade anterior, aquilo foi apenas oportunidade e rearranjo³⁰.

De repente, sou montagem, uma que nunca chega efetivamente à forma final, apenas a condições parciais. Sou um ciborgue³¹ altamente conectado e que, de certo modo, emula totalidades a todo tempo, mas sempre temporárias. Não estou pronto, meu corpo não está pronto, meus prazeres não estão prontos, minhas próteses e dildos são tão transitórios quanto meus orgasmos³². Os códigos naquelas cenas que tornaram aqueles corpos legíveis ao meu prazer não se resumem a identidades e sexualidades, a presença e uso dessa ou daquela parte corporal, mas dizem respeito a um encontro entre corpos que denuncia as artificialidades que constituem meu corpo material, meu reconhecimento identitário/sexual. Então, por que me proponho *gay*? Por que propor-me uma sexualidade de qualquer tipo enquanto categoria se meu corpo escapa às categorias constantemente? Por que nomear-me como o portador de uma sexualidade específica? Por que uma identidade? Busca de garantias? De estabilidade³³?

Existem tantos nódulos que só de se pensar nessas perguntas, sou eu a máquina que entra em *pane* dessa vez. As identidades parecem estar aqui com primeiras, segundas e até terceiras intenções; as identidades me envolvem, percorrem meu corpo, entrelaçam-se a meus átomos e à espiral do meu DNA, tentam torná-los seus cúmplices; atravessam minha pele

³⁰“O corpo nos trai e se trai [...] Por isso, a política identitária hegemônica é equívoca e sempre precária, pois os ideais que buscam identificar corpos e gêneros jamais encontram correspondência absoluta. Em relação à visibilidade dos corpos, aquilo que o corpo mostra ou o que se pode ver dele, produzem-se dizibilidades que engendram ordenamentos das relações. Espera-se que a visibilidade dos corpos se adeque aos discursos de sexo-gênero que ordenam os espaços. Contudo, a precariedade dessa adequação é patente no pânico que anima o controle e a vigilância dos corpos, constantemente passíveis de escapar ao esperado.” (RODRIGUES, ZAMBONI & ROCON, 2016, p.76)

³¹Haraway, 2009.

³²Para Butler (2016) o corpo se constitui em relações sem as quais “não pode existir” (p.27), e sua materialidade enquanto fato é discutível uma vez que ele “constantemente escape” às categorias. Preciado (2014), por sua vez, dá uma ênfase importante à materialidade desse corpo, não como uma realidade natural, mas como uma realidade emulada, “protética”, um corpo material que parodia a artificialidade que o constitui. Com o auxílio do “ciborgue” de Haraway (2009) podemos reforçar a noção de corpo humano que se constitui proteticamente. Para esta última autora, nossos corpos são altamente conectados com humanos e não-humanos, ele é “protético”, o dildo não é só parodiado pelo pênis (ou qualquer outra parte do corpo), mas está conectado a existência deste que, assim, representa seu molde e seu risco ativamente.

³³Por que a indefinição do si é incômoda? Foucault (2004b) rastreia um aparato tecnológico que nos capitaliza na produção e regulação de nós mesmos que o autor chama de “tecnologias de si”. O “si” se torna material de preocupação e, através de certos procedimentos, deve-se cuidar e conhecer a si mesmo. Houve contudo uma inversão histórica desde os gregos antigos, passando pela transição da cultura pagã para a cristã, até hoje em dia. em que o “cuidado de si” passou a ser condicionado ao “conhecimento de si”. Conhecer-se tornou-se a tarefa primeira e as “tecnologias de si” são os meios pelos quais esse conhecimento é extraído. Acredito que a identidade passa a se estabelecer, na primazia do conhecimento de si, como simulacro de uma verdade sobre o si, uma verdade que deve ser buscada enquanto pré-ocupação do indivíduo.

(morena?), acariciam meus traços (negróides?); então, descendo pelo meu tronco, abdômen, chegam a meu pênis (homem?), tocam com receio no meu ânus(??); simultaneamente, me vestem peça a peça, prótese a prótese, mexe em minhas conexões. Meu corpo vai se montando e é tanto seduzido quanto violado pelo identitário, mas também se debate, se revolta, se inventa³⁴... Gozei. Mas gozar não encerra minha inquietação, gozar não é alívio como previ.

3.7 Carta Não Enviada

Querido Matias,

Não nos falamos há muito tempo e pode parecer uma ação muito deslocada enviar um e-mail assim sem nenhum contexto aparente. De qualquer modo, ando pensando em muitas coisas e você sabe como fico quando estou pensativo. Minha atenção parece vagar, tudo fica meio embaçado ao redor, me afasto do mundo por um momento. Porém, no momento seguinte, retorno, e quando isso ocorre tudo parece tão mais presente e de algum modo mais frágil. Quando retorno já não sou exatamente o mesmo em relação a mim e ao mundo³⁵.

Chamo este e-mail de carta de propósito. O tempo da carta não é o mesmo tempo do e-mail. Com o advento de novas tecnologias de comunicação, mensagens como as de um e-mail presumem uma interlocução imediata. Já na carta, o tempo abrangido era sempre infinitamente maior do que a própria carta; escrevia-se para o futuro que poderia ser em algumas semanas ou até anos, ou ainda nunca chegar. A cada nova carta, o interlocutor era novamente postergado. Dadas às condições de escrita deste texto e o esforço de abrangência temporal dele, está muito mais próximo de uma carta do que um e-mail.

Quando nos conhecemos, o mundo, para mim, era um lugar do qual tentei me manter alheio o máximo que pude. Talvez por isso eu esteja muito familiarizado com o exercício do pensamento, mas menos familiarizado com o mundo³⁶. Meu corpo rejeitava o mundo porque o mundo o rejeitava. Cada vez que meu corpo, meus desejos, minhas ideias eram inconformes

³⁴Para pensar o conceito de “fronteira” em Haraway (1995) enquanto zonas políticas inquietas em que negociações e disputas se dão constantemente. A identidade projeta fronteiras e a manutenção das marcações é movimentada, produtiva e até bélica. Elas são sempre lugar de passagem e, por isso, estão sempre em risco.

³⁵Hannah Arendt (2004) diz que pensar é assumir uma distância em relação ao mundo, mas comprometido como um retorno e a reforma das relações que estabelecemos com esse mundo. O pensamento para Arendt é, assim, um exercício crítico tal como Judith Butler (2013) argumenta, uma vez que nos possibilita estilizar nossa relação com o mundo.

³⁶Porém, Arendt (1987) alerta que abandonar o mundo é abandonar o humano, porque o mundo é inalienável às vidas que o compõem, que emergem junto a ele.

em relação aos projetos de sexualidade e gênero que tinham para mim, eu ficava paralisado, meu corpo voltava a rejeitar o estar no mundo, mesmo que de forma não muito clara, mas muito efetiva. Era um retorno involuntário, sem possibilidade de diálogo, apenas uma reprodução infinita repetindo o passado em meu presente, em outras palavras, um “trauma”³⁷. Se o pensamento é um diálogo consigo³⁸, ali não havia diálogo, logo não havia pensamento, só uma profusão de afetos e repetições que me objetificava. Eu era tomado pela repetição da cena.

Entretanto, a totalidade da cena me parece inacessível e justo por ser assim sinto a necessidade de recuperá-la e elaborar a memória³⁹. Não se trata do que aconteceu, mas de que aconteceu e não ter lidado com isso por muito tempo foi paralisante, me manteve em busca de uma distância permanente do mundo, um mundo sem futuro para mim. O trauma era também a impossibilidade de um passado, uma vez que ele me objetificava em sua repetição paralisante no presente. Por essa razão, estou aqui, Matias, tentando me haver com as lembranças de nosso tempo de convivência, que tal como aquela cena da infância, ou no banheiro, entre outras ainda não encontraram a possibilidade ou a oportunidade de serem narradas. Aqui estou tentando mudar essa situação, tentando inaugurar um passado para nós em meio aos fragmentos de nossas experiências.

Eu poderia me debruçar sobre todas as coisas difíceis pelas quais estava passando naquele momento: a separação dos meus pais, a situação econômica especialmente difícil por conta disso; o fato de eu precisar interromper meus estudos para trabalhar naquela droga de lanchonete; a partida do meu único amigo na época que se mudou, entre outros. Não descarto esse cenário e reconheço sua importância enquanto contexto para nosso encontro, mas vou partir em meu relato do momento do nosso primeiro contato. Você, o mais novo funcionário da lanchonete. Lembro que eu segurava um tabuleiro com os hambúrgueres grelhados e você veio junto ao gerente que nos apresentou. Na tentativa de corresponder a sua menção a um aperto de mão, o tabuleiro desequilibrou e acidentalmente queimei as pontas dos dedos. Ainda tenho a cicatriz em um deles. Nossa primeira tentativa de aliança já começou interrompida por um acidente.

³⁷Butler, 2017.

³⁸Arendt, 2004.

³⁹Butler (2017) recupera o Primo Levi dizendo que a memória não é confiável. A autora aposta que o passado não é totalmente recuperável e que é produzido constantemente nas perdas (esquecimentos) e no trabalho que essas perdas nos exigem ao narrarmos essas histórias.

A segunda tentativa foi semanas depois durante o intervalo de almoço nos fundos da lanchonete onde você praticava violão. Eu resistia a lhe dar qualquer atenção, andava meio arredio em relação aos outros. Talvez porque os poucos com quem ainda compartilhava meus anseios e pensamentos ou estavam a quilômetros de distância (como meu amigo que se mudou), ou estavam incrivelmente ocupados com suas próprias dores do divórcio e se desdobrando para dar conta de comprar comida e pagar as contas que dessem para pagar (minha mãe). Permitir a aproximação de mais alguém seria me defrontar com o fato de que esse alguém poderia partir, lidar com minha insuficiência, minha precariedade. Você cantarolou uma música em inglês com a pronúncia errada e eu corrigi. Dali começamos a conversar sobre bandas que gostávamos, depois filmes, desenhos animados, comidas... Quando dei por mim estava engajado num tipo de conversa que não tinha com ninguém há quase um mês. Interrompi, inventei que meu horário de almoço havia terminado e voltei ao trabalho.

Os dias passavam e você era insistente e carismático. Às vezes, me via sendo tragado para uma conversa mais prolongada contigo que por ‘sorte’ geralmente era interrompida pelos afazeres do trabalho. Você então me propôs que eu lhe ensinasse o que sabia de inglês em troca de me ensinar a tocar violão. Não sabia muito, porque aprendi basicamente através de músicas, mas podia ajudá-lo com pronúncia. Pensei na hora que não devia ter contado que já quis aprender a tocar violão em nossa conversa anterior, mas contei e gostei de você ter lembrado. Aceitei. Essa foi nossa terceira tentativa de aliança... Foi bem-sucedida, eu diria.

Depois disso, minhas resistências se fizeram cada vez menos presentes. Comecei a me apaixonar por você e quanto mais convivíamos, mas parecíamos empolgados com a presença um do outro. Acho que ficou bem explícito meu interesse já que ficava frequentemente corado quando encostava em mim. Mas você nunca encostava em mim quando o gerente estava por perto, desde quando ele implicou conosco dizendo que nossa amizade era “suspeita”.

Um dia, durante uma aula de violão, você me ensinava alguns acordes e, para possíveis anotações, improvisamos um pedaço de papel que se encontrava sobre suas coxas. Sem qualquer premeditação, fui anotar uma recomendação sua no papel sobre suas coxas, na altura da virilha e com a mão apoiando o papel pude sentir seu pênis ficando ereto. Rapidamente tirei a mão e pedi desculpas. Ficamos ambos constrangidos. No dia seguinte, você chegou ao trabalho e respondeu meu “bom dia” com um “tenho uma namorada”... Foi estranho, mas imaginei que tinha a ver com o episódio do dia anterior. Você permaneceu especialmente calado até o horário de almoço quando nos reunimos para exercitar alguns acordes. A

conversa começou bem morna, mas aos poucos a tensão foi sendo substituída pela espontaneidade costumeira.

Não demorou muito e chegou o dia em que em você respondeu meu “bom dia” com um “não tenho namorada”. Eu sorri e você sorriu de volta. Se não me engano, essa foi nossa sétima tentativa de aliança. Decidi, então, em falar abertamente sobre como me sentia a seu respeito. Sim, levei uma semana para tomar coragem mesmo, tentei pensar num discurso, mas sabia que na hora iria sair como sáísse... e saiu. Você reagiu como se não esperasse que eu fizesse algo assim: dizer que estava apaixonado por você. Sua expressão parecia um misto de preocupação e raiva, me lembrou a expressão no rosto do meu pai de um dia lá nos meus quatro anos de idade, como se eu tivesse cometido um ato absurdo.

Os absurdos que meu corpo expunha girando no quintal não eram só os de um corpo inconforme, mas as condições de existências dos corpos que ele denunciava; não era só uma anomalia familiar, mas as próprias condições de existência da minha família; não expus meus pais apenas como os pais de um “viadinho”, mas também como os pais que fracassaram em sua ‘função’ de educar meu corpo dentro da lógica privilegiada masculina heterossexual; os pais que se depararam com o absurdo desta tarefa. Mas qual seria o absurdo em contar que se ama alguém? Talvez, meu corpo ali tenha exposto o fracasso do seu corpo em dar conta das exigências heteronormativas, um corpo que fracassou no esforço de não se importar, de não me desejar ou quem sabe até de não me amar. Só sei que você se levantou e saiu. Nem lembro em que lugar da lanchonete estávamos, mas lembro de você se levantando e saindo, caminhando. No ímpeto, o acompanhei em silêncio. O gerente não estava presente e acho que não nos viu abandonar o posto de trabalho.

Após alguns passos entramos em uma galeria de lojas e ali debaixo da escada que levava para o andar superior, você segurou meu rosto com força e pressionou seus lábios contra os meus, cheguei a sentir uma pressão incômoda contra meus dentes. Deve ter durado segundos, pareceram o infinito. Após o gesto, sua expressão continuava a mesma, tensa, furiosa. “Eu não sou gay, Hélio!”, disse com certa agressividade. Então, respondi: “Eu não perguntei se você era gay. Perguntei se gostava de mim”.

Você foi se afastando sem dizer nada. E eu encarando a expressão que agora não sei se era só sua, nem só do meu pai. A diretora Tânia fez uma expressão que me causou semelhante sensação quando viu um quadro que fiz na oficina de arte. Acho que nunca tive coragem de lidar com esse tipo de expressão que mal consigo definir ainda agora. Relacionar-me com ela era assumir o risco de colocar em risco as condições da minha existência, era colocar-me em

risco. Mas curiosamente, falar sobre isso, sobre o impossível disso torna de alguma forma possível lidar. Uma vida não narrável é insuportável, eu bem sei⁴⁰.

Os dias que seguiram minha ‘declaração amorosa’ foram ensurdecidamente silenciosos. Você falava apenas o necessário para os afazeres do trabalho. Eu me sentia horrível enquanto repassava as cenas mentalmente e convivía com uma pressão em minha garganta. Até que um dia você não veio mais trabalhar. O gerente contou que havia conseguido um emprego na cidade vizinha. Ainda me culpo por não ter me permitido chorar ali mesmo. Aguardei um pouco segurando o choro, fui ao banheiro e fiz o que sempre faço quando não quero que saibam que chorei: coloquei as mãos sobre a água caindo da bica e quando havia empoçado o bastante afundei meu rosto em minhas mãos e chorei aquele choro pesado e silencioso em que os pulmões parecem se inflar no limite e o abdômen se contrai com força.

Se tivesse que nomear um momento como o momento em que meu corpo atingiu o limite em sua persistência em não deixar o mundo entrar, eu diria que foi naquele banheiro. Havia alguma coisa que não podia mais ser ignorada, embora não fosse capaz de dizer o que era, só sei que se tratava de algo ainda mais complexo e amplo do que dois rapazes em uma situação amorosa ambígua. O mundo que eu evitava é parte inalienável de quem sou, de quem consigo ser e de quem você conseguia ser. Negar isso não era mais suportável e eu não pretendia mais o fazer. Muitos outros fragmentos de cenas, apenas possíveis após assumir o risco de me haver com o mundo ocorreram: eu chorando na frente da minha mãe pela primeira vez em anos... minha volta para o colégio... eu levantando a mão, me voluntariando para compor a oficina de pintura da professora Carmem... pintando meu primeiro quadro que, tal como o mundo, não é só meu... me propondo gay... Contudo, seria prolongar demais e me desviar do propósito dessa carta.

Quanto ao propósito, era apenas compartilhar com você que jamais compreenderia do modo como compreendo agora a importância de me haver com o mundo, com minhas memórias e com minhas possibilidades de narrar a mim mesmo sem as experiências de alianças e encontros como os que tivemos. Não sei como você está no momento e nem sei se um dia te enviarei esse e-mail, mas eu precisava escrever, precisa me aliar novamente a você. Qual seria essa? A nossa nona tentativa de aliança? Bem-sucedida, eu diria.

⁴⁰Nada mais arriscado do que tentar fazer um relato, Butler (2017) me lembrou disso. Zambra complementa me dizendo que “É estranho e tolo pretender um relato genuíno sobre algo, sobre alguém, sobre qualquer um, até mesmo sobre si próprio” (ZAMBRA, 2014, p.141). Tanto ele quanto ela me dizem, no entanto, que o relato é necessário para que se sobreviva.

3.8 Políticas de reconhecimento

Como, então, a condição de ser reconhecido deve ser entendida? Em primeiro lugar, ela não é uma qualidade ou uma potencialidade de indivíduos humanos. [...] Não há desafio que o reconhecimento proponha à forma do humano que tenha servido tradicionalmente como norma para a condição de ser reconhecido, uma vez que a pessoa é essa própria norma. Trata-se, contudo, de saber como essas normas operam para tornar certos sujeitos pessoas “reconhecíveis” e tornar outros decididamente mais difíceis de reconhecer. O problema não é incluir mais pessoas nas normas existentes, mas sim considerar como as normas existentes atribuem reconhecimento de forma diferenciada. Que novas formas são possíveis e como são forjadas? O que poderia ser feito para produzir um conjunto de condições mais igualitário da condição de ser reconhecido? Em outras palavras, o que poderia ser feito para mudar os próprios termos da condição de ser reconhecido a fim de produzir resultados mais radicalmente democráticos? (Butler, 2016b, p.20)

Chego ao colégio e sou recebido por Laura e Elias falando sobre jogar sinuca no bar que fica ali perto depois da aula. Tem sido interessante como temos passado mais tempo juntos. Tornamo-nos um trio muito rápido, de modo muito espontâneo e o Elias é, sem dúvida, um dos amigos mais divertidos que tive. Melhor eu reformular isso: na verdade acho que meu riso tem estado mais aberto ao Elias, mais sintonizado, rimos juntos. Partilhamos nossas histórias e no início, eu praticamente vomitei as minhas diante dele. É como se houvesse um acúmulo incomensurável de histórias por contar especificamente para ele.

Engraçado que realmente eu não tinha qualquer contato com essa ‘vontade’ antes de nossa aproximação, é como se ela fosse efeito desse encontro. Laura comentou certo dia que eu andava mais falante, mas advertiu-me que, por outro lado, vinha tendo menos disponibilidade para ouvir. Mais precisamente usou a palavra “egoísta” para me descrever. As palavras vibram em nós, cada palavra traz vibrações que não são só as do ar (como se tenderia a presumir), mas de afetos. Esse “egoísta” reverberou nada bem em mim. Então, vim ao colégio decidido a exercitar minha disponibilidade de escuta aos meus amigos. Elias ri da minha cara quando partilho essa preocupação com ele.

“Bicha, você é muito dramática” diz administrando o ar para dar conta das palavras em meio aos risos. “E eu lá preciso da autorização sua para falar? Hahahah... Falo quando quero. E se não me deixar falar, grito!”... Fico constrangido e pensativo. Dou-me conta de que havia decidido coisas a respeito de Elias sem qualquer consulta a ele, prescindindo da sua posição. Não estou dizendo só de agora, mas desde sempre. Decidi que ele era frágil, vulnerável, digno de alguma caridade minha. Talvez o vulnerável seja eu, que a qualquer comentário de oposição, ou acusação me rende o papel do culpado, do pecador e me silencio como estou fazendo nesse exato momento.

Lembro que na organização da Feira de Literatura, fomos separados em grupos pela diretora de acordo com a tarefa. Eu e Elias ficamos coincidentemente no mesmo grupo com mais três outros rapazes de outras turmas também. Fomos encarregados de arrumar as cadeiras enfileiradas diante de um palco improvisado para as apresentações de teatro programadas. Quando me aproximei do grupo, Elias me disse “ainda bem que não serei o único viado aqui”. Não soube o que responder ou como reagir. Senti-me um impostor, de início. Será que eu faria jus à expectativa de alívio que ele atribuía a mim? O que o fato de eu ser viado também poderia salvá-lo da ansiedade de trabalhar junto aos demais membros do grupo que eram presumidamente heterossexuais? Penso agora que aí estava meu engano, ele não me convocou a “salvá-lo”, jamais atribuiu sua salvação a mim. Eu também estava em risco. Percebi então que um dos outros membros do grupo era um dos rapazes daquele dia no banheiro. De novo aquela cena. O medo não era bem o de sair de lá, mas o de nunca sair, de compreender o mundo como uma versão maior daquele banheiro naquele dia e em que me esconder na cabine seria o único meio de habitá-lo. Elias nunca pediu um herói, convocou-me como um aliado, porque talvez saiba que a cabine é pequena demais para prosseguir vivendo, saiba que só se sobrevive junto. Naquele momento não estava se salvando, mas me convocando a permanecermos de pé juntos, e nesse “juntos” cabe não só nós dois, mas um mundo inteiro. Pouco importa minha impostura em relação a dar conta ou não dessa ou daquela expectativa, a corresponder ou não a um postulado identitário, prescinde-se de semelhança.

Tarefa concluída, estávamos um tanto cansados e suados. Elias queria molhar um pouco o rosto e me chamou para ir ao banheiro com ele, sim lá mesmo. E lá entramos. Contava-me sobre a vez em que ficou com um dos rapazes com quem acabáramos de realizar a tarefa em grupo. Sim, ele mesmo! O tal que estava dentre seus agressores ali naquele banheiro tempos atrás. Não contive minha expressão de surpresa. Apenas ouvia a história com detalhes de como eles transaram no terreno baldio atrás do colégio. Estava curioso para entender como se conectaria a cena de prazer no terreno baldio com a cena de agressão no banheiro do colégio, mas contive minha curiosidade numa posição de ouvinte atento.

Elias: ... Pena que ele se mostrou um babaca quando começaram a rolar boatos no colégio sobre nossa transa. Se juntou com uns amiguinhos metidos a machões e vieram tentar me arrasar no banheiro do colégio.

Hélio: Sobre isso-...

Elias: Eles acharam que eu ia deixar barato, mas eu e Dani, um amigo meu, abordamos eles na saída do colégio no dia seguinte. Você precisa conhecer o Dani, a bicha é muito

treteira e fala umas verdades bem ácidas na cara da sociedade. Duas bichas pretas, faveladas e cheias de ódio, os branquinhos do asfalto entenderam rapidinho o recado. Não precisamos nem baixar a porrada neles. Entenderam que não é porque a sociedade quer tratar a gente como lixo, que a gente vai virar lanchinho e saco de pancada de hétero branquelo metido a besta. Desde então ele nem olha mais na minha cara, percebeu?... Hã? Tá sorrindo por quê?

Por quê?... E aqui estou eu exercitando uma preocupação tola e soberba, querendo olhar Elias de cima como se eu estivesse mais ‘a salvo’ do que ele, como se eu também não tivesse sido alvo de inúmeras versões de violências, como se o risco para o bem estar dele não fosse, na verdade o risco para **nosso** bem estar. Se eu fizer um recuo agora àquela pesquisa que fiz da palavra “gay” na internet, em como ela fez parte de uma luta, sobre como ela foi se transformando ao longo do tempo e ramificada, parece que há uma provisoriedade das categorias, que com o tempo elas vão exercendo uma compressão das experiências. Eu venho me indagando como e o que representa caber no comprimido-projeto da identidade gay, mas de fato já habito lá antes mesmo de pensar sobre o que fazer com isso. Não temos total poder de escolher todas as categorias nas quais seremos enquadrados, os outros têm papel ativo nesse processo. Por meio da injúria e da agressão me identifiquei com Elias, a violência nos batizou, assim como possivelmente batizara Elias e seu amigo Dani. Ao fazer isso, se torna mais relevante o modo como nos posicionaríamos juntos diante desse batismo violento.⁴¹

Saindo do banheiro, nos deparamos com o novo banheiro ‘sem gênero’. Construído entre o banheiro feminino e masculino, um pequeno cômodo com uma privada e uma pia e

⁴¹Penso agora nas histórias dos movimentos LGBT, parece-me uma sobreposição de registros identitários provisórios para uma quantidade incomensurável de lutas. O início da causa gay abrigou uma infinidade de possibilidades de sexualidades e de gêneros num primeiro momento. “Gay” em *Stonewall* foi como uma marca momentânea aglutinadora de inúmeras vidas e experiências num berro inicial. Mas parece-me aqui que os quadros identitários de alguém ou de um movimento vão se restringindo com o uso, ficando cada vez mais criteriosos, porque eles estão imbricados numa rede normativa mais ampla na qual (e contra a qual) se forjam. “Gay” enquanto rubrica guarda-chuva de vários modos possíveis de ser foi se mostrando ou se articulando cada vez mais a certas categorias hegemônicas (homem, burguês, branco, cis) que estão diretamente ligadas as políticas de reconhecimento. Quanto mais parecido com a “cara” da hegemonia, mais reconhecível se tornava e ao mesmo tempo mais apertado para outros modos de sexualidade dissidentes. Talvez tenha relação com o que Reagon (2000) separa como “casa” e “coalizão”. Ela defende que o campo estratégico das identidades deve ser pensado em termos de coalizão, reconhecidamente marcado por disputas e negociações ao invés da presunção de homogeneidade. Porém, se pensado em termos de “abrigo”, uma identidade-casa em algum ponto deixa de comportar todos os corpos (e sua complexas composições) de maneira igualitária, e se torna cada vez menos habitável pela diferença. É possível que todas as lutas minoritárias tenham de se haver em alguma medida com as políticas de reconhecimento que empreendem a partir de suas marcas, e como se modificam a medida que vão ganhando visibilidade. E, sobretudo, pensar criticamente à custa de quem está se pleiteando visibilidade. GLS, LGBT, LGBTT, LGBTTI, LGBTTQI+. Essas e outras ramificações que rumam ao infinito não são tolas no que diz respeito tanto as incessantes disputas internas dos movimentos que buscam enlaçar diferentes experiências dissidentes de gênero e de sexualidade, quanto à provisoriedade das identidades enquanto ferramentas de luta por regimes de reconhecimento mais igualitários não só para fins de instituição de direitos formais, mas de mudança nos modos de agir-pensar e coabitar o mundo. Como manejar as operações de poder polindo as identidades no campo da visibilidade? Ou será esse o destino de qualquer identidade que se estabeleça como visível?

duas janelas basculantes estreitas posicionadas bem alto nas paredes laterais. Essas janelas dão cada uma para um dos banheiros com gênero. Pelo que soube foi construído por orientação de alguém superior à diretora Tânia. Se meu quadro já a deixou estarecida, imagina ter de profanar a arquitetura do colégio para pessoas trans⁴²! Mas me pergunto se era um banheiro particular que as pessoas trans queriam... Imagino que seja constrangedor entrar num banheiro destinado ao gênero com o qual eu não sentisse correspondência. O banheiro ‘sem gênero’ dá um encaminhamento a isso, sendo destinado a uma pessoa por vez, um banheiro não compartilhável. Se for para ser unisex, que não seja partilhável, que seja individual, que não seja político⁴³.

Política... Temos ouvido bastante na redação do recém-inaugurado jornal da escola, com o nome chamativo de “O Trombone” escolhido por votação dos membros. A professora Carmem é nossa supervisora a frente deste projeto que visa angariar fundos para a formatura da turma 3C do terceiro ano do ensino médio. A palavra “política” surgiu enquanto ela dizia de modo enfático que a escolha do nome tinha reverberações políticas, assim como todos os artigos, notícias e reportagens que escolhermos estar no jornal. Cada palavra digitada compõe modos de contar histórias, e, assim manejando os possíveis. Ela concluiu dizendo que contar histórias, seja onde for, é um trabalho de enorme responsabilidade. “O Trombone” surgiu a partir do chavão “por a boca no trombone”. Quais as possibilidades políticas desse nome para um jornal? Sensacionalismo? Um dos membros interrompe dizendo que “não queremos montar um partido político, é só um nome de jornal”. Um tanto séria, Carmem contrapôs:

*Somos filhos da época⁴⁴
e a época é política.*

*Todas as tuas, nossas, vossas coisas
diurnas e noturnas,
são coisas políticas.*

⁴²“Esses corpos-gêneros abjetos, por não serem compreendidos como plenamente humanos pelas instituições educativas, não são considerados dignos de viver, são repelidos e dificultados em seus jeitos de existir. Na morte, essas vidas incompreendidas não são enlutadas, sua falta não é sentida, pois são tomados como corpos estranhos, que não deveriam habitar o mundo.” (RODRIGUES, ZAMBONI & ROCON, 2016, p.68)

⁴³“Nesse sentido, é preciso lembrar que qualquer humano ocupa esse não lugar, não é pleno de si como advogam a falocracia e o narcisismo que nos produzem como indivíduos. A humanidade é, então, um lugar precário, que expulsa e repele o que perturba a sua coerência a fim de mantê-la. Diante do ideal de humano, estamos todos sempre em dívida, faltosos e incompletos. Entretanto, apesar do ideal de igualdade que a humanidade instaura pela carência absoluta de reconhecimento, há um desnivelamento constitutivo desse ideal. O jogo identificatório implicado na configuração do humano produz boas cópias, baseadas na similitude, rejeitando os simulacros, as cópias desprovidas de semelhança.” (RODRIGUES, ZAMBONI & ROCON, 2016, p.69)

⁴⁴Poema “Filhos da época” de Wislawa Szymborska (2011)

Parece-me que ela apontou para um sentido do termo “política” que não é o que costumamos usar. Não se trata especificamente de política partidária, é algo mais amplo e basilar ao mesmo tempo. No dicionário do *Google* encontrei sete definições para essa palavra e três delas dizem respeito a governo, como se a política viesse de cima, um sistema ou campo de estudos sobre como governar um grupo de pessoas e instituições. A política para a professora Carmem é uma “arte da coexistência”, da inescapável coexistência.

*Querendo ou não querendo,
teus genes têm um passado político,
tua pele, um matiz político,
teus olhos, um aspecto político.*

O político é então inescapável? Será que o banheiro “sem gênero” consegue não ser político ao tentar individualizar o acesso? Será que eu com as identidades com as quais me articulo poderia ser apolítico? Será que dizer-se apolítico basta para eximir-se do político? Presumo que não, pois:

*O que você diz tem ressonância,
o que silencia tem um eco
de um jeito ou de outro político.
[...]*

*Versos apolíticos também são políticos,
e no alto a lua ilumina
com um brilho já pouco lunar.
Ser ou não ser, eis a questão.*

*Qual questão, me dirão.
Uma questão política.*

Ser ou não ser algo é uma questão política, certamente não no sentido de revelar uma verdade essencial sobre aquele que é referenciado a esse algo, mas nos termos de quais relações e conexões são visadas por uma identidade e quais são limitadas ou impedidas pelo modo como nos relacionamos com nossas identidades. Tenho a impressão que comparar a política à *arte* já é um posicionamento diante da demanda política. Entretanto, antes de ser arte, a política é uma condição humana, pois não vivemos só.

*Não precisa nem mesmo ser gente
para ter significado político.
Basta ser petróleo bruto,
ração concentrada ou matéria reciclável.
Ou mesa de conferência cuja forma
se discutia por meses a fio:
deve-se arbitrar sobre a vida e a morte
numa mesa redonda ou quadrada.*

A artesanaria é assim um modo de se pensar política, a tarefa de coabitarmos o mesmo mundo. A política não se resume nem de longe a uma tarefa hierárquica e meramente delegatória, porque é um trabalho coletivo do qual não podemos nos furtar. Quando atribuímos a política a alguém ou a algum grupo apenas, estamos dando passos em direção a cenários em que a tarefa política se agrava e dificulta, mas jamais se encerra. O mundo e as coexistências podem tomar rumos com os quais não necessariamente concordamos, mas não podemos alegar ignorância culposa em relação a nossa responsabilidade com o que está sendo produzido e sustentado neste planeta. E isso tem a ver tanto com o nome que elegemos para um jornal estudantil numa periferia qualquer de nosso país quanto a como acolhemos a questão do acesso aos banheiros a pessoas trans; como reconhecemos ou negamos reconhecimento a certas vidas; como nos relacionamos com a diferença.

*Enquanto isso matavam-se os homens,
morriam os animais,
ardiam as casas,
ficavam ermos os campos,
como em épocas passadas
e menos políticas.*

Quais políticas de reconhecimento estamos confeccionando quando erguemos um banheiro entre-banheiros como esse? Em outros termos, quais formas de convivência bordamos quando acreditamos que o que falta para pessoas trans é um cubículo individual com privada e pia, pouco ventilado e à parte dos banheiros em que circulam os corpos ditos normais? Quais vidas se quer realmente garantir e preservar quando separamos os corpos e cerceamos dessa maneira suas possibilidades de convivência?⁴⁵

Elias me conta ali que, certo dia, um amigo seu heterossexual e cisgênero estava com diarreia e diante do receio de usar o banheiro masculino e ser constrangido por sua condição naquele momento, utilizou o banheiro “sem-gênero”. Eu soube noutra ocasião que a Laura também já utilizara o lugar pelo mesmo motivo. É cômico e trágico pensar que uma diarreia possa ter impactos políticos. Diante de uma situação vulnerável como esta, pessoas *cis* passam a buscar acolhimento naquele banheiro individualizado. Nunca o utilizei, mas me pergunto como é estar ali dentro? Como é habitar por alguns minutos aquele espaço destinado a corpos

⁴⁵“A ocupação e vivência dos espaços – especialmente dos banheiros, que marcam explicitamente segregações que atravessam a distinção entre o público e o privado, o pessoal e o político – torna-se meio de resistência nas relações de poder. No ocupar, iniciam-se disputas com nossos corpos e gêneros, acionando uma política como luta pela vida no coletivo.” (RODRIGUES, 2016, p.74)

inconformes, seja ele articulado aos gêneros de maneira dissidente ou ao sistema digestório/excretor comprometido?⁴⁶

Quais políticas de reconhecimento estão em jogo para que eu perceba Elias como uma parceria com a qual eu possa voltar àquele banheiro masculino de outro modo? Reconhecer Elias não tem de estar subordinado a conhecer Elias, eu resumiria assim⁴⁷. Presumi em algum momento que precisaria conhecê-lo para reconhecê-lo, reconhecer a dignidade de sua existência, quando talvez fosse o oposto em alguma medida: reconhecer sua dignidade seria um meio possível de me permitir conhecê-lo⁴⁸. Esta é a arte da coexistência que acho mais interessante, este é um quadro que quero pintar. Pode-se dizer que as “condições de ser reconhecido” se deslocaram lá naquele banheiro quando me deparei com minha própria precariedade⁴⁹, mas abduquei desse reconhecimento e da possibilidade de conhecê-lo no momento seguinte e sai correndo como se pudesse escapar das articulações que montavam e remontavam aquela cena a todo tempo, como se pudesse fazer com que elas não tivessem nada a ver comigo. A “condição de ser reconhecido precede o reconhecimento”⁵⁰. Talvez, meu sorriso naquele momento (e agora) se deva à impressão de que a violência não me separa

⁴⁶“Não basta que os corpos-gêneros dissidentes sobrevivam pelos processos de normalização e se tornem invisíveis na universidade. Em virtude da fragilidade da instituição educativa, como de qualquer outra instituição enquanto produto histórico do humano, amplia-se a polícia moralista dos banheiros, preocupada em garantir a manutenção das estruturas de poder normativo sobre corpos e gêneros. Esses são os alvos principais das tecnologias de controle disciplinar distribuídas entre a população. O banheiro funciona como um dispositivo privilegiado para a regulação das práticas corporais e de gênero, foco estratégico dos poderes e das resistências que permeiam a vida coletiva. As ações atrevidas que arrombam as portas dos banheiros junto com nossas masculinidades e feminilidades instituídas produzem deslocamentos da normatividade, sem pretender garantias institucionais pelo estabelecimento de soluções derradeiras.” (RODRIGUES, ZAMBONI & ROCON, 2016 p.70)

⁴⁷“Nem todos os atos de conhecer são atos de reconhecimento, embora não se possa afirmar o contrário; uma vida tem que ser inteligível como uma vida, tem de se tornar reconhecível. Assim, da mesma forma que as normas da condição de ser reconhecido preparam o caminho para o reconhecimento, os esquemas de inteligibilidade condicionam e produzem essas normas” (BUTLER, 2016b, p.21)

⁴⁸“O reconhecimento não pode ser reduzido à formulação e à emissão de juízos sobre os outros. Indiscutivelmente, há situações éticas e legais em que esses juízos devem ser feitos. No entanto, não deveríamos concluir que a determinação legal da culpa ou da inocência seja o mesmo que reconhecimento social. Na verdade, o reconhecimento muitas vezes nos obriga a suspender o juízo para podermos apreender o outro. [...] Em que medida a cena de reconhecimento é pressuposta pelo ato de julgar? O reconhecimento fornece um quadro mais amplo dentro do qual é possível avaliar o próprio juízo moral? Ainda é possível fazer a pergunta “Qual o valor do juízo moral?”? (BUTLER, 2015, p.64)

⁴⁹“Como política, a precariedade da vida assume distintos arranjos. Podemos distinguir, então, ao menos dois modos de vida precária: a precariedade assente na condição faltosa dos humanos, unidos pela necessidade faltosa de identidade, e a precariedade de ser dos corpos-gêneros simulacros, que se furtam à falta em processos de diferenciação constantes. Entre esses dois polos da vida precária, oscilam os mais diversos posicionamentos. Em ambos, trata-se de maneiras de compor coletividades: seja pela reivindicação conjunta de reconhecimento, seja pelos cruzamentos díspares que as diferenciações promovem”. (RODRIGUES, ZAMBONI & ROCON, 2016, p.70)

⁵⁰ Butler, 2016b, p.19

do Elias. A violência não me pressiona mais a não ser “Elias”, pelo contrário. Contra as violências eu quero ser “Elias”, quero estar com Elias e quero ser reconhecido por ele.

Quando dou por mim, Elias e Laura estão a me encarar. Devo ter ficado dispersivo por um tempo em meio a minhas reflexões. Rio constrangido.

Elias: Não entendo essas caras de bobo que você faz, às vezes... Mas mudando de assunto, Laura e Hélio, quais os planos das senhoras para o próximo feriado?

4. VIA(DA)GEM

Uma viagem é definida, no dicionário, como um deslocamento entre lugares relativamente distantes e, em geral, supõe-se que tal distância se refira ao espaço, eventualmente ao tempo. Mas talvez se possa pensar, também, numa distância cultural, naquela que se representa como diferença, naquele ou naquilo que é estranho, no “outro” distanciado e longínquo. A metáfora da viagem interessa-me para refletir não apenas sobre os percursos, as trajetórias e o trânsito entre lugares/culturas ou posições de sujeitos, mas, também, para refletir sobre partidas e chegadas. Importa-me o movimento e também os encontros, as misturas, os desencontros. (Louro, 2006, p.14)

Um tanto perdido diante das minhas peças de roupas, encaro meu armário. Nunca precisei fazer as malas, as poucas viagens que fiz na vida foram na infância e minha mãe se encarregava de quase todos os preparativos. Talvez por isso só consiga me lembrar dela sempre exausta e um tanto mal-humorada em todas as viagens. A sobrecarga e o fato de que nosso único destino de férias ser sempre a casa da minha avó paterna perto da praia. Minha mãe sempre reclamava muito disto também. Penso agora como e quais critérios ela utiliza para escolher os itens necessários para uma viagem enquanto calculo a quantidade de camisas, shorts, calças, cuecas. Eu pediria ajuda se ela não tivesse ficado um tanto contrariada com meu comunicado de que eu iria viajar aquele feriado e não quero dar o trabalho a ela de estar mais uma vez envolvida na arrumação da bagagem para uma viagem que não a agrada. Justificou seu desagrado no fato de que teria que faltar um dia de trabalho lá na lanchonete já que com o feriado eu teria apenas dois dias de folga, mas a viagem duraria três dias. Respondi que o gerente e os hambúrgueres grelhados vão sobreviver a minha ausência e esse feriado era minha oportunidade de fazer algo diferente.

Enfim, agora lá vou viajar rumo à praia, desta vez a convite do Elias. Feriado prolongado com ele e amigos dele que juntos alugaram uma casa na região litorânea. Disse que eu poderia convidar o Otto que na verdade ficou mais animado do que eu com o passeio. De fato, entre cálculos de quantas peças de roupa levar, há uma hesitação em meu corpo. Já pensei em inúmeras desculpas para não ir. É como se estivesse me colocando em perigo extremo indo viajar. Por que? Qual é esse perigo de estar em viagem? O desconhecido talvez.

Ou quem sabe não seja um medo fantasmagórico daquilo que eu não conheço em si, mas medo de perder o que conheço, de me perder no caminho.

4.1 O Viajante Embicha

[...] a bicha interroga o que seja ser alguma coisa, desmonta o estatuto do ser no pensamento. Ela perturba códigos e rituais que nos fazem acreditar que somos algo. [...] Uma figura problemática, uma personagem incômoda, corruptiva das imagens estáveis e confortáveis que criamos para nós mesmos. (Zamboni, 2016, p.12)

“Gay”?

Risos.

No carro estamos Elias, Otto, Daniel e eu.

Olhando pelo retrovisor central do carro, Daniel me encara. O ar fresco entrando pela janela fica rarefeito.

Daniel: Hahahaha! Esse seu amigo existe mesmo, Elias? Acho hilárias essas bichinhas higiênicas!... “Gay”! Por favor, né?

Elias: Deixa de ser malvada, Dani! Haha!

Hélio: Desculpa se fui ofensivo de alguma forma, Daniel.

Daniel: A questão é exatamente a oposta: você é inofensivo. Pelo menos para a maior parte dessa sociedade de merda. Ou melhor, você se esforça ao máximo para permanecer inofensivo. E quanto mais inofensivo tenta ser, mais vidas permanecem impossíveis. A bicha crianceira brinca; e brincando cava novas trincheiras na luta persistente do viver, embaralha as disputas com suas bichices enquanto gargalha, assombra e berra “existências impensáveis e iminentemente imanentes”⁵¹.

Afundo-me no banco traseiro constrangido, mesmo não entendendo bem a reação dele.

Elias: Viado, presta atenção nessa estrada que eu não tô preparada para chegar ao *vale* hoje! Mal fiz a chuca antes de sair de casa.

Todos riem.

Otto ergue ligeiramente uma de suas muletas.

Otto: E eu já tive minha cota de acidentes de carro nesta existência!

Gargalhadas.

⁵¹ Rodrigues, 2017, p.11.

Daniel: Mas voltando ao assunto, Hélio, essa tal história sobre a exposição em sua escola o Elias já havia me contado por alto. Quando ele me falou que você abdicou de expor fiquei chocada.

Hélio: Bom, era isso ou o grupo poderia não expor. Então, preferi-...

Daniel: ... -não incomodar? Não se colocar em risco? Não se expor?

Hélio: Pode ser isso. De repente, um quadro bobo se torna um campo de disputa que não previ e não sei se dou conta de lidar.

Daniel: Aí você inventa o gay, a figura que “revira de ponta a cabeça vergonha em orgulho”⁵²; pertencente a uma sigla que ruma ao infinito de letras e sinais; o gay saiu do armário para lutar, é verdade, e assim o fez; agora é humano; homossexual, higiênico, saudável, legislado, normal. Impossível não rir na cara dessa figura que tenta gerir nossas vidas. A bicha aqui calejada em salto quinze e me vem a gay normatizar a porra toda. Mas a bicha não para. Eu mesma a perco de vista muitas vezes porque ela é rápida. Não tem mosaico que a segure, nem que a explique, a bicha é fragmentária, escorregadia, arbitrária.

Hélio: Não sei se estou acompanhando o raciocínio.

Daniel: Nem tenta! O raciocínio dá conta da bicha tanto quanto uma vitrine daria conta de um balaço.

Elias: Se continuar distraída se exibindo, a bicha vai voar para-brisa a fora. Dani presta atenção na pista! A senhora está determinada a *causar* na BR. A propósito, falta muito para chegarmos nessa tal casa de praia?

Daniel: Quando a bicha está no volante é assim. Ninguém está a salvo; nem as BRs. Ela também não garante se chegaremos a algum lugar. Curiosamente, com a bicha, não há salvaguarda para a sobrevivência de ninguém, mas ela sai cavando trincheiras num campo de batalha onde as condições de disputa são violentamente desiguais.

Escuto em silêncio enquanto observo o movimento de duas penas coloridas que se encontram penduradas no retrovisor do carro de Daniel. Então, Elias liga o rádio e começa a cantarolar improvisadamente uma música em inglês tentando imitar os sons das palavras que desconhece e mal distingue. Ele ondula os braços no ritmo da melodia e vai aumentando o tom de voz, até que projeta a cabeça e os braços para fora da janela cantando o mais alto que pode.

Sua performance parece surpreender os passageiros do carro na faixa ao lado na estrada e desvio minha atenção para as reações deles. A adolescente e o garotinho no banco de

⁵²Zamboni, 2016, p.15.

trás riem da cena. O motorista olha de soslaio e então balança levemente a cabeça em desaprovação. O rosto da mulher a seu lado mal dá para ser vista pela perspectiva de onde observo, mas definitivamente ela sorri.

Daniel: A bicha descompassa a família, cria reações disformes, incomoda os rituais familiares dentro do cubículo motorizado e hermético no conforto do ar-condicionado. Porque a bicha viaja de janelas abertas, deixa o ar invadir inadvertidamente, trazendo o mundo para dentro do carro, deixando-o se infiltrar em nossas vias aéreas, em nossos corpos.

A música acaba e, logo após algumas propagandas na rádio, começa:

*At first I was afraid, I was petrified
Kept thinking I could never live without you by my side
But then I spent so many nights thinking how you did me wrong
And I grew strong
And I learned how to get along⁵³*

Todos nos entregamos às gargalhadas. Do que rimos? Do que estamos efetivamente rindo? Rimos da mesma coisa? Há alguma coisa em si para se rir, ou o riso foi apenas um jeito impreciso de compartilhar o acontecimento? A coincidência de essa música emblemática tocar num automóvel com quatro bichas a caminho de sei lá onde? Lembro-me dos risos na festa em que fui com Raul, risos diante dos perigos. Primeiro acreditei que rir poderia ser um jeito de negar os perigos e medos. Agora me pergunto se rir também era um jeito de enfrentar os perigos e medos ao invés de uma fuga deles, um jeito de dizer que a bicha prosseguirá ainda que atentem contra meu corpo, que ela permanecerá assombrando e se apossando de outros corpos.

O que se faz da coincidência de uma música emblemática na história da cultura gay tocando num automóvel em que a motorista é a bicha? Tenho certo apreço pelas coincidências. Não que eu argumente que elas correspondam a alguma verdade transcendental sobre o universo, que representem forças do destino colocando peças no lugar, ou obra de alguma sabedoria superior tentando nos dizer algo. É possível se argumentar que as coincidências só são possíveis em certas condições normativas de reconhecimento de pelo menos duas coisas/pessoas/situações e nesse cenário estabelecer uma correspondência entre elas. Mas o que se pode fazer da coincidência me chama a atenção. Destino, acaso, mensagem transcendental, oportunidade, os sentidos possíveis são diversos. Nós rimos juntos... Juntas. Rimos talvez do clichê, ou melhor, de clichês da cultura gay que atravessam as experiências

⁵³“*I will survive*” interpretada por Gloria Gaynor, composta por Dino Fekaris / Frederick J. Perren

das identidades. A reboque, rimos das próprias identidades, de suas fronteiras e projetos para nossas existências.

O emblema “gay”, “homossexual”, ou o que quer que seja é torcido pela bicha, enquanto cantamos a música, mesmo não conhecendo bem toda a letra, torcemos seus fonemas para que caibam em nossas gargantas enquanto jorramos a melodia de nossos corpos. Tanto tempo não cantava aos berros assim. Quando criança eu cantava o tempo todo, cantava e dançava, fazia performances. Meu irmão mais velho implicava comigo dizendo que eu rebojava demais, minha mãe pedia para que evitasse dançar em público. Nada disso me impediu de rebolar na churrascaria em que fomos quando tinha uns quatro anos de idade ao ouvir minha música favorita; nem de participar do concurso de dança improvisado no quintal de casa na modesta festa de aniversário da minha mãe anos depois; nem de todas as outras vezes em que apenas dancei, a despeito de qualquer advertência.

Otto começa a se mover conforme a música e com um enorme sorriso no rosto faz um gesto para que eu o acompanhe. É como se fosse um convite daquele Hélio que mal reconheço. Elias e Dani já estão dançando. Começo a dançar, primeiro um tanto tímido ainda pensando na direção perigosa de Dani naquele momento. Buscando a segurança sempre, dentro da cabine daquele banheiro temendo ser encontrado pelos agressores do Elias. O refrão chega e a timidez cede lugar a uma entrega eufórica como se cada molécula do meu corpo vibrasse junto aos sons. Os sorrisos de nós quatro ficam tão parecidos, mesmo diferentes. A estrada continua insegura, mas por um instante nossa alegria ri, gargalha. As bichas riem na cara das promessas de segurança de sermos alguma coisa e das garantias de irmos a qualquer lugar.

And so you're back

From outer space

I just walked in to find you here with that sad look upon your face

I should have changed that stupid lock, I should have made you leave your key

If I'd known for just one second you'd be back to bother me

Contudo, aos poucos a timidez e a preocupação vão emergindo novamente, olho para a alegria transbordando dentro do carro, e cometo a estupidez de não me jogar de volta nela. Pergunto-me onde está aquele corpo que dançava. Cadê aquela criança? Mas essa pergunta se perde nos chiados de outras buscando limite e segurança. Será que é isso que chamam de “ser adulto”?⁵⁴. Quem são as bichas? Nós? Será que damos conta da bicha ou também somos, no

⁵⁴“Quando seduzidas pelo Adulterio – o reino dos adultos que traíram a própria crianceria em busca das promessas de poder, completude e conforto no invivível ser sempre “igual” –, os corpos tornam-se estátuas atônitas, parecendo formas eternas e imutáveis. Mas sentem, constante e inevitavelmente, a impossibilidade e a dificuldade de permanecerem imóveis. As crianças, porque bichas, perturbam! Atevidas, elas vivem o tempo

limite, “vitrines diante do balaço”? Por outro lado, ali minutos antes naquele carro ela invadiu e se apoderou do meu corpo, apoderou-se do carro todo na verdade, o fez se deslocar, o pôs na estrada diferentemente, brincou com os excessos de referencialidade, me fez sorrir. Gargalhar.

Todavia, no fim volto a oscilar entre a cabine do carro e a do banheiro. Entre a bicha e o gay. Entre a espontaneidade e o receio. Será que estou levando os sorrisos da bichice para dentro da cabine daquele banheiro tanto quanto trago os medos para esse carro? Há como cavar outras trincheiras em mim? Será que posso dar outro destino as marcas normativas em meu corpo?⁵⁵ Foram alguns quilômetros de incerteza, receio, constrangimento, mas também de alegria, deslocamento, alianças. Não um contentamento otimista, mas uma alegria “afrontosa” como Dani e Elias costumam dizer, desestabilizando a segurança de ser quem sou. Eu viajo pela BR, e fui atropelado pela bicha. Pergunto-me quantas vezes me permiti deliberadamente coincidir com a bicha? Quantas vezes me deixei deslocar por ela? Viajar com ela? Essas perguntas me vêm como uma convocação à tarefa de abrir mais passagem, produzir mais rastros a partir da incerteza, da alegria e da audácia bicha. Mas para quê, me pergunto em seguida. Talvez para riscar a estrada, para apontar, criar ou dar relevo a fragmentos e entulhos onde só há asfalto, para esburacar o trajeto e embaralhar as rotas. Se as identidades me interrogam o que sou e para onde vou, a bicha debocha de meus esforços de permanecer na segurança de alguma coisa.

Nos perigos, surpresas, solavancos e chacoalhares dessa viagem sinto-me convocado a mudar de planos, ideias, crenças; não vou “tomando posse de mim”, muito pelo contrário, vou

que podem, a potência de existir em monstrosidades^{xvi}, convocando, seduzindo, espezinhando para que todos entrem com elas no Reino do Arco-Íris.” (RODRIGUES *et al*, 2017, p.12)

⁵⁵A bicha defendida por Zamboni (2016; 2017), Rodrigues et al (2017) aparece quase como figura mitológica, monstruosa, fabulosa e como tal sempre sendo forjada numa mistura das referencialidades a ponto de confundir e fender as tentativas de capturá-la em definitivo pelas normativas e instituições. Especialmente estes últimos autores apostam na “crianceira” da bicha, a criança bicha debochando dos determinismos e seguranças dos corpos, dos regimes de sexualidade, gênero, do higienismo adulto. Dado seu potencial disruptivo, incômodo, assombroso, ela é ao mesmo tempo o que há de mais negado nos projetos de infância e mais combatido como ameaça iminente aos corpos, sobretudo os corpos adultos (“adúlteros” como os autores parodiam) que são assombrados pela bicha crianceira minando seus sonhos de uma existência coerente e segura de si, protegida do mundo. A bicha interpela a presente dissertação na discussão sobre identidade quando esta aparece como proteção contra o mundo, contra o imanente. Fratura também o legado higienista na forja da imagem política LGBT deixando expostos os processos de homogeneização e apagamento das incoerências, transitoriedades, das monstrosidades e com elas, o apagamento da legitimidade de inúmeras vidas. Por ser fabulosa, a bicha não representa uma identidade nem corresponde necessariamente a corpos específicos, sendo assim ela transcende determinações de gênero e sexualidade. Ela é uma espécie de fantasma errante que a qualquer momento se expressa ou coincide com qualquer corpo que desafie os determinismos, que incomode às normativas, que pinte e borde com as referencialidades. Em última análise, a bicha nos confronta com sua assustadora alegria crianceira, inventiva e indomesticável, sobretudo, por nos confrontar com a percepção radical de nossa inconclusão.

me desapossando de mim mesmo⁵⁶, me deparando com minhas incongruências, confusões e fragmentos. Acho que minha resistência inicial a vir nessa viagem era uma intuição de que teria de me haver com isso. Em viagem pareço estar percorrendo fronteiras, ou melhor, de não conseguir diferenciar estrada de fronteira, caminhar de negociar, criar de arriscar. Foi em trânsito que, desapossado de mim, pude coincidir com a bicha naquele instante. E foi tão rápido e passageiro que só consigo falar disso em retrospecto como se a bicha fosse um vulto tão ágil que só sei dela pelas marcas que deixa em sua passagem. Preciso viajar mais vezes.

*I've got all my life to live
And I've got all my love to give and I'll survive
I will survive
I will survive.*

4.2 Desfazendo as malas

Os “enquadramentos” que atuam para diferenciar as vidas que podemos apreender daquelas que não podemos (ou que produzem vidas através de um continuum de vida) não só organizam a experiência visual como também geram ontologias específicas do sujeito. Os sujeitos são constituídos mediante normas que, quando repetidas, produzem e deslocam os termos por meio dos quais os sujeitos são reconhecidos. [...] Ao mesmo tempo, seria um equívoco entender a operação das normas de maneira determinista. Os esquemas normativos são interrompidos um pelo outro, emergem e desaparecem dependendo de operações mais amplas de poder, e com muita frequência se deparam com versões espectrais daquilo que alegam conhecer. (Butler, 2016b, p.17)

Somos recebidos na cidade por uma chuva torrencial de verão repentina e o carro enguiça à distância de uns cinquenta metros da casa em que nos hospedaremos. Viagem é isso, cheia de eventos repentinos simultâneos. Mas o nosso bom humor não se abate pela situação. Saímos na chuva e empurramos o carro até próximo a uma calçada. Um senhor, dono do boteco ali perto, se aproxima e nos ajuda enquanto nos informa sobre a oficina mecânica mais próxima. Enquanto nos auxilia, pergunta-nos se estamos “de viagem” por ali. É curioso que quando viajamos, mesmo chegando ao suposto destino, costumamos pensar que “estamos aqui de viagem”, talvez porque a sensação de deslocamento persista a despeito de estarmos ou não na estrada. A viagem só acaba quando retornamos para o familiar.

Pegamos nossa bagagem no porta-malas e corremos em direção a nossa casa viajante pelos próximos três dias. Enquanto corríamos pela rua com bolsas, mochilas e malas, mentalmente repreendia a mim mesmo por ter trazido as coisas em minha bolsa de tecido ao

⁵⁶Louro (2006) usa a imagem da viagem para argumentar a necessidade desse desapossamento de si na pós-modernidade. Ela (a viagem) nos convoca a “pensar não só nos processos mais confusos, difusos e plurais, mas especialmente, supor que o sujeito que viaja é ele próprio dividido, fragmentado e cambiante” e que “[...] esse sujeito que se lança numa viagem, ao longo da vida, na qual o que importa é o andar e não o chegar” (2006, p.13) e o propósito da viagem vai mudando no percurso.

invés da mala impermeável da minha mãe. Eu empurro a cadeira de rodas do Otto enquanto ele faz o que pode para evitar que minha bolsa e sua mochila molhassem demais.

Chegamos. Completamente molhados. Um lugar simples e no andar acima está a casa das proprietárias com entrada independente. Abrimos a porta. Lá já estão dois dos amigos de Dani e Elias. Com a bagagem toda úmida, tivemos (eu e Otto) que pegar emprestadas roupas com os outros. O Otto por ser magro, não teve dificuldade de conseguir peças com o Dani. Como eu e Elias somos os mais robustos aqui com estrutura corporal parecida, peguei emprestado uma bermuda e uma camisa secas para usar. Parece que a mala do Elias resistiu bem ao pequeno dilúvio que só esperou entrarmos na casa para simplesmente parar e o Sol voltar a se insinuar entre as nuvens.

Entro no banheiro para tomar um banho. Ao fechar a porta sou confrontado com um espelho enorme atrás dela. Não. Acho que não vejo o espelho primeiro, vejo meu reflexo primeiro e então reparo no espelho, observo suas medidas, moldura. No momento seguinte volto a atenção à minha imagem refletida ali. É difícil reparar nas duas coisas ao mesmo tempo: no espelho e na imagem que me é devolvida como sendo “eu”. Embora espelho e imagem estejam tão entrelaçados aqui, parece que para olhar um, preciso me distanciar um pouco do outro. Parece que meu olhar está viciado, ele busca a imagem de mim antes de se ocupar das condições em que esse “mim” aparece. Se pretendo olhar o espelho, seu acabamento, as sutis distorções em sua superfície, suas margens e limites, preciso ir abdicando do “eu” aos poucos, até ficar irreconhecível. Todavia esse exercício só faz sentido se pretendo retornar o olhar para minha imagem em algum ponto, mas retornar diferentemente, criar outras relações com o que faço de mim, outros paradigmas perceptuais.

Parece que a moldura do espelho permite uma versão de mim até certa parte, contudo a própria versão já excede a moldura quando me faz pensar e lembrar como me vejo. É assim também como me sinto diante do olhar dos outros. Dani me olhava pelo retrovisor do carro (outro espelho) e de repente quem eu poderia ser estava articulado ao Hélio que ele me convocava a ser. Aquele retrovisor e os olhos do Dani eram certamente molduras sobrepostas tentando dar conta de alguma transmissibilidade entre nossos olhares e falas e nossa insuficiência. Por alguma razão, eu não cogitei me retirar desse contato truncado como já fiz em outras ocasiões como naquela festa em que o Raul (amigo da Laura) ficara me instruindo como deveria me portar naquele tipo de reunião. Eu persisti na possibilidade de construir alguma aliança com o Dani ali, queria ver o que excedia àquele retrovisor. E aqui estou eu, me olhando no espelho de novo.

De certo modo, somos espelhos uns para os outros. Se essa imagem faz sentido, é como se caminhássemos por uma sala de espelhos. Cada um deles disputa e negocia modos de remodelar a imagem, dadas as condições de enquadramento. Se olharmos apenas para a imagem de nós mesmos devolvida, ela passa a ser uma realidade imagética limite, mas quando olhamos para aquilo que a emoldura, nos deparamos com as condições de aparição e manutenção da imagem de uma determinada forma. Todavia é importante lembrar que há mais do que o reflexo, que a cena excede o quadro, podemos não só nos reconhecer, como reconhecer o espelho que somos uns para os outros num jogo que mistura imitação, estilização e criação. Pois, o que acontece quando um espelho é colocado diante do outro? Vemos uma reprodução infinita dos limites da moldura e também seus arredores de modo indireto. Logo, o outro não apenas reflete uma imagem que me é atribuída, mas também as condições de reconhecimento dessa imagem que, se reduzida apenas a si mesma, fica aprisionada num *looping* infinito, não prossegue.

Cada encontro com alguém é um encontro com uma imagem de nós mesmos e nos coloca um novo jogo para os limites de como percebemos a nós mesmos e aos outros. Se não conseguimos ver sem enquadrar, minha relação com a identidade (moldura) me possibilita encontros na medida em que me coloca num campo de inteligibilidade, mesmo que de modo especialmente limitado a princípio. Contudo, se sou resumido ao *looping* infinito da imagem, não prossigo, não consigo estar aberto às mudanças, ao que aparece e rompe com condições prévias do meu reconhecimento e do outro. Nessa cena de espelhos a bicha é gradiente caleidoscópico, misturando os quadros, criando imagens multicoloridas, indefiníveis, lindas e monstruosas, girando e torcendo os impossíveis e expondo a fragilidade do que é inteligível nas políticas de reconhecimento.

Banho tomado, coloco as roupas que Elias me emprestou. Uma bermuda jeans curta com a bainha esgarçada, camisa branca, com paetês coloridos formando um coração que ele mesmo costurara, além de cortes paralelos nas mangas, o colarinho foi cortado de modo a formar uma elipse maior deixando a parte do colo mais exposta. Estou trajando não só roupas manufaturadas, mas customizadas artesanalmente pelo Elias. Será que ele escolheu essas peças de propósito? Se bem que ele fez trabalho semelhante no uniforme do colégio. É estranho usar roupas de outra pessoa. Parece que meu corpo não está preparado para aquilo. E esse espelho enorme só intensifica o desconforto. Não é como se eu estivesse me fantasiando do outro. Parece que no meu corpo, os enquadramentos que a vestimenta estranha me impõe, me convocam a inventar outra corporeidade enquanto me contorço diante do espelho tentando

alcançar o corpo que me lembro e ao qual pareço especialmente apegado agora, o corpo das camisas de gola polo.

Até que paro de resistir e me encaro por alguns segundos. Dou um passo atrás e me distancio um pouco do espelho e de qualquer tentativa de sustentar alguma coerência individual. Reparo as formas do meu corpo, a camisa ligeiramente justa expõe a forma da minha barriga e um pouco dos quadris. A bermuda mais larga e curta exhibe minhas pernas desbotadas de tanto tempo sem pegar a luz do sol. Minhas pernas estão mais bonitas do que me lembro. Talvez eu devesse considerar aderir a bermudas mais curtas de vez em quando. Esse corpo compartilha, junto às roupas, algumas experiências do Elias. Mas esse corpo não é o Elias. Serei eu? De quem é esse corpo? Quem é esse corpo?⁵⁷

4.3 Entre-pernas

Enfim almoçamos depois da longa viagem pela estrada. Resolvemos ficar em casa o resto do dia. Os outros dois amigos de Dani aproveitaram para ir à praia enquanto preparávamos algo para jantarmos e lanches para o dia seguinte. Iremos para praia amanhã bem cedo. À noite, eu e Otto fomos para o quarto que designaram para nós. Ajeitamos os colchonetes e ali transaríamos pela primeira vez. Essa era uma parte da viagem que eu particularmente torcia para que acontecesse, pois não havíamos tido oportunidade até então.

Quando eu tinha uns dez anos de idade, havia um amigo com quem transava frequentemente. Lembro que quase sempre antes de iniciarmos, ele perguntava quem de nós seria o “homem” (aquele que, segundo ele, roçaria o pênis na bunda do outro) e quem seria a “mulher” da vez; ele me deixava decidir todas as vezes. Paramos de transar desde quando quase fomos pegos por sua mãe que voltara da igreja mais cedo certo dia, tínhamos por volta de 13 anos àquela altura. Com o Otto, por outro lado, não há perguntas do tipo; não há questão sobre quem seria o “homem” e quem seria a “mulher” da vez. Brincamos como exploradores atrapalhados, mas estranhamente em sintonia, experimentando sensações... Prazer, cócegas, dor. Por vezes, o masculino e o feminino se insinuam e circulam por nossos corpos de modos desiguais, mas a maior parte do tempo não faço ideia de onde um começa e

⁵⁷“Se queremos ampliar as reivindicações sociais e políticas sobre os direitos à proteção e o exercício do direito à sobrevivência e à prosperidade, temos antes que nos apoiar em uma nova ontologia corporal que implique pensar a precariedade, a vulnerabilidade, a dor, a interdependência, a exposição, a subsistência corporal, o desejo, o trabalho e as reivindicações sobre a linguagem e o pertencimento social. [...] Não é possível definir primeiro a ontologia do corpo e depois as significações sociais que o corpo assume. [...] A concepção mais ou menos existencial da “precariedade” está, assim, ligada à noção mais especificadamente política de “condição precária”. E é a alocação diferencial da condição precária que, na minha opinião, constitui o ponto de partida tanto para repensar a ontologia corporal quanto para políticas progressistas, ou de esquerda, de modo que continuem excedendo e atravessando as categorias de identidade.” (BUTLER, 2016B, p.16)

outro termina, transitamos numa espécie de “entre” em que nem gênero e nem sexualidade são absolutos, mesmo que componham a experiência de modo significativo.

Minutos depois do sexo, estamos abraçados sobre o colchonete no quarto daquela casa, Otto me fala de inseguranças dele em relação ao corpo. Aponta para as pernas e me pergunta qual a diferença entre elas. Respondo hesitante que a perna esquerda (a tida por deficiente) é mais fina que a direita (a perna tida por normal). Percebe, diz ele num tom de alguém que acabara de ter um insight, que se reconhece a perna deficiente pela comparação com a perna “normal”? Quase todo mundo para quem faço essa pergunta, fala do mesmo jeito e na mesma ordem: a perna deficiente é **mais fina** do que a outra. É como se a diferença estivesse contida apenas na perna que aparentemente é o que não deveria ser. A única história que se conta dela é a história de seu fracasso refletido constantemente na perna considerada boa. Já me disseram, certa vez, que ao menos eu ainda tinha uma perna boa. Concordei com essa compensação a princípio, mas, na verdade uma parte de mim achou muito imprecisa em relação a como me relaciono com elas, como me mantenho de pé e como prossigo.

Ouvir o Otto me manteve com os olhos fixos em suas pernas por um tempo. Quando me dou conta, sento e olho-o nos olhos. Aquele olhar de intimidade parece uma extensão do sexo ou outra dimensão dele e meus pensamentos se misturam com o que vai me dizendo. Estou um tanto perdido, mas engatinho até o espaço entre as pernas dele como se procurasse novamente um “entre”; não a perna direita, nem a esquerda, mas ali entre-pernas, o lugar onde ele negocia para estar de pé, para prosseguir. Parece que eu jamais chegarei lá de fato, mas mesmo assim insisto em olhá-lo dali, donde quer que fosse aquele “ali”. Na impossibilidade de chegar de modo definitivo, me inclino para beijá-lo e durante o contato de nossos lábios algo me parece transmitido por um segundo, não sei bem o que, é tão sutil que me faltam palavras. Talvez o “lá” não seja um lugar, mas um jeito de prosseguir.

5. VIZINHANÇA

Ao contrário das falenas que se consomem no instante extático de seu contato com a chama, os pirilampos do inferno são pobres “moscas-de-fogo” - fireflies, como se chamam em língua inglesa os nossos vaga-lumes - que sofrem em seu próprio corpo uma eterna e mesquinha queimadura. [...] Assim, a vida dos vaga-lumes parecerá estranha e inquietante, como se fosse feita da matéria sobrevivente - luminescente, mas pálida e fraca, muitas vezes esverdeada - dos fantasmas. Fogos enfraquecidos ou almas errantes. Não nos espantemos de que o voo incerto dos vaga-lumes, à noite, faça suspeitar de algo como uma reunião de espectros em miniatura, seres bizarros com mais, ou menos, boas intenções (Didi-Huberman, 2011 p.14)

De volta a minha cidade, chego em casa. Meu corpo queimado de Sol arde com um abraço desavisado da minha mãe. Passamos horas na praia sem protetor solar no dia anterior.

Subestimamos o Sol, e nossos corpos desabitutados com a exposição persistente de luz se encontram agora sensíveis, queimados, feridos. Aquela seria uma semana de intenso cuidado da minha pele tentando amenizar os incômodos. Nós viajantes, fomos marcados para lembrarmos-nos do poder constante e intenso do holofote cósmico. Agora até as luzes amareladas incandescentes das lâmpadas de casa são um desafio para meu bem estar.

Enquanto isso, ao telefone, ouço condescendente as broncas do meu chefe por ter faltado mais um dia de trabalho, mas de fato não tinha condições de trabalhar no dia em que cheguei da viagem dadas minhas condições físicas. Mesmo hoje ainda estou com a pele muito sensível. Saio pela porta de casa e vislumbro a vizinhança. Por sorte há uma quantidade considerável de nuvens no céu proporcionando algum frescor no caminho que farei a pé até lá. A estrada de chão batido tem também algumas árvores pelo caminho.

Na esquina da minha rua há um enorme descampado onde crianças brincam com uma bola. Do outro lado do campo a luz solar atravessa as nuvens e ilumina quase que propositalmente um homem caminhando apressado para sua casa ali perto. As poucas vezes que vejo esse vizinho, ele geralmente parece com pressa. Soube que é psicólogo. Lembro que em minha infância, minha mãe volta e meia dizia que me levaria ao psicólogo, mas meu pai sempre rejeitava a ideia dizendo que o psicólogo iria me “incentivar a ser viado”⁵⁸. Na época, imaginava como seria meu encontro com o psicólogo... Um homem de meia-idade, branco, usando camisa social azul claro, sem barba, cabelo escuro. Ele me ouviria e, enquanto eu fosse falando, me interromperia dizendo coisas sábias, com uma voz tranquila.

Meu vizinho psicólogo certamente não se enquadra nessa descrição. Negro, usando uma camisa com estampa de desenho animado, calça jeans e uma bolsa surrada daquelas que parecem de carteiro. Ele não parece seguro e tranquilo como o psicólogo que eu imaginara. Ao contrário, anda engraçado, seus pés se movem ágeis; uma das mãos segura a alça da bolsa. Às vezes, tenho a impressão de que é ele quem se segura naquela alça, como se seu corpo

⁵⁸A questão que ficou recentemente conhecida na grande mídia como “cura gay” na decisão judicial em favor de modificar a interpretação da Resolução 01/99 do Conselho Federal de Psicologia de modo a não impedir que fossem feitos estudos sobre (re)orientação sexual no país. Essa disputa visa enfraquecer a resolução na medida em que ações judiciais pedindo a revogação da mesma foram indeferidas anteriormente. No contexto da psicologia, é curioso como nós psicólogos e psicólogas ocupamos nos discursos esse lugar ambíguo como possíveis aliciadores ou curandeiros das sexualidades divergentes à heterossexualidade. Como se configura essa posição presumida de poder das psicólogas e psicólogos sobre as sexualidades? O que fundamenta essa noção de terceirização dos destinos sexuais dos outros? Qual nossa posição e responsabilidade diante disso? Isso diz certamente de uma posição de poder de uma psicologia enquanto discurso científico. Também talvez diga da trajetória da instituição “psicologia” em nossa sociedade como supostamente apaziguadora dos “males” psicológicos humanos. Logo, “cura gay” ser atribuída enquanto tarefa da psicologia e palatável para uma parcela considerável da população não diz respeito apenas a uma desinformação, mas da posição em que a psicologia se estabelece enquanto profissão e campo de estudo, e a imagem política da psicologia que se projeta nos cotidianos da sociedade brasileira.

fosse preenchido por gás hélio e na bolsa trouxesse algo pesado que garantisse sua permanência no chão... Uma permanência intranquila, eu diria. O que um psicólogo traria na bolsa de tão pesado? Será que a fórmula para atender aos temores do meu pai? Ou às expectativas da minha mãe de que eu “melhorasse”? Livros! Certamente ele carrega muitos livros ali! Deve ter que estudar muito para ser psicólogo. Que tipo de livros lê um psicólogo? Provavelmente livros daqueles autores europeus de nome pomposo, parecido com aqueles que a professora Carmem volta e meia saca de sua bolsa. Ou estou novamente presumindo uma imagem a partir do psicólogo branco, de classe média, de camisa social e cabelo liso que eu idealizara? Ele segura com tanta firmeza aquela bolsa que parece que leva um mundo ali dentro. Só espero que ele tenha se lembrado de levar o protetor solar também.

Mas por que estou falando do meu vizinho agora? Bom, hoje cedo, minha mãe estava comentando sobre o rapaz cabeludo que volta e meia via acompanhando meu vizinho psicólogo. Disse-me que achava que eles eram namorados. Fiquei um tanto surpreso diante do comentário. Primeiro pelo fato de eu mesmo não ter me dado conta antes da possibilidade de ele namorar homens; cruzei com os dois algumas vezes pelas ruas do bairro. Pensando agora, o psicólogo não parecia apressado quando caminhava na companhia do cabeludo, ao contrário parecia tranquilo e em boa companhia. Talvez por isso tenha produzido menos efeito sobre minha curiosidade quando os via andando juntos por aqui. Por outro lado, na ausência do cabeludo, o caminhar tenso, quase errático, do meu vizinho psicólogo destoava muito mais claramente da paisagem, cortava o ar, desorganizava a atmosfera. É curioso também o modo como retomo cenas desses encontros, reenceno-as, reconto-as agora incluindo como dado que eles são bichas e namorados, enchendo-os de premissas clichês do que seria “bicha” e o que seria “namorado”. Coisas como lembrar/imaginar trejeitos, expressões mútuas de carinho, romance. Antes do comentário da minha mãe, eles haviam sido apenas transeuntes naquelas cenas que recupero agora em pensamento.

O segundo motivo do meu choque foi fato de minha mãe falar sobre isso comigo. Nunca tivemos o hábito de comentar a situação sexual, amorosa ou conjugal de qualquer vizinho e de repente ela comenta com seu filho viado sobre o vizinho e o suposto namorado dele? Tive a impressão que havia algo além de um comentário aleatório, algo que ela gostaria que eu visse ali. Um exemplo talvez? Por quê?

Minha mãe conhecera Elias e Dani no dia da viagem. Eles vieram me pegar de carro em casa. Será que tem a ver com isso? Será que ela prefere me ver mais parecido com o rapaz negro e gay da periferia, graduado em psicologia, andando desengonçadamente anônimo pelas

ruas do bairro, do que com as duas bichas pretas escandalosas levando seu filho para uma viagem que ela desaprovava? O que ela está tentando manejar? A minha exposição ao perigo? O projeto de masculinidade heterossexual? Sua própria vaidade materna? Acho que responder todas ou optar por alguma delas seria necessariamente impreciso quanto ao problema, porque essas questões estão mutuamente impregnadas o bastante para que não seja possível distinguir definitivamente uma da outra. A própria figura da minha mãe sempre me foi ambígua.

Elisa é minha mãe. Uma mulher branca de meia-idade, solteira, faxineira diarista. Está quase sempre exausta e impaciente, mas não deixa de comparecer ao forró pelo menos duas vezes por mês. Embora, muitas vezes a vi como ‘aliada’ do meu pai (quando este ainda se encontrava entre nós) nas tentativas de normatizar meu corpo e minha sexualidade, de vez em quando a percebia como uma agente ambígua nesse posto, as alianças com meu pai eram especialmente parciais.

Quando pequeno, lembro que brincava com um graveto e um lenço amarrado em sua ponta. Era meu brinquedo favorito, o brinquedo menos vigiado, menos normatizado porque ele podia ser qualquer coisa que eu quisesse: bandeira, boneca, torre, chicote, pompom, tocha, etc. Todos achavam curiosa minha relação com aquele graveto e secretamente eu comemorava minha aparente liberdade de brincar sem que fosse interpelado pelos dizeres de gênero. Um dia, enquanto brincava, meu graveto quebrou. Fiquei profundamente triste. Embora houvesse duas árvores no quintal, aquele pedaço de madeira com que brincara por meses era de outro tipo, um tipo que pensei ser insubstituível. Dias depois, já distraído com um de meus caminhões de brinquedo, minha mãe chega do trabalho e me entrega um graveto muito semelhante ao meu anterior. Poderia jurar que era o mesmo graveto! Parece que minha mãe valorizava algo de minha liberdade. Poderia argumentar ainda que a liberdade de brincar que minha mãe me afirmava ali se estendia à liberdade de agir, de inventar, de ser⁵⁹. Embora, compreenda que ela mesma não devia saber bem até que ponto seria capaz de sustentar essa afirmação.

E agora se apresentam questões a minha suposta liberdade de ser. Talvez seja mais interessante pensar quais as condições que tornam essas questões tema. Por que ser mais parecido com o psicólogo do que com Elias, satisfaria as supostas preocupações da minha mãe? Por que minha vida seria mais digna de permanecer viva e próspera se eu fosse mais

⁵⁹ Por outro lado, para Benjamin a brincadeira é uma espécie de (re)inauguração da história humana. Ele afirma que “o mundo da criança está marcado pelos traços da geração anterior e se confronta com eles; o mesmo ocorre em suas brincadeiras” (BENJAMIN, 1987, p 250). A brincadeira, todavia, não é mera imitação da história contada, mas uma repetição de “ritmos originais”, de um legado. Brincando a criança se posiciona na história humana, deslocando o próprio tempo. A possibilidade criativa reside nesse deslocamento.

psicólogo do que bicha? Por que eu pareceria mais alinhado ao masculino e heterossexual? O psicólogo se tornou menos bicha e menos preta quando se formou na universidade?

Essas questões me trazem aqui, observando mais uma vez o vizinho psicólogo caminhando apressado. Deve estar indo trabalhar. Ou estudar. Disseram que ele faz mestrado. Não sei bem o que é isso, mas o Otto me explicou que é algo que se pode fazer depois de formado na graduação. Será que um dia sequer farei faculdade? Quer dizer, eu sempre digo que farei faculdade quando me perguntam. O Otto tentou me convencer a cursar Comunicação Social assim como ele. Essa se tornou minha resposta quando me perguntam se farei faculdade: “farei Comunicação Social”, digo, mas não para valer. “Farei faculdade” é uma expressão que a maior parte das pessoas do meu bairro aprendeu a dizer (quando chega a dizer) só por dizer, sem pensar muito no sentido (ou na falta de sentido) disso. Dá para contar em uma mão quem cursou faculdade dentre meus vizinhos ou parentes. Desses poucos, a maioria (com exceção do psicólogo e uma outra moça que cursou Letras) interrompeu os estudos no meio. Um foi devido a perda do financiamento FIES, outra por não conseguir conciliar com o trabalho, e o último caso foi de uma moça que disse acreditar que não fez uma boa escolha de curso, achou desinteressante, muito diferente do que ela imaginava. O próprio Dani também não conseguiu concluir seu curso de Pedagogia que se encontra trancado no momento. Que universidade é essa tão difícil de persistir? Que corpo é necessário forjar para caber ali por tempo o bastante?⁶⁰

Bom, mas acho que se meu vizinho psicólogo conseguiu fazer faculdade, não é impossível para mim pensar seriamente sobre isso de vez em quando. É melhor do que resumir meu destino ao balcão da lanchonete em condições de trabalho discutíveis e recebendo metade do salário mínimo por mês. Quem sabe eu consiga uma bolsa de estudos de PROUNI ou o tal do FIES como Otto. Será?... Será que o psicólogo teria alguma dica ou mensagem sábia para me transmitir a esse respeito?⁶¹

⁶⁰ “Esta universidade da qual se está falando tem uma herança eurocêntrica e que, necessariamente, é uma herança de genocídio dos povos indígenas e de usurpação dos povos africanos; é uma herança que deu nome de ‘negros’ e ‘negras’ aos africanos, genericamente; concedeu o nome de ‘travestis’ para as travestis; de ‘transexuais’ para as transexuais, e a gente pega esses nomes e refaz todos esses conceitos” (JESUS, 2016p.222)

⁶¹ Para citar algumas notícias do cenário atual:

- “Educação terá corte de recursos de 32% em 2018”
<https://www.brasil247.com/pt/247/brasil/334259/Educa%C3%A7%C3%A3o-ter%C3%A1-corte-de-recursos-de-32-em-2018.htm>
- “Veja o impacto do corte de verbas em universidades e institutos federais de 14 estados”
<https://g1.globo.com/educacao/noticia/veja-o-impacto-do-corte-de-verbas-em-universidades-e-institutos-federais-de-14-estados.ghtml>

5.1 Querido Hélio

O herói é o homem da submissão autoconquistada. Mas submissão a quê? Eis precisamente o enigma que hoje temos de colocar diante de nós mesmos. Eis o enigma cuja solução, em toda parte, constitui a virtude primária e a façanha histórica do herói. [...] Quando chega o dia em que seremos vencidos pela morte, ela vem; nada podemos fazer, exceto aceitar a crucifixão — e a conseqüente ressurreição —, ou o completo desmembramento — e o conseqüente renascimento. (CAMPBELL, 1949 p.14)

Não sei se haveria palavras de sabedoria, muito menos respostas. Venho apostando a cada página em confiar menos em respostas e mais em perguntas. E quando preciso responder algo de fato, é por estratégia ou para levar o pensamento a perguntas mais interessantes ou urgentes. Agora mesmo escrevo esse texto ao som de um tiroteio não muito longe daqui e não sei se deveria estar abaixado em posição fetal sob alguma mesa, ou permanecer escrevendo. Na dúvida faço aquilo que me ajuda a prosseguir, escrevo. Escrever é minha resposta. Então...

Por que escrever parece tão artificial para mim? Eu faço qualquer coisa para adiar este ato — esvazio o lixo, atendo o telefone [...] Como foi que me atrevi a tornar-me escritora enquanto me agachava nas plantações de tomate, curvando-me sob o sol escaldante, entorpecida numa letargia animal pelo calor, mãos inchadas e calejadas, inadequadas para segurar a pena? (ANZALDUA, 2000, p.230).

Parece que vou tentando dar conta de um emaranhado de histórias e no processo de alcançá-las num lugar do passado, construo em texto um modo de me posicionar diante delas. Benjamin me diz que precisamos nos apropriar “de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo” (BENJAMIN, 1987, p.224). Talvez seja isso que me impulse a persistir escrevendo: o perigo.

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. [...] Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever. (ANZALDUA, 2000, p. 232)

-
- “Seguindo os cortes na educação, governo Temer anuncia "reestruturação" no Pibid”
<http://www.esquerdadiario.com.br/Seguindo-os-cortes-na-educacao-governo-Temer-anuncia-reestruturacao-no-Pibid>
 - “Educação perde R\$ 4,3 bilhões com corte no Orçamento”
http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2017/04/01/internas_economia,585320/educacao-perde-r-4-3-bilhoes-com-corte-no-orcamento.shtml

Mas esse tal de “mundo real”?... Será que o mundo real é apartado da escrita? Ou ele é um apanhado de ficções feitas por meio de escritas e as histórias que elas engendraram de modo a garantir a máxima viabilidade da vida de uns poucos? Daqueles em que as penas cabem como luvas e, advertidamente ou não, usam como tinta o sangue de gente como eu e você. Contudo, embora nesse “eu e você”, em grande medida, haja algumas marcas identitárias e experiências que temos em comum com as quais nos constituímos e somos enquadrados enquanto sujeitos, há também aquilo que não encontrará semelhança ou conciliação plena entre nós, nossos enganos em relação um ao outro, os desentendimentos, os desencontros, as discordâncias, os ressentimentos. E se queremos reivindicar condições mais igualitárias de sobrevivência, precisaremos construir alguma coisa disso que não tenha a ver simplesmente com encontrar ou forjar os seus, mas com se comprometer em produzir alianças com gente que pode ou não até se parecer um pouco com você, mas que é um outro também (REAGON, 2000).

Certo dia, li uma notícia⁶² em que se discutia a percepção da identidade brasileira diante da política externa. Trata-se de uma pesquisa realizada pelo Instituto de Relações Internacionais da USP (Universidade de São Paulo) em que apenas 4% dos brasileiros entrevistados se identificaram como latino-americanos em questionário realizado com 1.881 pessoas de diferentes regiões do país. Entretanto, a mesma pesquisa aponta que a maioria deles entendia que o Brasil seria o melhor representante da América Latina no Conselho de Segurança da ONU caso houvesse essa possibilidade.

Não me deterei somente aos dados oficiais da pesquisa em si, mas convido a lançar um olhar para o cenário apresentado pela reportagem. O título tenta dar conta da contradição dos resultados: “Brasileiro despreza identidade latina, mas quer liderança regional, aponta pesquisa”. Segundo o jornal, não só os brasileiros não se reconheciam como latino-americanos, como não consideravam em sua maioria, a América Latina como devendo ser o centro das preocupações internacionais do Brasil. E ainda assim, 66% pensavam o Brasil como o melhor representante da América Latina na ONU. A ambiguidade dessa posição política é menos contraditória do que se pode pensar, visto que nos constituímos colonizados. A noção de que os países latinos poderiam ser representados por um país supostamente não-latino parece constrangedora e colonialistamente coerente, repetimos irrefletidamente nosso legado.

⁶²Para saber mais, veja: “Brasileiro despreza identidade latina, mas quer liderança regional, aponta pesquisa” em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/12/151217_brasil_latinos_tg

Outra argumentação que possa ser sustentada também poderia se pautar numa noção de que somos latinos “*pero no mucho*”. Faço referência aqui à notícia do jornal Folha de São Paulo intitulada “Latinos (*pero no mucho*)”⁶³ sobre a exposição de arte “O Final do Eclipse”, realizada em 2001 em Madri. A amostra buscava um deslocamento da identidade artística latino-americana. Segundo José Jiménez (o curador da amostra), a categoria “arte latino-americana” é uma classificação uniforme estadunidense e europeia a respeito das produções artísticas e tradições muito diferentes entre si, e cujos fins são puramente “ideológicos” e “mercadológicos”.

É importante destacar que o “latino” não é apenas uma etnia geograficamente ao sul, mas o outro subalternizado em relação ao cidadão estadunidense padrão, sobretudo diante do êxodo de pessoas através das fronteiras México-Estados Unidos. Assim como a hegemonia racial branca constitui a identidade negra como subalterna ou a heteronormatividade constitui a homossexualidade como seu desvio, os estadunidenses o fizeram com a maior parte dos povos geograficamente do México para baixo, os categorizaram como seu negativo, seu desvio. E tal como grande parte dos sujeitos marcados por rubricas identitárias minoritárias, os latinos pegam esse termo, cunhado para marcá-los como menos importantes, e o reutilizam, estilizam e torcem seus sentidos para se posicionar diante do discurso americano dominante. Os brasileiros (ao menos os outros 96% daqueles entrevistados) não se identificam como latinos. As justificativas possíveis dadas pela pesquisa, segundo a BBC, são variadas: história de colonização, língua, cultura, economia, etc. Mas o que isso pode nos dizer sobre identidades? Será que ser latino no cenário Global se resumiria a provar a semelhança cultural, econômica, ou mesmo genético-fenotípica? Ou diz de uma posição minoritária no cenário das Américas em relação ao imperialismo dos Estados Unidos? O que se pode fazer de um Brasil que se identifique latino? Quais alianças essa rubrica viabilizaria e quais ela tencionaria? Que “nós” estamos nos furtando ao pretender um distanciamento dessa marca maldita?

Os grupos dominantes também possuem marcas (classe, etnia, religião, sexualidade, gênero, etc.), porém, de modo geral estas tendem a ser atribuídas como o padrão e a normalidade de modo que as mãos que seguram as penas nem precisam coincidir plenamente com o homem branco, cristão, heterossexual, cisgênero, burguês, etc. para reproduzir a colonialismo que nos é constitutivo. As marcas estão na pena, no papel, na língua, na linguagem, nas citações, nas presunções de credibilidade, estão articuladas nos mínimos

⁶³Para saber mais, veja: “Latinos (pero no mucho)”
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1209200106.htm>

detalhes no campo do discurso (ANZALDUA, 2009; 2005; 2000; RIBEIRO, 2017; ALCOFF, 2016). Trata-se, portanto de uma preocupação epistemológica rastrear as marcas que comprometem minha escrita para que sejam compreendidas e localizadas. Eu mesmo me vejo muitas vezes escrevendo junto a essas marcas e negocio e disputo com elas o tempo todo, porque como Haraway (1995) estou escrevendo de algum lugar de dentro da “barriga do monstro”. Certamente não é o mesmo lugar de onde Haraway se levanta, mas ainda é a “barriga do monstro”. No limite somos, eu e você, filhos ilegítimos do capitalismo, do racismo, do sexismo, do heterossexismo. Mas como ilegítimos, podemos trair os destinos que nos foram atribuídos, nos havendo com o que nos tem sido legado e dando outros sentidos a isso (JESUS, 2016; HARAWAY, 2009).

No entanto, é importante dizer que não escrevo enquanto gesto heroico, pelo contrário, nada mais humano (enquanto espécie discursiva) do que escrever para prosseguir. Não me leve a mal, sou, desde que me lembro, apreciador das histórias sobre heróis nas mais diversas mídias: cinema, videogames, livros, histórias em quadrinhos. É, no entanto, curioso que minha jornada como escritor e pesquisador em formação venha me desviando um pouco do meu apreço ao heroísmo e me convide a sustentar mais apreço pelo comum, pelo humano e o precário. É claro que heróis também são precários e são confrontados por sua humanidade em suas histórias. Porém, os heroísmos que lhes caracterizam são frequentemente reconhecidos quando eles ‘abdicam’ ou se alienam de sua própria precariedade em prol dos outros em situações que aparentemente se montam de modo que sua posição extra-humana seja decisiva para lidar com os conflitos.

O herói, por conseguinte, é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas. As visões, ideias e inspirações dessas pessoas vêm diretamente das fontes primárias da vida e do pensamento humanos. O herói morreu como homem moderno; mas, como homem eterno — aperfeiçoado, não específico e universal —, renasceu. Sua segunda e solene tarefa e façanha é, por conseguinte (como o declara Toynbee e como o indicam todas as mitologias da humanidade), retornar ao nosso meio, transfigurado, e ensinar a lição de vida renovada que aprendeu. (CAMPBELL, 1949, p.15),

Se escrevo é para permanecer comum, mundano, humano, inconcluso. Se escrevo é com e para alguém. Escrevo aqui com e para você porque sou precário; não dou conta da vida, dos acasos, dos perigos, e isso não os impede de me interpelarem. Não trago palavras salvadoras. Escrevendo, não abduco de minha humanidade para salvar alguém; recorro a ela para produzir alianças a partir da condição compartilhada da precariedade e coletivamente tentar viabilizar mais as vidas, nossas vidas. E nesse “nós” precisa caber quantas pessoas forem necessárias para que possamos sobreviver (REAGON, 2000). Escrevo porque você aí

está, como Glória Anzaldúa (2000) o faz para “as mulheres do terceiro mundo”. E escrevendo estou de algum modo contigo. Embora, me sinta indigno de escrever sobre você, tento me confortar com a esperança quase onírica de que você lerá o que escrevo, que negociará e disputará com o escrito; que apontará minhas presunções, meus enganos e principalmente minhas intromissões em suas falas com meus vícios acadêmicos aqui e ali.

[...] as narrativas estão impregnadas dos esforços nominalistas em curso em nossas sociedades da multiplicação das tecnologias de si. As narrativas não devem ser compreendidas como a expressão de uma interioridade psicológica sem nenhum tipo de relação com o que se considera como histórico e político. As narrativas são composições coletivas em que a palavra, as andanças pela cidade e a audiência não constituem apenas ruídos externos, mas entoações que resguardam parte dos processos históricos e institucionais que dão ao que se vive diferentes sentidos compartilhados, mas necessariamente cambiáveis. Narrar inclui a audiência, enunciar-se também se remete aos marcadores institucionais em que a palavra é proferida, escutada e interpretada. (FERREIRA, 2016, p.107)

Num mundo discursivo como o nosso, narrar e escrever é se haver com o poder e as normativas, e também tecer novas possibilidades de mundo, logo, narrar e escrever é político. Anzaldúa (2009) me lembra de que a linguagem é um território colonizado e um meio a partir do qual dominações se perpetuam. O próprio acesso ao letramento compõe em alguma medida a distribuição de poder e credibilidade. Por narrativa estou tanto me referindo aqui à produção artesanal que o “narrador” de Benjamin (1987) empreende, quanto ao próprio sentido documental do gesto de imprimir (de um jeito ou de outro) palavras sobre o papel ao qual se poderá voltar, referenciar e citar de alguma forma. Para Benjamin a narrativa

[...] que durante tanto tempo floresceu num meio artesão – no campo, no mar na cidade – é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir “um puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (BENJAMIN, 1987, p. 205)

Embora a narrativa opere uma interrupção do fluxo das relações de poder esticando o próprio tempo, o escrito (a tinta sobre o papel), sobretudo, feito de dentro de instituições como a academia, se torna objeto e muitas vezes ferramenta para manejar dominações (ALCOFF, 2016; ANZALDUA, 2009). Então, é artesanal e é documental, e a artesanaria é o jeito de torcer o documento, ou ao menos torcer suas possibilidades de encaminhamento. Escrever por sua posição nas relações de poder, pode nos servir de ferramenta para manejar os possíveis, para produzir indigestões no monstro, causar *panes* na maquinaria, para citar de Haraway (2008; 2009; 1995) a Guattari & Rolnik (2000). Nós, filhos ilegítimos do monstro-máquina, digitamos com quase os mesmos caracteres e códigos binários que nos impuseram, mas como nos posicionamos diante desse legado é que dirá de nossa responsabilidade ética com as palavras. Quando escrevemos, não somos mais mãos solitárias. Levamos junto às

palavras, narrativas que podem não ter sido devidamente contabilizadas, outras camadas e mundos para o texto; levamos a nós mesmos, mas também algo que não é só nosso.

Você, Hélio, tem composto de modo significativo meus meios de prosseguir, protagonizando e redimensionando discussões importantes para mim sobre identidade e reconhecimento. Mas não o faz como um protagonista no sentido mais clássico, daquele de que se trata a história e nela está destinado a agir transformando profundamente o percurso histórico; que quanto mais se coloca próximo da morte, mais heroico é; que rompe as estruturas e cria ou esboça uma nova ordem para as coisas. Talvez você seja mais como um “personagem secundário”. Tomo emprestado do escritor Alejandro Zambra (2014) essa questão, quando em seu livro “Formas de voltar para casa” ele ficcionaliza histórias de crianças a partir de suas lembranças no período da ditadura chilena e nesse exercício o autor produz uma narrativa do que ele chama de personagens secundários, relegados aos cantos dos cenários ou mesmo o lado de fora das cenas canonizadas pelas histórias tidas por oficiais. A ditadura, como o escritor Zambra percebe, não é sua história, mas a história de seus pais.

A narrativa inclui a contingência do historiador na elaboração de uma perspectiva do tempo histórico. Para nós, a narrativa dilui a centralidade de quem partilha uma história, quando toma a palavra. [...] Para nós, a narrativa de si [...] se remete ao compartilhamento de fragmentos das instituições que regulam e validam atos e construções de identidades sexuais, mas também a ausência da facticidade de um eu anterior aos procedimentos de enunciação, ao choque com o poder, as políticas de subjetivação que forjam os gêneros e as identidades sexuais. (FERREIRA, 2016, p.109)

É ficcionalizando em narrativa a partir de um lugar enunciativo de criança que o autor produz mais densidades às narrativas sobre o mundo, sobre ditadura, liberdade e política. E de repente o “eu” que narra vai cedendo a centralidade da história na medida em que sua narrativa remonta as condições de narratividade. Ao me deparar com esse deslocamento enunciativo que o escritor opera em relação a sua história e a do país onde nasceu, lembro quando Marcelo Ferreira me aponta que:

[...] é preciso elaborar ferramentas metodológicas que nos auxiliem a compreender o estatuto coletivo, contingente e efetivo das políticas de enunciação de si mesmo em pesquisas sobre sexualidades. Marcados pelas tecnologias da subjetividade, não estamos apartados de noções e conceitos que nos auxiliam na elaboração de uma narrativa sobre nós mesmos. E não apenas nas narrativas - que não são coadjuvantes ao processo em que nos tornamos aquilo de que falamos - mas nos gestos, nos atos, na postura, no modo como vivemos. (FERREIRA, 2016, p.111)

E complementa, destacando que

[...] não se trata de procurar entender o que as palavras ditas querem realmente dizer, mas remeter o que é dito às conexões que viabilizam que as políticas de enunciação operem, funcionem do modo efetivo como está em jogo nas sociedades contemporâneas. Compreendemos que a constituição de si mesmo como sujeito sexuado se remete às políticas de subjetivação em curso em nossa sociedade. Permitir que diferentes textos possam ser confrontados pode garantir a elaboração de

quadros teóricos e metodológicos que abriguem a inconclusividade dos modos de constituição de si mesmo, sem abrir mão de sua efetividade. (FERREIRA, 2016, p.111)

As histórias dos personagens secundários não se pretendem oposicionistas generalizadas, não comparecem apenas para destituir as histórias hegemônicas, para desmascará-las, para soterrar suas verdades com novas verdades. São, sobretudo, produtoras de mais espessura histórica, de interrupção das linearidades temporais e coerência da história dos vencedores no espírito do “materialismo histórico” tal como Benjamin (1987) defende. São criadoras e agitadoras de mais camadas e entrecruzamentos dos rastros legados a nós. As narrativas produzidas desse lugar enunciativo secundário e opaco não visam oferecer uma história pronta sobre o mundo, mas deixar mais pontas soltas que nos convoquem a pensar modos de nos movermos e posicionarmos diante da incompletude das histórias, e, sobretudo, colocam um trabalho a nossa implicação ética. Nas narrativas dos personagens secundários não há o protagonismo heroico que nos salvará da ambiguidade, que virá dar ordem às coisas, que servirá de razão ou mensageiro ou receptáculo exclusivo de uma moral da história.

Talvez esta carta seja a primeira vez que eu fale explicitamente com você. Desculpe se não estiver fazendo muito sentido. De fato, não sabia por onde começar também. Talvez por isso permiti que minhas palavras fossem me levando até aqui: o momento em que percebo que não sei como começar a falar com você. De algum modo, você aparece como personagem secundário das histórias que encontraram algum estabelecimento em mim e olhá-lo pelos cantos dos enquadramentos que compõem meus modos de perceber a mim mesmo e o mundo, olhar para essas margens, essas fronteiras não é um exercício simples. Os personagens em segundo plano, quando reparados, nos colocam outras dimensões (mais que dois planos) para os enquadramentos das cenas e, com isso, problemas velhos e novos não só sobre como se apreende e reconhece a cena, mas como esta se constitui como objeto de apreensão e reconhecimento. Isso se dá, eu diria, pela sua possível proximidade com os limites do enquadramento. Escrever contigo, montar e remontar cenas que são parcialmente familiares para mim e possivelmente para muitos sujeitos no ativo curso de sua constituição como sujeitos sexuais e generificados, tem ampliado minha percepção quanto à densidade desses modos de subjetivação atravessando singularidades e estilizando os corpos.

Dito isso, agora me vejo também convidado a pensar no sentido desse contato com você. Quais movimentos reflexivos miro quando resolvo posicioná-lo como interlocutor pretendido desse texto? Serei direto e franco: venho aqui por que não sei como terminar sua história. Simplesmente não sei! Vim imaginando que pudesse ser interpelado por seu rosto,

olhando para mim, me interpelando. O que pode me dizer, Hélio? Vislumbra algo? Para onde esta história vai? Para onde você vai depois desse texto? Dessa pesquisa... Hein?

Sem resposta ainda, persisto escrevendo, mas há algo que esse texto parece não alcançar. Não corresponde necessariamente ao ritmo de leitura, pois do texto lido geralmente ficam de fora as pausas por não saber o que escrever a seguir, os inúmeros acidentes de percurso, as frequentes dúvidas sobre cada próxima palavra, as sensações corporais que cada caractere digitado e (os espaços entre eles) vai construindo em mim, os infindáveis retornos ao texto e edições posteriores. O texto está assim marcado por uma quantidade incomensurável de vida, de acontecimentos que não cabem no próprio registro linguístico dele. Escrever é um exercício e o texto é irremediavelmente seu fracasso. Escrevendo vou fracassando pouco a pouco e é ele (o fracasso) que vai abrindo as possibilidades, e mantém a necessidade de persistir escrevendo.

O mesmo talvez possa ser dito das identidades. A interpelação que nos convoca a ser algo muitas vezes é resumida em um registro linguístico comprimido que deve caber na expressão “eu sou...”, e no contorcer das palavras (e dos corpos), vai se deixando de fora as hesitações, o tatear, as opacidades constitutivas, os fracassos. Gay, homossexual, bicha? Essas palavras-identidades, como Zamboni (2016) rastreia, dizem respeito a como ser algo em termos de sexualidade-gênero dissidente e estão articuladas num campo amplo de disputas. O “homossexual” enquanto categoria histórica biomédica, o “gay” enquanto categoria identitária política e, por fim, a “bicha” enquanto crítica aos processos higienizantes na constituição das identidades. Essas camadas compõem de modo significativo experiências de corpo, sexualidade e gênero, não só dos sujeitos referenciados a elas, mas o campo normativo como um todo dos corpos generificados e sexuados. Entretanto, talvez um pouco diferente de como o referido autor expõe em seu trabalho apresentando essas categorias de modo sequencial (como se uma fosse reação à outra), sou levado a compreender junto a você que os elementos que as constituem coexistem e coabitam nossos corpos. O normativo e o subversivo, o biológico e o político, o higienizado e o disruptivo, o cuidado e o controle, todos eles compõem nossas experiências de corpo e nossas possibilidades de reconhecimento. Essa ambiguidade é nosso modo de compor nossas (co)existências. A tensão entre esses diversos termos é o que de fato nos estiliza, somos forjados nas fronteiras e delas não nos distanciamos em definitivo. São inúmeras camadas, que não são nem totalmente opacas, nem totalmente translúcidas.

Sendo assim, ao psicólogo, ao escritor e ao pesquisador dentro da barriga do monstro, cabe algumas perguntas: O que ele está levando para lá? O que há em sua bolsa pesada?

Quantas sobreposições cabem em sua bolsa? Com o que ele negocia para estar lá? Será que são só as rubricas identitárias higienizadas que ele traz? O que ele viabiliza ser digerido e assimilado pelo monstro? Quais indigestões ele orchestra ou tenciona? A profusão de questionamentos retóricos aqui não é acidental. Quando você é o filho ilegítimo (HARAWAY, 1995) e é a pessoa que possivelmente seria deixada para morrer caso a situação se tornasse agora ainda mais restritiva para todos (REAGON, 2000), escrever deste lugar vem acompanhado de vários riscos de reproduzir fielmente o sistema que te mantém na posição subalternizado, de ficar com a “cara” da hegemonia.

Todavia, serei insistente em dizer que escrever tem sido meu jeito de estar na barriga do monstro, mas paradoxalmente de não estar apenas lá. É meu jeito de estar também na sala da sua casa assistindo filmes ruins sobre homossexuais que pouco se parecem conosco; ou dentro das roupas do Elias; ou te olhando do outro lado do espelho e sendo olhado por você; ou espremido contigo dentro da cabine da privada no banheiro da escola; ou me esgotando junto a você na cozinha de uma lanchonete; e girando contigo no quintal de casa; viajando no mesmo carro; me masturbando com você no colchonete no chão da sala da sua casa; beijando você e Otto no cinema durante todo o filme. Como habitar esses lugares que não são só meus e aos quais eu me articulo agora também a partir de uma posição de poder: o acadêmico? A questão aqui dos lugares enunciativos não se trata da expressão de uma individualidade personalizada falando por si, mas de fato um espaço compartilhado onde algumas tonalidades de experiências e marcas comuns circulam.

No entanto, o lugar enunciativo não é autoevidente e nem dado em definitivo, mas heterogêneo e cada corpo que se articula a cada momento a ele também pode transformá-lo em alguma medida. Se formos radicais aqui, podemos dizer que o lugar enunciativo se reinaugura toda vez que alguém se articula a ele. Como habitar o lugar enunciativo de um adolescente negro, gay e de periferia novamente? Ter sido um adolescente, negro e gay numa periferia garantiria uma não colonização da enunciação? Não ter sido nada disso, impediria em definitivo essa articulação? Como me articular a algo que tenha a ver com algumas de minhas marcas, mas que já não são enunciadas do lugar do qual você se coloca a narrar? Uma vez que agora o faço de uma pós-graduação acadêmica, dialogo não só com essas marcas, mas com marcas que até aproximadamente duas décadas atrás estiveram bem distantes das experiências comuns de negros, gays e adolescentes, além de ser interpelado por referenciais teóricos de pessoas dos quatro cantos do planeta, com marcas históricas distintas. É possível narrar sem impregnar a narrativa com as contingências presentes? É possível narrar sem colonizar a experiência?

Em Ciências Humanas, o trabalho sobre a palavra do outro, sobre o esforço de sujeitos e de grupos em instituir narrativas sobre o próprio passado e sobre a elaboração de um “porvir” não pode se isentar de uma problematização teórica e ética dos modos de narratividade hegemônicos. [...] [Narrar] é identificar os fios que se remetem a uma possibilidade de presente que não é o nosso. Narrar é uma forma de desconfiar da evidência do presente, já que se pode apontar as contingências que presidem as versões oficiais da história. (FERREIRA, 2011, p.127)

Narrar já é elaborar uma posição diante dos acontecimentos. A questão é: até que ponto nos colocamos a avaliar a localização de quem narra. Até que ponto isso é útil? Não para determinar definitivamente uma credibilidade ou autoridade da voz enunciativa, pois isso seria ir na contramão da defesa de narrativa que aqui se faz uso, mas para compreender o cenário a partir do qual a enunciação se levanta. Acredito que aqui há uma ambiguidade que precisa ser sustentada. A enunciação parte de certa localização que comparece de modo direto e/ou tangencial na narrativa, porém o próprio exercício narrativo é de deslocamento e reposicionamento em relação ao mundo, de modo que a localização de quem narra também se transforma no processo. Para onde me desloquei até aqui? Para onde vamos eu e você depois daqui? Como termina essa viagem?

Talvez um evento oficial. Pensei em sua formatura no ensino médio. Os ritos de passagem costumam ser oportunos para criar uma perspectiva de encerramento em histórias. Imagina você orador da turma! A professora Carmem certamente te indicaria para isso, visto a desenvolvura com a escrita que ela vem percebendo em você desde o fim da oficina de pintura e agora no jornal da escola. Quem sabe um discurso imponente ou irreverente. Já sei! Você pode colocar seu quadro no projetor enquanto fala. Seria uma exposição digna do seu quadro e a diretora jamais descobriria a tempo seu gesto de terrorismo em meio à formatura. Será um pouco cômico e representativo de suas transformações. Lições aprendidas? É disso que se trata?

Um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes. (CAMPBELL, 1949, p.18)

Falta algo. Um clímax, talvez. Histórias sem clímax tendem a deixar a audiência frustrada. Uma tragédia precedendo a formatura, ou concomitante a ela. A morte, a tragédia limite. Mas quem morreria? Um anônimo? Carmem? Laura? Você?... Quem sabe Elias... Faria sentido este último, dado o percurso da relação entre você e ele, a morte dele poderia sacudir seu ímpeto por persistir vivendo ao se deparar com o limite da vulnerabilidade dos corpos matáveis, do seu próprio corpo. A morte de Elias daria um tom dramático ao discurso de Hélio.

A tragédia é a destruição das formas e do nosso apego às formas; a comédia, a alegria inexaurível, selvagem e descuidada, da vida invencível. Em consequência, tragédia e comédia são termos de um único tema e de uma única experiência mitológicos, que as incluem e que são por elas limitados: a queda e a ascensão (*kathodos* e *anodos*), que juntas constituem a totalidade da revelação que é a vida, e que o indivíduo deve conhecer e amar se deseja ser purgado (*katharsis* = *purgatório*) do contágio do pecado (desobediência à vontade divina) e da morte (identificação com a forma mortal). (Ibid, p.17)

Entretanto, me pergunto se a história que tentamos encaminhar aqui está comprometida com o “desapego às formas” e a exaltação da “vida invencível”. Seria isso, como o “monomito” sugere, a revelação da vida que devemos amar e conhecer? Amor ou aliança? Conhecimento ou reconhecimento? Estaríamos reencenando, nos furtando da criticidade, os rituais de passagem seguindo linearmente da saída do herói de seu mundo comum até seu retorno triunfante decorado pela tragédia? Ou se trata recorrentes retornos e interrupções, “saltos de tigre” para parafrasear Benjamin (1987)? Alguém será deixado para morrer aqui? Quem?

6. QUEM SOMOS NÓS

Pode-se compreender então, de um lado, que a questão “o que é o homem” não é senão a retomada apaziguada, projetada num naturalismo neutro, da questão *quem somos nós*. Ou seja, no momento em que a questão *quem somos nós* se perde numa investigação sobre as constantes antropológicas, ela se altera e se esquece em sua violência e em seu eriçamento: pois não há sujeito que não seja *histórico*, e a determinação da historicidade daquilo que somos é ao mesmo tempo uma provocação à nossa *liberdade*. [...] Dir-se-á então que a marca de Foucault é repetir a interrogação kantiana curvando-a na direção do quem somos nós, ou seja, é preciso sim dizer isto, enfrentar esta palavra, no sentido de uma busca da identidade. (GROS, 1995, p. 177 – grifos no original)

Caminho a passos largos em direção ao banheiro da escola. Estou bastante ansioso porque daqui a pouco terei de discursar diante de todos os convidados da formatura. Para piorar meu pânico, ainda não vi nem a Laura, nem a professora Carmem. Preciso de rostos familiares por lá, ou vou desmaiar sobre o púlpito. O Elias também não deu as caras por aqui. Onde está todo mundo? O que você fez com eles?

Abro com agressividade as portas de cada uma das cabines das privadas. Eu sei que você está por aqui e sei o que pretende! *É necessário para que entendam*. Ouço a voz ao longe. Quanta arrogância! Como se atreve? Quem precisa entender?... *Aqueles que não se importam ainda*, você diz. Não sei por que deveríamos nos importar com quem está pouco se lixando. O que espera conseguir? Será que é possível tecer alianças com todo mundo? Qual o limite? No melhor cenário, uns poucos se comoverão, mas assim que a história acabar, eles

voltarão para suas vidinhas egoístas onde a linha de corte da luta é apenas a causa de cada um⁶⁴.

Acho que você não entendeu nada. A demanda de ser algo é uma armadilha. Somos impelidos a nos tornar algo, a cabermos em categorias com o mesmo propósito que marcam o gado. E sabemos bem quais categorias tendem a serem selecionadas para o abate. As categorias servem para nos aprisionar e controlar. Nada que você fizer mudará isso.

De fato, isso ocorre, mas não é como se, fugindo, escapássemos ilesos às tentativas de captura. Hannah Arendt disse em entrevista, certa vez, que “se você é atacado enquanto um judeu, tem de se defender enquanto um judeu” (ARENDR, 2010, p. 157). Ela quis dizer que não é abdicando da rubrica “judeu” que se enfrenta a questão de como se estabelece um tratamento violento àqueles marcados por ela. Mesmo foragidos, já estamos marcados. Infelizmente não escolhemos inteiramente as marcas que nos são atribuídas. Porém, uma vez marcados, nos rebelamos e defendemos a partir da marca, torcendo a própria tentativa de cárcere, colocando em questão não só nossas condições invivíveis individuais, mas compartilhadas com aqueles marcados como nós, deslocamos as condições que garantem sentido aos aprisionamentos.

Cabines vazias, viro-me para o espelho embaçado do banheiro. Aí está você e suas citações achando que podem vir com suas penas e livros tentando escrever minha história. Decidir quem vive e quem morre.

Mas não sou eu quem decide! Só estou incluindo a dimensão violenta das políticas de identidade e políticas de reconhecimento dominantes em nossa sociedade. É justo por isso que é necessário apresentar isso aos leitores. Como faremos para produzir mais vidas dignas de serem vividas se não apresentamos suas condições indignas que foram historicamente orquestradas? Vivemos num mundo que não é só nosso e apenas para aqueles que se parecem conosco. Precisamos construir maneiras de tecer alianças, produzir coalizões⁶⁵. Precisamos ser confrontados com os modos de coexistir em que existimos e que ajudamos a construir. Você mesmo disse isso!

Será que fui eu? Ou foi você? Eu disse coisas muito oportunas para seu trabalho não é mesmo? Sejamos francos, você pode fazer diferente! Todo aquele papo de “manejar possíveis” e agora essa de lavar as mãos das mortes que você empreende em seu texto, do sangue com que escreve. Deve ser muito tranquilo produzir atrocidades do conforto do seu

⁶⁴ Reagon, 2000

⁶⁵ Reagon (2000).

sofá, de dar mais uma vez sentido a elas. É esse possível que você quer fazer prosseguir? É assim que a história acaba? Tragédia?

E o que espera que eu faça disso? Vá até aquele púlpito e faça algum discurso bonito, mobilizado pela tragédia? Essa deve ser a parte em que eu deixo a audiência boquiaberta, certo? Sendo incisivo e contundente, o herói que transforma ou salva o mundo e aprendidas as lições, volta renovado para seu povo. Quem vai ser a vítima do clímax dessa vez? Elias, Carmem ou Laura? Preciso saber para já citar em meu discurso na minha formatura, enquanto você recebe mais alguma titulação acadêmica. Por que o convite para ser orador da turma? Como posso falar em quinze minutos de um ano letivo inteiro, ou melhor, de doze anos de formação escolar de mais de trinta adolescentes e adultos? Como posso falar por todos que aqui passaram? Quem sou eu para falar por todos? Quem somos nós?⁶⁶

Sempre me faço essa pergunta.

Eu não sou representante de ninguém e não sou seu herói também. A não ser que essa seja minha “recusa ao chamado” à jornada do tal monomito e serei eu a morrer naquele púlpito. Deve ser mais fácil sustentar um herói morto do que um vivo. O mártir reúne a logística da tragédia e a sombra da vida invencível num mesmo corpo que perdurará póstumo por alguns anos, com sorte décadas.

Não quero morrer. *E não quero que mais ninguém morra, não desse jeito.* Então, não me venha dizer quem deve morrer ou não nessa história. *Que outras histórias podem ser contadas?* Talvez uma que conte como as pessoas fazem, dia após dia, para continuar por aqui com perspectivas de estar pelos próximos, sei lá, cinquenta anos; uma que inclua todos sentidos que precisamos e construímos diante da ausência de sentidos pré-existentes; de todos os remendos e bordados que fizemos para nos vestir, calçar, abrigar, comer, se locomover, nos divertir, amar; todas as soluções provisórias para as questões insolúveis que suportamos; todas as alianças improváveis que tivemos que construir para sair de enrascadas, para traçar estratégias de como persistir vivendo de um jeito mais vivível, que não seja através da dominação de alguém sobre outrem, nem do apagamento ou morte de alguém. Revire os clichês, modifique os enquadramentos dos lugares-comuns, derrube a coerência. Eu sei lá.

^{66c}Mas talvez se deva ir mais longe ainda para não reduzir o pensamento de Foucault a uma investigação sobre as identidades históricas. Considerando os seus últimos trabalhos sobre a história da sexualidade antiga, assiste-se com efeito a um esforço de Foucault para ultrapassar a problemática identitária. Poder-se-ia mesmo dizer que é contra a investigação identitária como tal que os últimos textos são escritos. O que se passa então com a questão: quem somos nós? [...] A partir daí, não se considerava mais como histórica a identidade como conteúdo, mas a identidade como forma da questão” (GROS, 1995, p. 175).

Seja o que for, faça logo. Precisamos de outras histórias, de outros possíveis. Agora eu preciso ir que já estão me chamando para o discurso.

E se eu não conseguir? Quais garantias de que posso escrever histórias diferentes? Ou de que as histórias que eu escrever não cairão em mais uma das armadilhas dos modos de contar hegemônico? E se, tentando apontar para determinadas vidas vulnerabilizadas aqui, eu inadvertidamente produzir argumentos que inviabilizam vidas igualmente vulnerabilizadas noutro lugar? Como me responsabilizar devidamente pelo que escrevo? Como essa história termina?

6.1. Vagalumes

Trata-se nada mais nada menos, efetivamente, de repensar nosso próprio “princípio esperança” através do modo como o Outrora encontra o Agora para formar um clarão, um brilho, uma constelação onde se libera alguma forma para nosso próprio Futuro. Ainda que beirando o chão, ainda que emitindo uma luz bem fraca, ainda que se deslocando lentamente, não desenham os vaga-lumes, rigorosamente falando, uma tal constelação? Afirmar isso a partir do minúsculo exemplo dos vaga-lumes é afirmar que em nosso modo de imaginar jaz fundamentalmente uma condição para nosso modo de fazer política. A imaginação é política, eis o que precisa ser levado em consideração. (Didi-Huberman, 2011 p. 60-61)

A professora Carmem me anuncia e me encaminha para o palco. Que bom que ela está aqui! É engraçado trajar beca. Sinto-me demasiadamente fantasiado. Para alguém acostumado ao anonimato e a invisibilidade, estar aqui em cima vestido assim é como estar num mundo que não é meu. Os holofotes me assombam. Há um refletor mirando a luz ofuscante em direção a meu rosto. Está claro e quente, mal consigo pensar. Ainda não consegui ver Laura e Elias. O que eu faço? Não consigo parar de pensar neles.⁶⁷

Uma voz grita “Lindo!” da plateia. Laura, também vestida de beca. Que alívio! Embora tenha optado por ler o discurso que preparei, ensaiei com Laura durante uma semana inteira. Queria deixar as palavras familiares na hora de chegar a um lugar nada familiar, o lugar das grandes luzes. Levamo-nos muito a sério quando estamos no palco e achamos que o que diremos ali é ou deve ser importante⁶⁸. As luzes criam essa ilusão. Na verdade, se ficarmos no palco por tempo demais com essa quantidade violenta de luz na cara, terminamos cegos. Por sorte um pequeno problema técnico apaga momentaneamente todas as luzes da quadra esportiva onde está sendo realizada a formatura. Todos reagem com urros e risos.

⁶⁷Mas é preciso opor a esse desespero “esclarecido” o fato de que a dança viva dos vaga-lumes se efetua justamente no meio das trevas. E que nada mais é do que uma dança do desejo formando comunidade. (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.55)

⁶⁸ Reagon, 2000.

Lembro que lá em casa quando falta luz ouvimos vozes vindas de todas as direções da vizinhança urrando e rindo. O mesmo ocorre quando ela retorna. Parece um acordo tácito entre pessoas que muitas vezes sequer se conhecem. Comemoro em pensamento não ter que encarar aqueles rostos na plateia olhando para mim. A escuridão me conforta por um tempo. É quase irônico meu nome significar “sol” e eu ter a luminescência pessoal de um vagalume: uma luz intermitente, vacilante, vagueando pelas trevas. Algumas luzes são assim, precisam da escuridão para aparecer, para se sentirem reconhecidas. Infelizmente, percebo que não há tempo agora para contemplar vagalumes, talvez mais tarde. Hoje estou orador da turma. As grandes luzes se reacendem como se respondessem meu pensamento de “tudo bem, aqui vou”. Subo ao palco. As luzes em meu rosto turvam minha visão. Mas por um instante vejo outros rostos familiares na plateia. Minha mãe e minha avó estão sentadas na fileira de cadeiras mais próximas ao púlpito. Otto, sentado junto à Laura, me endereça seu sorriso mais bonito. Mais ao fundo da quadra, vejo o psicólogo-carteiro a me a encarar, sentado ao lado de uma senhora de cabelos curtos grisalhos e uma expressão séria. De lá do púlpito, vejo enfim Elias chegar. Ele me acena e eu aceno de volta com um sorriso largo. Pronto. Dessa vez, não estou sozinho, os vagalumes me acompanharam, mesmo que turvos ou invisíveis. O projetor começa a exibir fotos da turma. É meu sinal para começar.

Boa noite a todos.

Fui eleito para falar algumas palavras sobre a experiência de fazer parte do corpo discente da turma 3C do terceiro ano do ensino médio. Início com uma pergunta aos formandos: Quem somos nós?⁶⁹. Estou há dias pensando sobre o que poderia falar que contemplasse de partida experiências comuns de tantos alunos. Tendemos a responder com identidades, mas elas não são o conteúdo desse problema, mas a “forma da questão”⁷⁰. Percebi (depois de muito insistir na busca de um relato preciso) que era impossível, que meu discurso parte do fracasso de tentar fazer caber vidas inteiras em alguns minutos de fala. Estou falando de um grupo heterogêneo de pessoas com vidas muito distintas e eu mal conheço metade dos membros da turma. Então, falar aqui em nosso nome é a tarefa impossível em que me encontro. Cada colega meu que adentra aquele portão trajando beca e

⁶⁹“A pergunta mais central para o reconhecimento é direta e voltada para o outro: ‘Quem és tu?’. Essa pergunta pressupõe que diante de nós há um outro que não conhecemos e não podemos apreender totalmente, alguém cujas unicidade e não substituíbilidade impõem um limite ao modelo de reconhecimento recíproco oferecido no esquema hegeliano e, em termos mais gerais, à possibilidade de conhecer o outro.”(BUTLER, 2015, p.45)

⁷⁰Gros, 1995.

meu discurso fracassará um pouco mais e precisará ser revisto⁷¹. Quem somos nós? O que nos conecta aqui nesse momento a despeito de termos ou não algum apreço uns pelos outros? Por que nos reunimos para nos formarmos?

Esses eventos que visam fechar ciclos nos convocam não só a uma celebração (quase forçada, mas até que bem-vinda) a quem somos e onde estamos, mas também a uma expectativa sobre quem seremos e para onde vamos. Dimensões temporais se encontram aqui com um acúmulo de histórias de quem fomos e onde estivemos de que jamais daremos conta por completo, mas que sentimos na atmosfera que elas criam, é como chegar a uma encruzilhada temporal. O tempo não é uma rodovia, mas encruzilhadas⁷². Não sei o que se formar no ensino médio representa para cada um de meus colegas agora. Mal começo a digerir o que representa para mim. Também não sei o que pretendem fazer a partir dessa formatura. É-nos legada uma tarefa, uma que até aqueles que nos precederam se viram em apuros tentando dar um jeito: a tarefa de coexistir. Então, não se desesperem se não possuírem respostas confiáveis, pois elas estão sempre por se fazer. Desesperem-se, no entanto, se as perguntas se esgotarem, se tudo estiver claro e preciso a ponto de que vocês apenas prossigam como se os caminhos já pavimentados fossem os únicos possíveis; se vocês passarem a se definir por apenas uma dessas dimensões temporais; se as histórias possíveis e os mundos que elas viabilizam se tornarem cada vez mais restritas. As perguntas nos devolvem às encruzilhadas, e nossas ações só ganharão um sentido responsável e político se compreendermos que elas partiram de uma encruzilhada, que estamos dando um jeito diante das nebulosidades e ausência de receitas, e prosseguirmos cintilando intermitentes pela escuridão como quem carrega uma vela cuja pouca luminosidade permite ver apenas alguns passos adiante.

Sustentar-se nas encruzilhadas é posicionar-se diante da pergunta “quem é você?”⁷³ e não para deixá-la de lado ou esvaziá-la, mas para mantê-la em aberto. Não deixem que a

⁷¹ Reagon, 2000

⁷²“Se a imaginação - esse mecanismo produtor de imagens para o pensamento - nos mostra o modo pelo qual o Outrora encontra, aí, o nosso Agora para se liberarem constelações ricas de Futuro, então podemos compreender a que ponto esse encontro dos tempos é decisivo, essa colisão de um presente ativo com seu passado reminiscente”. (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.61)

⁷³“Quando pedimos para conhecer o outro, ou pedimos para que o outro diga, final ou definitivamente, quem é, é importante não esperar nunca uma resposta satisfatória. Quando não buscamos a satisfação e deixamos que a pergunta permaneça aberta e perdure, deixamos o outro viver, pois a vida pode ser entendida exatamente como aquilo que excede qualquer relato que dela possamos dar. Se deixar o outro viver faz parte da definição ética do reconhecimento, tal definição será baseada mais na apreensão dos limites epistêmicos do que no conhecimento” (BUTLER, 2015, p.61)

respondam sem vocês, mas, sobretudo, não tentem responder a essa pergunta sozinhos. Minha avó sempre me diz que “não somos ninguém sozinhos e que não vamos a lugar algum sem cooperação”. Ser ninguém é trágico, solitário, invivível. As alianças são nosso único jeito de prosseguirmos vivos, e a cada novo aliado o “quem sou” se transforma. Somos alguém, e sê-lo é isso: cintilar juntos e intermitentes na escuridão como um enxame de vagalumes dançando uns para os outros.

Não descartem nem presumam a autoevidência de suas memórias e as marcas que lhe foram impelidas. Olhem para suas histórias não como quem busca a si mesmo no passado, mas como quem ativamente se reposiciona em relação a ele e a si mesmo. Viajem pelas antigas e imaginárias versões de si de que se lembram e encarem-nas como se tivessem acabado de se conhecer, deixe-as contar-lhes suas histórias, seus legados. O importante não é investigar as histórias em si mesmas, mas lançar adiante os rastros que nos constituíram.

Quem somos nós?⁷⁴ A pergunta insistente. Quero dizer aos meus colegas formandos que mesmo que, durante esse ano letivo, eu não tenha conhecido devidamente todos vocês,

⁷⁴ Gros (1995) em seu breve artigo sobre a questão de “quem somos nós?” em Foucault, nos apresenta que a relação deste último com as identidades históricas não se deu por rompimento, mas por deslocamento da questão. Foucault, segundo Gros, deixa de pesquisar sobre o que são as identidades históricas, mas não deixa de pesquisar sem elas, sem levá-las em conta. No curso de sua obra, a identidade deixa de ser uma questão ontológica para ser epistemológica, a identidade como modo de conhecer, já estando embutida nas condições de elaboração da pergunta “Quem sou?”. Butler (2015) aponta que a questão de “quem sou” está condicionada a pelo menos dois lugares enunciativos: o “eu” interpelado e o “tu” que o interpela. À pergunta “Quem eu sou?” está atrelada invariavelmente a interpelação “Quem és tu?”. A questão está, assim, cindida desde o início, referenciada àquele que me interpela. Por outro lado, pensando junto a Alcoff (2016), a identidade como questão epistemológica, me arrisco a dizer, não diz respeito a uma epistemologia qualquer. A forma da pergunta se constitui no colonialismo que caracteriza, especialmente, o mundo ocidental. A questão “quem somos nós?” que Foucault desloca está confeccionada nos termos epistemológicos eurocêntricos colonialistas, o colonizador tem sido o paradigma do interlocutor. Essa impressão me convida a pensar as discussões pós e decoloniais (que esta dissertação mal se aproxima no momento, mas que pretendo desdobrar numa possível tese de doutorado), visando compreender formas outras de se constituir ou de se posicionar diante da demanda colonialista de “quem somos”. Jesus (2016) me lembra como as identidades foram historicamente originadas de operações de dominação. O colonial é o método dessa dominação. Povos de diferentes etnias, nativos do continente africano e americano se tornam “negros” e “indígenas” no encontro com o colonizador; povos igualmente diversos do sul global americano se tornam “latinos” no encontro com o imperialismo estadunidense; sexualidades e composições de gênero diversas se tornam “homossexuais” e “transsexuais” no encontro com as ciências médicas (brancas e heterossexuais). Mas pegamos todas essas marcas históricas e, não só nos constituímos delas, mas, sobretudo, nos apropriamos delas e decidimos em algum ponto o que faremos do que fazem de nós.

Concordo com Alcoff (2016) e Djamilia (2017) quando afirmam que, na medida em que as identidades minoritárias marcam e distribuem diferencialmente o poder e a credibilidade dificultando não só nosso acesso a condições materiais de sobrevivência, mas também o acesso aos debates políticos e filosóficos, não basta apenas deslocar a questão do identitário como se ela fosse essencialmente genérica ou universal, como se ela também não tivesse etnia, gênero, sexualidade, classe, etc. Abdicar de vez da questão por ela estar impregnada dessas marcas também não é politicamente interessante, porque à “mulher negra”, ou à “mulher lésbica deficiente” ou ao “homem trans”, ou a qualquer um marcado diferencialmente pela hegemonia não será dado o luxo de abdicar de sua etnia, gênero, sexualidade, etc. em favor de um comum generalista supostamente revolucionário. É de maior interesse compreender quais as estilizações e arranjos que operamos com e a respeito das identidades que nos são atribuídas, com a pretensão de abrir as categorias sem nos furtar das marcas históricas a partir das quais nos levantamos. Quais outras enunciações de si se constituem entre aqueles marcados como o “outro” dessa equação? Que outras histórias e identidades históricas não têm sido contabilizadas pela esfera política mais

tenha rido seus risos, chorado suas lágrimas, partilhado de suas marcas, estou muito contente de estar aqui com todos vocês e desejo profundamente que tenhamos vidas vivíveis, que possamos coexistir tendo isso por objetivo. E se as coisas ficarem difíceis que possamos pensar juntos maneiras de forjar alianças que garantam que não desapareçamos definitivamente na escuridão. Produzir alianças é um trabalho muito difícil eu sei, mas eu desejo que possamos nos encontrar em meio ao breu, e cintilar juntos. Porque eu sou *vocês*.

Obrigado!

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda. Vídeo: **The danger of a single story | Chimamanda Ngozi Adichie**. 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg&t=6s>> Acesso em: 03 dez 2017
- ALCOFF, Linda M. Uma epistemologia para a próxima revolução. **Soc. estado.**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 129-143, Abril, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922016000100007> acesso em abr 2018.
- ANZALDUA, Glória. Como domar uma língua selvagem. In: **Caderno de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa**. nº 39 p. 303-318, 2009. Disponível em: www.uff.br/cadernosdeletrasuff/39/traducao.pdf acesso em
- _____, Glória. La conciencia de la mestiza/ Rumo a uma nova consciência. In: **Estudos Feministas**, ano 13(3), p. 704-719, setembro-dezembro, 2005.
- _____, Glória. Falando em línguas: uma carta para mulheres escritoras do terceiro mundo. In: **Estudos Feministas**, ano 8, p. 229-236, 1º semestre, Florianópolis, 2000
- AQUINO, Julio G. & Ó, Jorge R. Em direção a uma nova ética do existir: Foucault e a experiência da escrita. **Educação e Filosofia**. Uberlândia, v. 28, n. 55, p. 199-231, jan./jun. 2014.
- ARENDT, Hannah. Sobre Hannah Arendt. **Inquietude**, vol 1, n 2. Goiania, p. 123-163. ago-dez, 2010
- _____, Hannah. **O que é Política?** 6ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.

ampla? Figuras como a *mestiza* de Anzaldua (2005) e o ciborgue de Haraway (2009), parecem-me se tratar (cada uma a seu modo) de maneiras de se compreender e posicionar diante do colonialismo em que nos encontramos, apontando não só para as normativas colonizadoras, mas para as estilizações que nossos corpos operam e nas quais se produzem, os hibridismos e torções discursivas que produzem ruídos e estática nos discursos hegemônicos, capazes de miná-los de dentro. Não são discussões pautadas no expurgo das identidades como tema e elemento importante nas reflexões, elas não abdicam das marcas históricas comuns, mas incluem as provisoriiedades e opacidades que nos são constitutivas. Desse modo se montam comuns a partir daquilo que não se estabiliza em nós, daquilo que constitutivamente não será apaziguado em nossas subjetividades, do fato de que somos inconclusos, mas comprometidos em não negligenciar as marcas do racismo, sexismo, heterossexismo, antisemitismo, capacitismo e demais modelos de dominação e discriminação de sujeitos.

_____, Hannah. Walter Benjamin (1892 a 1940). In: **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas: Magia e técnica, arte e política**. 3ªEd. São Paulo: Ed Brasiliense, 1987.

BUTLER, Judith. Para pensar o presente, Primo Levi. In: **Caminhos Divergentes: Judaicidade e crítica do sionismo**. São Paulo: Boitempo, 2017.

_____, Judith. Corpos que ainda importam. In: COLLING, Leandro (org.). **Dissidências sexuais e de gênero**. Salvador: EDUFFBA, 2016a. p. 19-42

_____, Judith. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?** 2ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016b.

_____, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Belo Horizonte: Ed Autentica, 2015.

_____, Judith. O que é a crítica? Um ensaio sobre a virtude em Foucault. In: **Cadernos de Ética e Filosofia Política**. São Paulo, n. 22, 2013. p.159-179

_____, Judith. Vida precária. In: **Contemporânea – Dossiê diferenças e (des)igualdades**. UFSCAR: Santa Catarina, n. 1, p.13-33, jan-jun, 2011.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Editora Cultrix/Pensamento. São Paulo, 1949.

CORNEJO, Giancarlo. A Guerra Declarada contra o menino afeminado. In: MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 69-78

_____, Giancarlo. Por uma pedagogia queer da amizade. In: **Áskesis** v.4, n.1, p. 130-142. Janeiro-junho, 2015. Disponível em:
<<http://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/47>> Acesso em 20 mai 2018

DIDI-HUBERMAN. Georges. **Sobrevivência dos Vagalumes**. Belo Horizonte : Editora UFMG, 2011

FACHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?: Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**. Rio de Janeiro: Ed. Garamond Universitária, 2005.

FERRARI, Anderson. “Monalisa” e Homossexualidades: Jogos Discursivos e de Poder na Construção das Identidades no Contexto Escolar. In: COSTA, Horácio et al. (Org.). **Retratos do Brasil Homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos**. São Paulo: EDUSP, 2010. p. 647-656

FERREIRA, Marcelo S. Walter Benjamin e a questão das narratividades. In: **Mnemosine** vol.7 nº2, p.121-133. Departamento de Psicologia Social e Institucional UERJ: 2011

_____, Marcelo S. Enunciações de si em estudos sobre as sexualidades: proposições metodológicas. In: FERREIRA, Marcelo S.; MORAES, Márcia (org.). In: **Políticas de**

pesquisas em psicologia social. Rio de Janeiro: Nova Aliança Editora e Papéis, 2016. p. 93-116.

FOUCAULT, Michel. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. **Verve.** n. 5, p. 260-277, 2004a.

_____, Michel. Tecnologias de si. **Verve.** n. 6, p. 321-360, 2004b.

_____, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber.** 13ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____, Michel. **História da sexualidade II: O uso dos prazeres.** 8ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FRY, Peter & MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade.** São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

FURLANI, Jimena. **“Ideologia de Gênero”? Explicando as confusões teóricas presentes na cartilha.** Versão Revisada 2016. Florianópolis: FAED, UDESC. Laboratório de Estudos de Gênero e Família, 09 pp, 2016b. Disponível em: <<https://www.facebook.com/jimena.furlani>>. Acesso em: 31 jan 2016.

_____, Jimena. Vídeo: **Ideologia de Gênero – Parte 1/6 – Quem criou, por que e para quê?**. 2016b. Disponível em: <<https://youtu.be/5ro1O10l0v80>>. Acesso em: 21 jun 2017.

_____, Jimena. Vídeo: **Ideologia de Gênero – Parte 2/6 – A “Teoria da Conspiração” de Marx a Butler.** 2016c. Disponível em: <<https://youtu.be/e2qtqtWUb4>>. Acesso em: 21 jun 2017.

_____, Jimena. Vídeo: **Ideologia de Gênero – Parte 3/6 – Sexo é da Biologia e Gênero é da sociedade e da cultura.** 2016d. Disponível em: <<https://youtu.be/5ro1O10l0v80>>. Acesso em: 21 jun 2017.

GROS, Frederic. Foucault e a questão do *quem somos nós?* **Tempo Social;** Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 7(1-2), p. 175-178, outubro de 1995.

GUATTARI, Felix & ROLNIK. **Micropolítica. Cartografia do Desejo.** Petrópolis, Vozes, 2000

HARAWAY, Donna. O Manifesto Ciborgue. In: **Antropologia ciborgue: as vertigens do pós-humano.** 2ªed. Belo Horizonte, Autêntica, 2009. P. 33-118.

_____, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. In: **Cadernos Pagu,** v.5. p. 7-41. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.

JESUS, Jaqueline Gomes de. As guerras de pensamento não ocorrerão nas universidades In: COLLING, Leandro. **Dissidências sexuais e de gênero.** Salvador: EDUFFBA, 2016, p. 218-232.

LOURO, Guacira L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: 1997.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016

PRECIADO, Beatriz. **Manifiesto contra-sexual: prácticas subversivas de identidade sexual**. Madrid: Opera Prima, 2002.

REAGON, Bernice J. Coalition politics: turning the century. In: SMITH, Barbara **Home girls: A Black feminist anthology**. Kitchen Table: Woman of color press, 1983. Reprinted by: Rutgers University Press, New Jersey, 2000

RODRIGUES, Alexandro, et al. Crianças bichas demasiadamente fabulosas. In: **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, V. 3 N. 1 – pag 10-25. Mar - jun 2017.

_____, Alessandro; ZAMBONI, Jésio; ROCON, Pablo Cardozo. Corpos, gêneros e o uso de banheiros na universidade pública. In: RODRIGUES, A.; MONZELI, G.; FERREIRA, S. R. da S. (organizadores). **A política no corpo: gêneros e sexualidade em disputa**. Vitória : EDUFES, 2016. P. 67-84

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte, MG: Letramento: Justificando, 2017.

SCOTT, Joan. A invisibilidade da experiência. Em. **Proj. História**, n 16, p. 297-335. São Paulo, fev, 1998. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11183/8194> acesso 05 de março, 2018.

SEDGWICK, Eve K. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 28, p. 19-54, junho de 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 13ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SILVEIRA FILHO, Franciscos M. A Crise da Masculinidade Contemporânea. In: COSTA, Horácio et al. (Org.). **Retratos do Brasil Homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos**. São Paulo: EDUSP, 2010. p. 946-958

SZYNBORSKA, Wislawa. **Poemas**. Seleção, tradução e prefácio de Regina Przybycien. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 77-78.

TREVISAN, João S. Homocultura e Política Homossexual no Brasil: do passado ao por-vir. In: COSTA, Horácio et al. (Org.). **Retratos do Brasil Homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos**. São Paulo: EDUSP, 2010. p. 55-66

WOODWART, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 13ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p 7-72

ZAGO, Luis F. Homens, Homens Gays. In: COSTA, Horácio et al. (Org.). **Retratos do Brasil Homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos**. São Paulo: EDUSP, 2010. p. 1035-1034

ZAMBONI, Jésio. **Educação Bicha: uma a(na[l])rqueologia da diversidade sexual**. 115 f. Tese (Doutorado). Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, 2016.

ZAMBRA, Alejandro. **Formas de voltar para casa**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.